



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro



GUSTAVO FERREIRA PRADO

**A CIDADE E SEUS PATRIMÔNIOS: UM ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS,
MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DA PRAÇA CENTRAL E DO SEU ENTORNO
EM PIRASSUNUNGA - SP**

RIO CLARO – SP

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

GUSTAVO FERREIRA PRADO

**A CIDADE E SEUS PATRIMÔNIOS: UM ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS,
MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DA PRAÇA CENTRAL E DO SEU ENTORNO
EM PIRASSUNUNGA - SP**

Dissertação para a defesa de Mestrado
apresentada ao Instituto de Geociências e
Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Cristina Risso

RIO CLARO – SP

2019

P896c	Prado, Gustavo Ferreira A cidade e seus patrimônios : um estudo das experiências, memórias e representações da praça central e do seu entorno em Pirassununga - SP / Gustavo Ferreira Prado. – Rio Claro, 2020 145 f. : tabs., fotos, mapas Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro Orientadora: Luciene Cristina Risso 1. Geografia. 2. Experiências. 3. Patrimônio cultural. 4. Lugar. 5. Representações. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

GUSTAVO FERREIRA PRADO

**A CIDADE E SEUS PATRIMÔNIOS: UM ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS,
MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DA PRAÇA CENTRAL E DO SEU ENTORNO
EM PIRASSUNUNGA - SP**

Dissertação para a defesa de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Cristina Risso

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Luciene Cristina Risso – Orientadora

Proa. Dra. Bernadete Ap. Caprioglio de Castro

Prof. Dr. Eduardo Marandola Jr.

Data da defesa: 18/12/2019

Resultado: Aprovado

Rio Claro – SP

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por concluir esta dissertação e à minha família por sempre me auxiliar e colaborar para a realização dos meus sonhos. À minha querida mãe, Vilma, pela paciência, dedicação, carinho e amor, sua presença sempre é insubstituível.

Em Pirassununga, agradeço a todos aqueles que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa e que me ajudaram muito com dados, informações e histórias importantes;

À Secretaria Municipal de cultura e turismo que busca incansavelmente a preservação e valorização da cidade;

Aos entrevistados nesta pesquisa que me receberam de forma muito acolhedora e tiveram disposição em participar do trabalho;

À todos os colegas de trabalho da Escola Estadual Profa. Therezinha Rodrigues por todos os incentivos prestados à minha pessoa em todos esses anos.

Em Rio Claro, agradeço aos excelentes professores que trabalham e lecionam na pós-graduação de geografia da UNESP, o trabalho de vocês transforma e faz a diferença;

À todos os colegas e amigos da pós-graduação que por vários momentos me ajudaram em ocasiões onde eu mais precisava;

Aos funcionários do IGCE e da biblioteca;

Por fim agradeço em especial à profa. Dra. Luciene Cristina Risso, orientadora desta pesquisa, por acolher meu projeto de braços abertos, pela paciência, parceria, conselhos, sugestões e por todo o carinho doado desde o início a mim e ao meu trabalho. Muito obrigado por me ajudar a realizar um dos maiores sonhos da minha vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Pirassununga é um dos municípios do Estado de São Paulo. Localizado na região administrativa de Campinas, está completando seus 196 anos de história e memória. Seu surgimento e consequente desenvolvimento estão ligados às atividades produtivas em expansão na região durante o século XIX. As atividades no município impulsionaram historicamente a construção da praça central, onde há uma relação a ser estabelecida junto aos patrimônios do entorno. Assim surgiu o desejo de se estudar o espaço público central da cidade enfatizando o conceito de lugar, focando patrimônios urbanos e recontando a história do ponto de vista dos moradores com suas memórias-lembranças.

Os procedimentos metodológicos incluíram revisão de literatura, leituras, história oral pela população mais velha e representações feitas pelos mais jovens com a análise de mapas mentais, a fim de estabelecer ressignificações através da perspectiva experiencial e contribuindo como base para a elaboração de políticas públicas que preservem e valorizem os patrimônios e espaços públicos e desse modo busca-se contribuir com a ciência geográfica e produzir um marco importante para a história de Pirassununga e de seus habitantes.

Palavras-chave: 1. Pirassununga; 2. Praça central; 3. Patrimônios; 4. Lugar; 5. Representações; 6. Perspectiva experiencial.

ABSTRACT

Pirassununga is one of the municipalities of the state of São Paulo. Located in the administrative region of Campinas, is completing its 196 years of history and memory. Its emergence and consequent development are linked to the expanding productive activities in the region during the nineteenth century. Activities in the municipality have historically boosted the construction of the central square, where there is a relationship to be established with the surrounding heritage. Thus arose the desire to study the central public space of the city emphasizing the concept of place, focusing on urban heritage and retelling the story from the point of view of residents with their memories-memories.

The methodological procedures included literature review, readings, oral history by the older population and representations made by younger people through the analysis of mind maps, in order to establish resignifications through the experiential perspective and contributing as a basis for the elaboration of public policies that preserve and value the heritage and public spaces and thus seek to contribute to geographical science and produce an important milestone for the history of Pirassununga and its inhabitants.

Keywords: 1. Pirassununga; 2. central square; 3. Heritage; 4. place; 5. Representations; 6. Experiential perspective.

Lista de figuras

Figura 01 – Exemplo de mapa mental 1.....	30
Figura 02 – Exemplo de mapa mental 2.....	30
Figura 03 – Fusão de mapas de 1766 e 1773 feita por Manuel Pereira de Godoy (1975)	43
Figura 04 – Imagem do Senhor Bom Jesus dos Aflitos.....	45
Figura 05 – Antiga Igreja Matriz de Pirassununga (situada defronte à Rua dos Lemes, 1828).....	47
Figura 06 – Mapa elaborado por Manuel Pereira de Godoy de Pirassununga em 1868	49
Figura 07 – Imagem de satélite da cidade de Pirassununga retratando aproximadamente a área da vila de 1868	50
Figura 08 – Rua José Bonifácio (Antiga Rua do Calvário) – foto do final do século XIX	51
Figura 09 – Bandeira da cidade de Pirassununga.....	52
Figura 10 – Rua Duque de Caxias (Antiga Rua Santa Rita) – foto do final do século XIX	53
Figura 11 – Segunda foto da Rua Duque de Caxias (Antiga Rua Santa Rita) – foto do final do século XIX.....	53
Figura 12 – Rua XV de Novembro (Antiga Rua da Constituição) – foto do final do século XIX	54
Figura 13 – Segunda foto da Rua XV de Novembro (Rua da Constituição) – foto do final do século XIX.....	54
Figura 14 – Escola Normal de Pirassununga (hoje: Escola Estadual Pirassununga) - 1939	58
Figura 15 – Fiação e tecelagem de Pirassununga (1924).....	60
Figura 16 – Quartel do 2º Regimento de Cavalaria Divisionária – foto do século XX	61
Figura 17 – E.E. Pirassununga – Antiga Escola Normal	67
Figura 18 – Incêndio nas dependências da antiga Escola Normal (1981)	67
Figura 19 – Casa com arquitetura do início do século XX ao lado da Igreja Matriz sendo demolida em 2011	68
Figura 20 – Terreno baldio onde antes era localizada a casa da fig. 19.....	68

Figura 21 – Antigo sobrado que foi demolido	69
Figura 22 – Cooperativa de crédito após demolição	69
Figura 23 – Câmara Municipal de Pirassununga.....	70
Figura 24 – Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos	71
Figura 25 – Prédio do Banco do Brasil.....	71
Figura 26 – Localização dos patrimônios urbanos no entorno da praça central estudada	72
Figura 27 – Banco da praça com apelo ao cuidado ao lugar	74
Figura 28 – Imagem de satélite da praça central de Pirassununga.....	75
Figura 29 – Primeiro Coreto da Praça central de Pirassununga	76
Figura 30 – Praça central: foto tirada entre 1902 e 1912	78
Figura 31 – Segundo Coreto da Praça central de Pirassununga	79
Figura 32 – Coreto da Praça central de Pirassununga, construído em 1939 e que permanece até hoje.....	80
Figura 33 – Bancos da praça de Pirassununga.....	80 /81
Figura 34 – Coreto da praça central restaurado.....	83
Figura 35 – Placa sinalizando e demarcando o local	84
Figura 36 – Praça central da cidade de Pirassununga – década de 1980	85
Figura 37 – Réplica da praça central de Pirassununga por volta de 1960	87
Figura 38 – Praça “Conselheiro Antônio Prado” – década de 1950	88
Figura 39 – Passeios entre rapazes e moças na praça central – foto tirada entre 1950 e 1960	90
Figura 40 – Corporação musical pirassununguense em apresentação do Dia 07 de Setembro – foto da década de 1970	93
Figura 41 – Movimentação na entrada do antigo Cine Jossandra – foto da década de 1970.....	97
Figura 42 – Escola Estadual Pirassununga – Patrimônio histórico tombado (foto tirada entre 1950 e 1960)	104
Figura 43 – Praça central com o Santuário e a EEP ao fundo – foto de 1955	107
Figura 44 – Prédio do Banco do Brasil (Antiga Caixa Econômica Estadual) – foto da década de 1970.....	108
Figura 45 – Casa Chamma – ano desconhecido	109
Figura 46 – Banco “Eduardo Araium”	110

Figura 47 – Banco “Casa Mimi”	111
Figura 48 – Banco “Leiteria São Jorge”	112
Figura 49 – Banco “Casa Vermelha”	113
Figura 50 – A “Casa Vermelha” do Major João da Motta Cabral – foto de 1897	114
Figura 51 – Banco “Curtume Gruninger”	114
Figura 52 – Banco “Farmácia Moraes”	116
Figura 53 – Banco “Armazém de secos e molhados de Manoel Paulino”	117
Figura 54 – Banco “Cerâmica Tupy”	117
Figura 55 – Banco “Máquina de arroz”	119
Figura 56 – Banco “Tipografia Odeon”	120
Figura 57 – Banco “Pirassununga 51”	120
Figura 58 – Banco “Savastano Alfaiate”	121
Figura 59 – Mapa mental 01.....	124
Figura 60 – Mapa mental 02.....	125
Figura 61 – Mapa mental 03.....	126
Figura 62 – Mapa mental 04.....	127
Figura 63 – Mapa mental 05.....	128
Figura 64 – Mapa mental 06.....	129
Figura 65 – Mapa mental 07.....	130

Lista de quadros

Quadro 01 – Nomes antigos e atuais das primeiras ruas de Pirassununga.....	48
--	----

Lista de tabelas

Tabela 01 – Valores de produção agrícola em 2000 (Pirassununga)	64
Tabela 02 – Área plantada por culturas em 2011 – Pirassununga	65

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	11
II - OBJETIVOS	14
a) OBJETIVOS GERAIS	14
b) OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
III - METODOLOGIA.....	15
CAPÍTULO 01	
- EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES.....	19
1.1 A imageabilidade da cidade	25
1.2 A representação como fruto das experiências urbanas	27
CAPÍTULO 02	
- A CIDADE E SEUS PATRIMÔNIOS URBANOS	32
CAPÍTULO 03	
- CONHECENDO A ÁREA DE ESTUDO – HISTÓRIA OFICIAL DE PIRASSUNUNGA E SEUS PATRIMÔNIOS URBANOS	42
3.1 Patrimônios urbanos de Pirassununga	66
CAPÍTULO 04	
- A PRAÇA “CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO”: OS USOS E A MEMÓRIA .	75
CAPÍTULO 05	
- RESULTADOS	86
5.1 As memórias-lembranças da praça e entorno pela população mais velha	87
- Arborização do ambiente	87
- A socialização e os encontros na praça.....	89
- Corporação Musical Pirassununguense “16 de Julho” – desde 1902 até os dias atuais.....	91
- Sistema de alto-falantes municipal: participação, entretenimento e Informações	93
- Frequência de público na praça	94
- A era dos cinemas do entorno da praça	95
- Praça: ponto de referência	97
- Significação da praça “Conselheiro Antônio Prado” hoje.....	98
- Carnaval e a praça central.....	100
- Preservação patrimonial	101
- Principais patrimônios no entorno da praça: Escola Estadual Pirassununga.....	102
- Os bancos da praça e as memórias	109
5.2 As representações da praça e entorno pela população mais jovem	122

CAPÍTULO 06	
- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	132
IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
V - REFERÊNCIAS	139

I. INTRODUÇÃO

As cidades são estudadas em diversas áreas do conhecimento e de formas múltiplas. Na ciência geográfica, a cidade e o urbano são refletidas a partir de diversas correntes de pensamento.

Nessa pesquisa, tem-se como ponto de partida, a Geografia Humanista, desvelando como a cidade é apreendida pelos seus moradores, pelo vivido, pelas experiências urbanas. Concorde-se com Ana Fani Carlos (2007), autora em Geografia urbana, pois ela entende a cidade como uma prática, pelo qual se realiza a vida na cidade. A diferença é que nesse caminho elegido, o objetivo se alinha e contribui com as experiências humanas nas cidades e não somente nas contradições e conflitos como insere o debate os geógrafos urbanos marxistas. Vale dizer, que embora cientes dessa visão e de sua importância, exploram-se outros métodos e outras dimensionalidades.

A Geografia Humanista torna-se de extrema relevância para o presente estudo pois ela nos leva a refletir, a descrever e a interpretar as subjetividades presentes na paisagem urbana.

Atualmente, soma-se os estudos do urbano e das cidades, a questão patrimonial.

Cientes que o processo de reprodução do espaço urbano destruiu vários referenciais urbanos em busca do novo, o debate patrimonial tornou-se essencial, no âmbito da sua proteção.

Muitas das nossas cidades brasileiras tiveram seus patrimônios destruídos e demolidos para serem construídos estacionamentos, prédios (verticalização), enfim, o novo.

Associado à discussão internacional e nacional de patrimônio, monumentos e edifícios considerados valorizados (localmente e até internacionalmente) passaram pelo processo de patrimonialização, até serem oficialmente protegidos. Atualmente, o debate perpassa a questão de monumentos, indo em direção a uma visão integrada e mais inclusiva de patrimônio.

Por isso, visa-se nesse trabalho, identificar histórias, memórias e

representações de patrimônios a partir da visão da população.

Pirassununga possui vários bens patrimoniais, mas escolheu-se pesquisar a praça central devido à sua centralidade em referências e por ser um espaço de socialização que resiste através dos tempos.

Assim, essa pesquisa geográfica visa mostrar a visão de uma parte da população sobre a praça e seu entorno na cidade de Pirassununga, situada no interior do Estado de São Paulo, coletando as memórias dos mais velhos e a visão dos mais jovens, através da análise de representações espaciais (mapas mentais), afim de observar, analisar criticamente e compreender aspectos fundamentais da percepção ambiental das pessoas pois somente dessa forma que serão possíveis proposições de mudanças, colaborações e estudos posteriores de aprofundamento.

Partindo das premissas das ciências humanas, é relevante considerar que a história e as memórias de um povo não devem ser perdidas, mas sim preservadas através das gerações afim de garantir a manutenção da identidade social buscando o desenvolvimento da cidadania.

Esse trabalho justifica-se na busca e reconstrução de memórias-lembranças, entendidas como uma reconstrução do passado, emprestando os dados do presente (HALBWACHS, 2003) com vistas à valorização histórica, social e cultural futura da praça do centro da cidade de Pirassununga e os patrimônios que se localizam ao redor.

Observa-se que a cidade de Pirassununga no interior de São Paulo possui estudos geográficos incipientes e esta pesquisa pretende desvendar significados construídos pela população local em relação aos patrimônios.

Baseando-se nos fatos históricos, nas vivências locais e no cotidiano das pessoas e da própria cidade de Pirassununga, vislumbra-se que dentre os elementos do centro da cidade, a praça central é um local extremamente conhecido pelos moradores e possui extrema importância para eles, “guardando” muitas histórias, fatos e eventos que com o passar dos anos foi fazendo parte da vida de cada um de maneira singular.

É importante salientar que este trabalho poderá servir de auxílio e colaboração em outras pesquisas futuras fomentando informações e debates.

Assim, essa dissertação está organizada da seguinte forma:

O primeiro capítulo aborda as experiências urbanas e como elas podem

ser representadas, além de trazer os conceitos de percepção e memórias.

Há uma explanação do conceito de lugar (TUAN, 1983) e da importância dos cinco sentidos humanos na compreensão das representações das cidades (LYNCH, 2006). Dialoga-se como a representação da cidade é relevante nos estudos urbanos quando há enfoque singular do homem para com os múltiplos elementos. Explica-se o conceito da topofilia (TUAN, 2012) que pode ser denominado como a afeição, as experiências e os valores que o ser humano possui com seu lugar.

O segundo capítulo aborda “A cidade e seus patrimônios urbanos”, a importância dos patrimônios (especialmente os materiais) em ambientes urbanos e os exemplos desses estudos com alguns autores que contribuem muito com suas experiências e estudos doravante realizados. Explica-se os benefícios da preservação dos bens patrimoniais para a sociedade como um todo e os desafios que se impõem para a manutenção dos patrimônios nas áreas urbanizadas destacando esses aspectos na cidade de Pirassununga.

Em se tratando do terceiro capítulo, foi elaborada uma contextualização histórica da cidade de Pirassununga buscando relacionar seus patrimônios.

É importante analisar as origens históricas da cidade de Pirassununga e de que maneira a produção de café impulsionou seu crescimento e ressaltar o contexto do centro da cidade, principalmente o surgimento da praça central, sua importância e utilidade no século XIX. Verifica-se também que os fatos e eventos históricos em diferentes escalas influenciam-se mutuamente.

O quarto capítulo apresentará os principais patrimônios urbanos de Pirassununga, e a história da praça “Conselheiro Antônio Prado” que se localiza na área central de Pirassununga, onde pode ser vislumbrado um resumo dos acontecimentos e processos do lugar desde o desejo de se construir um jardim público até a situação dos dias atuais.

Como resultados, apresentam-se as entrevistas com moradores mais antigos de Pirassununga, os quais são pessoas com mais idade que contaram as transformações que a praça central sofreu ao longo dos anos e a construção de mapas mentais pelos jovens, bem como as aspirações desse público sobre um lugar considerado tão importante para a história da cidade.

Por fim, apresentam-se as considerações finais com a síntese dos resultados das experiências e memórias documentadas e relatadas do público

pesquisado e a apresentação de ideias que poderão servir de políticas públicas para a conservação dos patrimônios dos arredores da praça central do município de Pirassununga.

Espera-se assim, que essa pesquisa possa contribuir com o debate patrimonial nas cidades e que possa corroborar em políticas públicas e objetos tecnológicos que beneficiem a população.

II. OBJETIVOS

a) OBJETIVOS GERAIS

- Apresentar as memórias-lembranças dos idosos a respeito da praça e do seu entorno na cidade de Pirassununga – SP;
- Apresentar a visão dos mais jovens sobre a praça e entorno via mapas mentais.

b) OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Auxiliar na proteção dos patrimônios urbanos e geração de políticas públicas municipais;
- Destacar a importância dos espaços públicos no município de Pirassununga;
- Realizar uma caracterização histórica de Pirassununga com fins de contextualizar alguns patrimônios;
- Identificar as transformações urbanas (pelas narrativas de memórias dos mais velhos);
- Identificar valores e imaterialidades concernentes aos patrimônios.

III. METODOLOGIA

A fim de viabilizar este estudo, serão realizadas revisões bibliográficas sobre o tema, trabalhos de campo para observação e levantamento de dados primários, investigação em arquivos e biblioteca da cidade para coleta de dados secundários, análise dos dados e relatórios.

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, ou seja, serão levados em conta os aspectos objetivos mas também subjetivos com o uso de entrevistas aplicadas, narrativas e posteriormente também serão utilizados mapas mentais que servirão de apoio para análises consistentes e pertinentes.

Entre os mais diversos significados, conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva (OLIVEIRA, 2008, p. 41).

Para atingir aos objetivos gerais, ou seja, a identificação das experiências urbanas, memórias e representações, os dados primários foram subdivididos da seguinte forma:

a) Experiências e representações urbanas da população mais jovem referente a cidade.

As experiências urbanas foram coletadas através da solicitação de produção de mapas mentais para o público escolar. A metodologia apoiada em Kozel (2007) foi adaptada para este trabalho nas análises, interpretações, observações e compreensões dos mapas mentais mantendo conexões com importantes autores que norteiam esta pesquisa bem como os indispensáveis conceitos sobre a percepção, lugar, experiências e atitudes de Tuan (1983;2012)

e as experiências de Lynch (2006).

De acordo com a metodologia de Salette Kozel (2007) os quesitos de observações dos mapas mentais são: a) interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; b) interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; c) interpretação quanto à especificidade dos ícones: (elementos da paisagem natural; elementos da paisagem construída; elementos móveis e imóveis; elementos humanos) além da complementação de análises: a) como as formas aparecem nas imagens? (letras, em forma de mapa, linhas, figuras geométricas); b) a distribuição dos elementos: (horizontalmente, isolados, forma dispersa, em perspectiva, circular). Dessa forma o método busca ampliar as interpretações relevando as linguagens verbais e não-verbais além de dados e informações explícitas ou implícitas.

Os mapas mentais foram coletados com um grupo de estudantes na faixa etária da adolescência, entre 15 e 16 anos, ambos alunos da “Escola Estadual Professora Therezinha Rodrigues” – Pirassununga/SP, da 1ª série do Ensino Médio, cuja série aborda os conceitos relacionados à cartografia, croquis, atributos e elementos dos mapas. Todos os estudantes em questão possuem como professor de geografia o próprio pesquisador deste presente trabalho.

Ressalta-se que os adolescentes em questão já tiveram uma pequena participação nessa pesquisa desde 2017 através de um questionário que foi respondido com o auxílio de outros membros da família com o intuito de relatar histórias e fatos sobre a praça “Conselheiro Antônio Prado”, onde foram trazidas à tona informações importantes para coleta de dados. Em 2018, os mesmos alunos, já no 9º ano do Ensino Fundamental, aprenderam nas aulas de geografia sobre os conceitos de lugar, cotidiano e urbanização, onde foi possível vincular a cidade de Pirassununga nos assuntos debatidos em aulas e em uma das atividades os estudantes realizaram um desenho sobre a praça central com a finalidade de extrair informações acerca do local em relação aos jovens. Buscou-se focar a pesquisa novamente em 2019 com os mesmos adolescentes, já na 1ª série do Ensino Médio com a aprendizagem da cartografia, os alunos foram orientados para a confecção dos mapas mentais com o objetivo de descobrir quais elementos valorizam no centro, e se o centro para eles é um espaço ou um lugar (TUAN, 1983).

Confere-se relevância aos mapas mentais de acordo com a interpretação e método de Kozel (2007) dialogando com a metodologia experiencial de Lynch (2006) e as atitudes e percepções ambientais de Tuan (1983; 2012).

Os mapas mentais são ferramentas de pesquisa e coleta de dados e informações e constituem papel inovador nos trabalhos da geografia humanista e se apoia no método fenomenológico levando-se em consideração a consciência humana e buscando descobrir e reconhecer o significado do lugar por parte dos moradores da cidade que serão pesquisados.

Deseja-se também com esta pesquisa de campo descobrir qual a caracterização e valorização dos patrimônios urbanos no centro urbano, especificamente nos arredores da praça “Conselheiro Antônio Prado”, bem como a utilização dos espaços públicos atualmente tentando responder à pergunta: O que são, como são e quais são os significados atuais das representações desse local para os moradores mais jovens? Como está a conservação dos patrimônios?

Através de leituras específicas, houve a reflexão sobre os resultados levantados, analisando-os de acordo com o referencial teórico e metodológico empregado na presente pesquisa a fim de contribuir de maneira positiva para o sucesso dos objetivos elencados no projeto.

b) Coleta de narrativas – memórias-lembranças do centro da cidade.

Foram usadas as técnicas das narrativas com o objetivo de coletar as memórias-lembranças dos mais velhos, com relação ao passado do centro da cidade de Pirassununga.

Foram realizadas entrevistas durante o segundo trimestre deste ano de 2019 utilizando gravador, cujas questões abordaram características e descrições da praça central da cidade em décadas anteriores. Os locais das entrevistas foram variados, visto que alguns moradores foram abordados na própria praça central enquanto que com outros ela foi realizada em locais escolhidos pelos próprios entrevistados, onde a maioria solicitou que fosse em sua própria residência.

O critério da idade (a partir de 60 anos) foi considerado relevante para a aplicação dos questionários porque levou-se em conta as memórias da segunda metade do século XX, cujo público tem grande experiência e cuja época teria perpassado a infância e juventude dos entrevistados.

Apesar de alguns moradores demonstrarem uma desconfiança a princípio do objetivo da entrevista, posicionaram-se solícitos a este trabalho e ao final sentiram-se satisfeitos à oportunidade de narrarem suas memórias.

Foram entrevistadas vinte e uma pessoas gerando resultados por amostragem com abordagem qualitativa e seguindo um roteiro composto por cinco perguntas abrindo espaços para que houvessem narrativas relacionadas principalmente às lembranças dos entrevistados. A amostra também buscou nomes significativos da cidade do ponto de vista da popularidade, ou seja, personalidades muito conhecidas justamente por atitudes ou funções realizadas na cidade, como Roberto Bragagnollo (secretário da cultura e turismo), Israel Foguel (professor e historiador), Ana Maria Bonfim (fundadora do tradicional bloco carnavalesco “Pinto do meio dia”), Claudio Azevedo (maestro da banda municipal de Pirassununga), etc., e no caso os dois primeiros representaram uma entrevista diferenciada das demais justamente porque eles reconhecem fatos e ocorrências vinculadas à história oficial do município, ou seja, além das memórias, narraram também sobre dados e informações específicas.

De acordo com Tartuce: “As Ciências Sociais têm peculiaridades que as distinguem das ciências naturais: Os fenômenos humanos não ocorrem de forma semelhante à do mundo físico, impossibilitando a previsibilidade; A quantificação dos resultados é falha e limitada” (TARTUCE, 2006, p. 08).

CAPÍTULO 01 – EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES

Os seres humanos vão adquirindo conhecimento sobre o espaço em que habitam durante toda a vida através do processo de percepção.

Risso (2014, p.311) ao utilizar Merleau Ponty (2000) e Tuan (1980) afirma que esse processo perceptivo, ao qual inclui corpo e mente - percepção e cognição, “embora seja individual e seletiva (pois passa por filtros culturais e sociais) compartilha de percepções comuns.

Isso significa que mesmo que haja percepções das pessoas e de grupos diferentes, por sermos uma espécie humana, compartilhamos de percepções comuns. Assim diz Ribeiro et al, 2009:

[...] Todavia, não se pode desconsiderar que, por mais diferentes que sejam as percepções de indivíduos e de grupos sobre o meio, como membros da mesma espécie, existem limitações ao ver os objetos e os fenômenos de uma certa maneira. Assim, também, há, para Tuan (1980) e Okamoto (1999), a possibilidade de vários seres humanos compartilharem de percepções comuns por viverem em um mesmo mundo, ou melhor, por estarem em um mesmo contexto sociocultural, por partilharem dos mesmos conceitos, princípios e pressupostos paradigmáticos e por possuírem órgãos sensoriais comuns (RIBEIRO, W. C.; LOBATO, W.; LIBERATO, 2009, p.56).

É possível notar a partir da citação acima que há uma relação a ser estabelecida entre a percepção individual e a percepção coletiva, pois elas são diferentes, porém interdependentes. Portanto, não é uma ideia contraditória, mas sim uma característica da abordagem da percepção e da representação onde existe a possibilidade de agregar e visualizar o conjunto, ou seja, o grupo de moradores de um bairro ou da própria cidade sem que a perspectiva singular se perca.

O sujeito, portanto, sente o lugar: o olfato, o paladar, o tato, a visão e a audição são determinantes na formação da percepção humana do espaço.

Compreender a percepção que as pessoas têm do ambiente revela-se como algo de extrema importância para a ciência geográfica com a finalidade de

observar as mudanças e nuances na construção coletiva do espaço, além do fato de que é preciso admitir que sentir o ambiente é algo revelado como inerente às características das espécies animais.

Estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem. Muitos tipos de indicadores são usados: as sensações visuais de cor, forma, movimento ou polarização da luz, além de outros sentidos como o olfato, a audição, o tato, a cinestesia, o sentido da gravidade e, talvez, dos campos elétricos ou magnéticos. Essas técnicas de orientação, desde o voo polar de uma andorinha-do-mar até o caminho percorrido por um molusco sobre a microtopografia de uma rocha, são descritas e têm sua importância enfatizada numa vasta literatura (LYNCH, 2006, p. 03-04).

A percepção é um processo contínuo, e nele vamos experienciando o espaço. Assim Yi-Fu Tuan define a experiência:

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 1983, p. 09)

Em se tratando da perspectiva experiencial (TUAN, 1983; 2012) é relevante notar que através da sensação, da percepção e da concepção é que o ser humano constrói seu próprio mundo, ou seja, os cinco sentidos humanos corroboram para a significação e para a ressignificação do lugar através das afetividades dos seres humanos para com o lugar vivido.

A compreensão de lugar pela fenomenologia também é descrita por Edward Relph como espaço existencial, onde experiências pessoais significam o lugar:

Of particular importance is “existential” or “lived” space, for this seems to be especially relevant to a phenomenological understanding of place. Of course, concepts or experiences or created spaces do not always fall neatly into of these categories, and this classification is really only

a heuristic device for clarifying space-place relationships
(RELPH, 1976, p. 08)

No caso das cidades, as experiências são compostas por múltiplos elementos com fortes significados expressivos que convidam os seres humanos a sentir o ambiente e experienciar sensações através do cotidiano mesmo que inconscientemente.

Quando fala-se em memória, refere-se às memórias – lembranças. A lembrança segundo Maurice Halbwachs é:

[...] uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2003, p.71).

Isso quer dizer que essas lembranças não são evocadas perfeitamente e estão sujeitas a usos e controles pelas elites sociais (NORA, 1993), mas coletar essas lembranças, contribui na reconstrução de fragmentos do passado, para pensar o futuro.

As pessoas lembram apenas de alguns fatos que marcaram sua vida individual, familiar e social. Bosi (1994, p. 68) ao questionar sobre “qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo?” diz que o “único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”.

As experiências significativas são interpretadas cognitivamente a cada um e desse modo as pessoas vão (aos poucos e às suas maneiras individuais) ao longo do tempo interpretando o espaço que há ao seu redor.

Entretanto este referido espaço torna-se lugar através das experiências mais íntimas que o indivíduo vai vivenciando na cidade onde mora.

Os momentos íntimos são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixam vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de nova experiência. Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são

consideradas e merecem atenção sem espalhafato. Há ocasiões em que até o adulto saudável anseia pelo aconchego que conheceu na infância (TUAN, 1983, p. 152)

A cidade é algo a mais do que um aglomerado de construções e vias, ela representa o espaço vivido em seus dinamismos e significados singulares. São nesses núcleos que a maioria da população vive, desempenha suas atividades cotidianas, percebe, imagina e sente o ambiente a sua volta.

A cidade evocada-imaginada é aquela que fala, da confabulação social, do imaginário urbano, projetada nos sonhos e na memória, cujas verdades e mentiras são estratégias da narração de uma pura comunicação social (SILVA, 2001 apud MARANDOLA JR; DE PAULA, 2013, p. 142).

Na perspectiva da Geografia humanista, a cidade vivida, de acordo com Marandola Jr; de Paula (2013) “é:

[...] a combinação dessas duas cidades, material e simbólica, onde tanto a comunicação social quanto a presença concreta de seus objetos e ações configuram paisagens e influenciam as escolhas e condutas individuais. Na perspectiva das relações cotidianas, a separação dessas dimensões é impossível, pois se trata da própria existência fenomênica de como a cidade se revela a si mesma. A experiência urbana é intermediada por várias esferas do nosso modo de vida, desde nossos trajetos e deslocamentos diários até as formas mais efêmeras de nos relacionarmos com as pessoas e os lugares (MARANDOLA JR; DE PAULA, 2013, p.142).

Em construção, reconstrução e modificação, o espaço vai se transformando e através das vivências humanas vai adquirindo significado àqueles que são responsáveis pela sua manutenção e desenvolvimento. O espaço torna-se lugar à medida em que adquire significado para a vida dos sujeitos.

O lugar depende da complexidade do cotidiano de cada um, ou seja, o que importam são as vivências e atividades diárias para se estudar o conceito de lugar.

Lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou coisa tem uma história que se confunde com a história dos seus habitantes. (TUAN, 1983, p. 14)

Constata-se portanto a relevância do conceito de lugar na geografia, onde busca-se analisar o significado que determinado espaço passou a ter para o grupo social e para Yi-Fu-Tuan o lugar representa os laços afetivos que o ser humano constrói com o meio em que vive através das experiências cotidianas e é exatamente por isso que o autor afirma que a história do lugar se confunde com a história dos seus habitantes. Assim sendo, é notável destacar que há uma mistura dos elementos e símbolos, fazendo com que a história das pessoas se misture com a história do espaço vivido emergindo e transformando a cultura de um povo.

O espaço que pode então ser vivido, sentido e percebido refere-se simplesmente ao lugar: o lugar das vivências, das afetividades, das memórias, das interações sociais, enfim, das experiências humanas no espaço.

Em se tratando da afetividade que a sociedade possui com o local onde habita é interessante ressaltar justamente o “sentido do pertencimento” citado pelo autor de maneira inteligente, onde o indivíduo valoriza e sente-se pertencente ao ambiente. O sentido de pertencimento adquire maior relevância quando as experiências são mais representativas, ou seja, quando alguém reside num local durante muito tempo ou é a sua terra natal.

Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva. Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência (TUAN, 1983, p 20-21)

No caso do forte sentimento pela terra natal ou por lugares muito importantes para determinadas, Tuan (2012) chamou de toponímia, termo emprestado de Bachelard.

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (TUAN, 2012, p. 135-136).

O conceito de “topofilia” como descrito pelo autor é complexo e pode se referir tanto aos sentimentos que existem no cotidiano de cada um em relação ao ambiente em que se encontra o indivíduo como também em sentido mais amplo pode abranger os laços afetivos do ser humano ao espaço por ele habitado.

Assim sendo, observa-se que o estudo da percepção ambiental e das experiências urbanas com o lugar está intimamente relacionado aos estudos e análises topofílicas da cidade.

Talvez seja por isso que o carinho e o sentido de pertencimento à terra natal e ao local de infância de cada um sejam tão latentes, pois referem-se às experiências íntimas com o lugar vivido quando crianças.

Uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer um importante sentimento de segurança emocional. Ele pode estabelecer uma relação harmoniosa entre ele e o mundo à sua volta. Isso é o extremo oposto do medo que decorre da desorientação; significa que o doce sentimento da terra natal é mais forte quando não apenas esta é familiar, mas característica (LYNCH, 2006, p. 05)

É possível observar então que o autor Kevin Lynch considera a terra natal como característica intrínseca ao ser humano, ou seja, algo que acaba fazendo parte do indivíduo e de sua personalidade, e como consequência o ambiente é capaz de formar uma boa imagem ambiental às pessoas e consolidar um

importante sentimento de segurança emocional e dessa forma o indivíduo passa não só a reconhecer intimamente o meio, como também a desenvolver o sentimento de bem-estar e de valorização além de preservar as memórias afetivas como se pudesse obter um redesenho da cidade cognitivamente (uma imageabilidade do lugar, da cidade), e isso somente é possível através do imaginário.

1.1 A imageabilidade da cidade

Kevin Lynch (2006) pesquisou e organizou estudos em diversas cidades em vários países diferentes buscando incansavelmente obter dados relativos ao imaginário da cidade:

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. Transposta para os campos de uma fazenda, a Rua Washington poderia assemelhar-se à rua comercial do coração de Boston, mas ainda assim pareceria profundamente diferente do que é. Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados (LYNCH, 2006, p. 01).

Diante das habilidades cognitivas, cada indivíduo produz associações diferenciadas sobre os diversos ambientes da cidade. As ruas, as obras arquitetônicas, os parques, os bairros residenciais, as vias de acesso, os espaços públicos, enfim, todos os pontos e marcos que existem em ambientes urbanizados geram estímulos ao imaginário, ou seja, o designer da cidade em diferentes cenários vai colaborando na construção da imaginação das pessoas justamente sobre os ambientes. Assim Lynch define imageabilidade:

A característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais

claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente (LYNCH, 2006, p. 11).

Observa-se que o imaginário é algo intrínseco, ou seja, ocorre de maneira singular, embora seja possível obter dados relativos à uma imageabilidade coletiva através de mapeamentos em grupos sociais evidenciando as características que são comuns nas imagens mentais dos indivíduos. Paula da Cruz Landim afirma que:

A construção de uma imagem do ambiente urbano, fruto da percepção e da cognição, é um processo bilateral existente entre a cidade e seus cidadãos, mediante o qual o cidadão atribui valores a esse espaço urbano, sendo, portanto, algo extremamente subjetivo e particular. A cidade, por sua vez, também influencia o cidadão diferentemente. Mas, de qualquer forma, parece existir uma imagem entre os indivíduos de um mesmo grupo, e é essa imagem que nos interessa preservar, resgatando-a de nossa memória e de gerações anteriores, como um instrumento de identificação, de ligação, entre os cidadãos e sua cidade (LANDIM, 2004, p. 50).

É necessário compreender que a criação de imagens contribui para se ter uma maior clareza das formas e do espaço urbano, a medida em que se desenvolvam várias habilidades cognitivas, como por exemplo a de se deslocar pelos locais com autonomia e assim suprir as necessidades das pessoas. Portanto, a criação de imagens claras e compreensíveis seria um ideal humano.

Uma cidade altamente “imageável”, nesse sentido específico (evidente, legível ou visível), pareceria bem formada, distinta, digna de nota; convidaria o olho e o ouvido a uma atenção e participação maiores. O domínio sensorial de tal espaço não seria apenas simplificado, mas igualmente ampliado e aprofundado. Uma cidade assim seria apreendida, com o passar do tempo, como um modelo de alta continuidade com muitas partes distintas claramente interligadas. O observador sensível e familiarizado poderia absorver novos impactos sensoriais sem a ruptura de sua imagem básica, e cada novo impacto não romperia a ligação com muitos elementos já existentes. Ele seria bem orientado e poderia deslocar-se com facilidade. A cidade de Veneza poderia ser tomada como exemplo de um ambiente assim, dotado de alta imaginabilidade (LYNCH, 2006, p. 11).

A imageabilidade da cidade é carregada de associações, lembranças, imagens e experiências, o que pode trazer à tona a consciência humana da importância dos espaços urbanos, bem como da valorização dos ambientes e das construções humanas através da familiarização e das afetividades, assim sendo, pode haver uma constante significação e ressignificação do lugar e da cidade.

O primeiro requisito para esse apoio perceptivo é a conquista da identidade por meio da qualidade singular e contínua de paredes, pavimentos, detalhes, iluminação, vegetação, topografia ou linha de horizonte do ponto nodal. O essencial, nesse tipo de elemento, é que seja um lugar distinto e inesquecível, impossível de ser confundido com qualquer outro. Sem dúvida, a intensidade de uso reforça essa identidade, e às vezes a própria intensidade de uso cria formas visuais de características únicas, como acontece em Times Square (LYNCH, 2006, p. 113-114).

É através da imageabilidade que o ser humano constrói as imagens da cidade. Ao sentir, ver, tocar e ouvir o ambiente urbano ao seu redor, o observador interpreta-o a sua maneira através de suas habilidades cognitivas. Podemos com isso afirmar que os sentidos humanos possuem uma capacidade indescritível em revelar as diferentes e individuais formas que os habitantes de uma cidade percebem o meio ao seu entorno. É com esta referida perspectiva que estudam-se os aspectos e elementos relacionados à percepção ambiental.

1.2 A representação como fruto das experiências urbanas

Como já foi descrito anteriormente existe uma relevância muito grande no que se refere aos aspectos cognitivos em se tratando da percepção do ambiente, porque são justamente os mecanismos de cognição onde, segundo Risso (2011, p. 300) “Este processo resulta em diferentes representações, significados, ações e condutas”, cuja mediação ocorre pelas expressões e manifestações culturais.

Uma observação importante é a de que existem muitas representações sociais, cujos elementos são subjetivos e podem ser interpretados, com vistas a analisar e reconhecer as percepções do ambiente.

Uma relevante representação das experiências urbanas são os mapas mentais confeccionados e suas posteriores interpretações à luz dos conceitos geográficos de autores como Yi-Fu Tuan no que diz respeito à percepção, atitude, ambiente e lugar e Kevin Lynch com seu diálogo sobre as experiências.

Com enfoque fenomenológico, os mapas mentais (Figuras 01 e 02) se inserem nas investigações relacionadas às experiências vividas, cujos assuntos são abordados na geografia humanista destacando o papel fundamental dos valores e atitudes humanas sobre o ambiente com o uso das representações do espaço com a finalidade de desenvolver e aprimorar novos paradigmas na ciência geográfica.

Com o objetivo firmado na organização do espaço e nos debates sociais, a geografia possui apoio fundamental e insubstituível na corrente de pensamentos e estudos da geografia humanista, da qual evidencia-se o lugar enquanto categoria de análise merecedora de destaque.

As abordagens realizadas com os mapas mentais possuem apoio na perspectiva da geografia humanista que busca evidências nas memórias, no imaginário e nas percepções urbanas dos habitantes da cidade. Através da metodologia de Kozel (2007) procede-se com as análises do lugar e suas representações sociais procurando uma investigação que contemple às explicações das atitudes e valores sociais sobre o espaço das vivências e das experiências humanas fomentadas pelas características culturais.

Com a utilização dos sentidos que captam sensações, o homem constrói um mapa mental do seu mundo. Isso o coloca em contato com a realidade: algo aparece para a consciência, uma forma (aparência) que combinada com a intencionalidade, o faz perceber - o fenômeno. As representações do sagrado, do valor, das crenças, das ações, dos símbolos, do místico são fenômenos que o homem expressa (LIMA; KOZEL, 2009, p. 209)

Segundo Lima; Kozel (2009) é possível perceber que os mapas mentais se utilizam da capacidade visual aliada com o uso de imagens e através da

cartografia cultural procura perceber o fenômeno à luz de representações realizadas com a práxis cognitiva dos indivíduos que a todo o tempo decodificam sensações, sons, cores e aromas por meio dos cinco sentidos que exploram o ambiente urbano por sua infinidade de informações objetivas e subjetivas.

Entendemos os Mapas mentais como uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado (KOZEL, 2007, p.1).

Não deve-se esquecer que o uso de imagens como representação do espaço sempre foi algo inerente à espécie humana desde os primórdios das civilizações e com essa ideia os procedimentos parecem ir de encontro com os objetivos esperados. Segundo Lima e Kozel (2009, p. 211) “Os mapas mentais são desenhos concebidos a partir das observações sensíveis, da experiência humana no lugar e não se baseiam em informações precisas e rigorosamente estabelecidas” até porque faz parte da existência e das experiências humanas um conhecimento que seja tácito, simbólico e subjetivo.

Os significados das diferentes representações ou linguagens são construídos a partir dos sentidos que na sua construção semiótica se transformam em enunciados. Podemos considerar como tal, imagens construídas a partir das sensações e percepções, assim como signos verbais ou não-verbais construídos a partir do mesmo processo (KOZEL, 2007, p.3).

A seguir estão ilustrados dois exemplos de mapas mentais:

O diálogo entre Kozel (2007), Lynch (2006) e Tuan (1983/2012) permite ainda a análise de outros critérios de observação nos mapas mentais como as noções de distância, relações espaço-tempo, apreensão das dimensões, formas e tamanhos, limites afetivos e outras demandas espaciais. A meta é fornecer materiais para se obter um estudo do imaginário da cidade que revele as ações, intenções e vivências dos cidadãos pela perspectiva da experiência.

O ser humano, sua consciência e cultura são únicos em sua identidade, todavia, são produtos incorporados de outras consciências, outras culturas, mediadas pela comunicação que se instala no centro das relações. É dessa forma, portanto, que os discursos ao serem incorporados se constituem em signos que se transformam em enunciados ou representações nas diferentes formas de linguagem (KOZEL, 2009, p.3).

As formas de linguagem referidas pela autora são proporcionadas através da interpretação e compreensão dos mapas mentais segundo a metodologia Kozel (2009) que insere a percepção sensorial como um caminho em direção à percepção cognitiva, possibilitando assim, estabelecer relações entre a topofilia e a topofobia à luz de autores e estudos inerentes às experiências urbanas que constroem e conceituam o lugar enquanto categoria de análise geográfica.

Experiências, vivências, cotidiano, percepção e cultura: são todos itens levados em consideração na metodologia Kozel de abordagem dos mapas mentais, ou seja, imprescindível ferramenta de análise quando se deseja debruçar sobre os estudos e pesquisas da construção e do desenvolvimento singular do ser humano em um meio cultural e social estabelecido e que remontam a história do espaço e do lugar.

Caminhando nessa direção, os mapas mentais são meios de representar aquilo que o cognitivo absorveu dos sentidos humanos, e, dessa forma, espera-se que haja representações ilustradas e experiências narradas a fim de colaborar nesta pesquisa centrando o ser humano que é o principal foco da geografia humanista.

CAPÍTULO 02 – A CIDADE E SEUS PATRIMÔNIOS URBANOS

Segundo o minidicionário Ruth Rocha (1995, p. 459), considera-se patrimônio como um “conjunto de bens, materiais ou morais, pertencentes a uma pessoa, empresa, instituição ou coletividade”.

O artigo 216 da Constituição Federal do Brasil de 1988 (p. 126) explana que configuram patrimônios “as formas de expressão; os modos de criar; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico culturais”.

E por patrimônio cultural, a Constituição Federal conceitua como sendo:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Constituição Federal, 1988, Art 216)

Com vistas a preservação e conservação dos patrimônios brasileiros, foi criado em 1934 o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que estabelece formas para a preservação dos patrimônios nacionais: o registro, o inventário e o tombamento. Seguindo as mesmas linhas e mesmos objetivos do IPHAN foi criado em 1968 o CONDEPHAAT (Conselho de defesa do Patrimônio histórico, arqueológico, artístico e turístico do Estado de São Paulo) buscando assegurar a conservação patrimonial nas cidades paulistas.

Todas essas formas são previstas em legislação e apontam como uma possível proposta aos desafios que se impõem à preservação dos bens patrimoniais.

Pode-se considerar que o tombamento, como um dos instrumentos de proteção, tem por objetivo proteger e reconhecer os bens que podem ser considerados como “Patrimônios culturais”, os quais já eram definidos pelo decreto-lei nº 25 de 30 de Novembro de 1937 como:

Um conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação é de interesse público, quer por sua

vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (Decreto-lei nº25, 1937, Cap. I, Art 1º).

Segundo Prats (1998) o patrimônio cultural é antes de mais nada uma construção da sociedade pois ambos são, segundo a citação “parte de um mesmo processo” onde um depende do outro. Salienta-se que o patrimônio cultural agrega o patrimônio material e imaterial, ambos construídos e reconstruídos dentro de espaços urbanizados e que ajudam a contar a própria história da cidade:

El patrimonio cultural es una invención y una construcción social. Utilizo adrede y conjuntamente estas dos expresiones, que frecuentemente pensamos como contrapuestas, en la medida en que entiendo que, por lo menos en nuestro caso, se presentan en cambio como complementarias, formando parte de un mismo proceso, manteniendo una relación necesaria (PRATS, 1998, p. 63).

Em se tratando da valorização urbana, destaca-se que as cidades possuem um patrimônio cultural muito marcante, cuja construção é feita gradualmente pela sociedade. Françoise Choay utiliza o termo “monumento” definindo como

Aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças (CHOAY, 2001, p. 18)

Os patrimônios urbanos destacam-se devido à sua importância social, histórica e cultural. Sempre estão ligados ao contexto que remonta a história da cidade e conseqüentemente ao desenvolvimento social local. Refere-se, portanto, a uma herança histórica deixada pelos antigos habitantes que ao construírem seu espaço foram deixando “marcas” no ambiente urbano e estas

referidas “marcas” conseguem muitas vezes extrapolar a noção do tempo evidenciando num mesmo espaço construções de épocas distintas mas que acabam se interligando no presente através não só das funções sociais destinadas, mas também pela construção, desenvolvimento, manutenção da cultura de um povo, além das experiências humanas que são obtidas e vivenciadas através da imageabilidade.

Observa-se ainda que cada patrimônio teve seu surgimento, construção e funções em contextos e populações diferentes o que lhes garante certa singularidade de existência no espaço urbano e que dialoga também com a singularidade da história e da cultura dos indivíduos que os cercam. O patrimônio urbano ressalta fatos, acontecimentos e memórias importantes das pessoas.

Cada patrimônio material dentro do espaço urbano possui um contexto histórico entrelaçado com as características territoriais e econômicas de cada época da cidade, as construções e usos prediais remontam toda uma conjuntura complexa do estudo do espaço geográfico quando se analisam seus usos e suas variadas importâncias através dos tempos, desde a origem das construções até a atualidade, onde a antiguidade material nas cidades passa a denominar-se patrimônios materiais.

Já os patrimônios imateriais referem-se ao conhecimento tácito que ocorre nos espaços das cidades justamente pelas intensas relações sociais existentes. Eles também se entrelaçam a todo o contexto histórico da cidade e estão intimamente ligados à condição espaço-tempo, onde todas as informações e todos os conhecimentos vão sendo adquiridos com o passar dos anos e através da importância atribuída a tais informações pelas pessoas envolvidas.

Materialidade e imaterialidade dos espaços urbanos são importantes na medida em que auxiliam na formação do patrimônio cultural de determinado grupo social. Cultura esta que vai sendo socialmente construída pelos indivíduos em conjunto onde os elementos materiais e imateriais se fundem para dar origem à história de um povo, o qual deve possuir uma cultura construída de inestimável valor histórico.

[...] o monumento histórico resulta da atribuição de valor histórico, artístico ou memorial, a algo cuja função original era atender uma necessidade humana qualquer, simbólica ou não. Resulta da colocação de um produto da ação

humana em perspectiva histórica ou estética, colocando-o em relevo e separando-o dos demais. O monumento histórico supõe uma operação de seleção que é um ato tão político quanto a construção de um monumento. (SANT'ANNA, 2011, p.193)

Assim como a autora descreve (SANT'ANNA, 2011), a construção de um monumento sempre está ligada a alguma necessidade de determinado grupo social afim de realizar uma construção material em um ambiente urbano para algum uso necessário para a época em que fora construído. Assim sendo, deve-se levar em conta que a história de uma cidade tem uma analogia muito íntima com a socialização que ocorre naquele meio, ou seja, é impossível pensar na cidade sem também pensar nas relações sociais existentes, inclusive em se tratando da relevância dos espaços públicos para a população local.

Salcedo (1999) realizou estudos em dois centros históricos de duas cidades diferentes: Em Cusco, no Peru e em Ouro Preto-MG, no Brasil com a finalidade de apresentar os patrimônios através da percepção dos próprios moradores locais, evidenciando, portanto, uma pesquisa que considera em primeiro lugar os sujeitos do estudo: as próprias pessoas. Tornam-se importantes tais abordagens visto que são os moradores os próprios responsáveis por agir, valorizar e modificar o ambiente. A autora cita sobre o centro histórico de Cusco o seguinte:

Apesar das mudanças no uso do solo e a modificação de algumas construções existentes, o Centro histórico de Cusco preserva grande parte de suas construções antigas, caracterizadas pela superposição das arquiteturas inca, colonial e republicana. Herança recebida das culturas Inca e Hispânica. Cusco é reconhecida como Patrimônio cultural da humanidade. (SALCEDO, 1999, p. 06)

Além de relatar experiências urbanas no centro histórico de Cusco, a autora repetiu os estudos em Ouro Preto e observou a visão dos habitantes locais. Como percebem o local em que moram e a conservação dos bens patrimoniais. A cidade de Ouro Preto em Minas Gerais é o maior conjunto homogêneo do barroco no mundo e isso é importante que se leve em consideração pois os patrimônios são carregados de momentos, movimentos

artísticos, fatos históricos, expressões culturais, etc, onde até mesmo as ruas podem representar e caracterizar a cultura e a sociedade:

As ruas como resultante da implantação das edificações se torna elemento urbano importante porque através dela fazemos a leitura histórica da cidade. Por outro lado, os museus e os monumentos históricos como expressão viva da história, da arquitetura, da cultura são importantes na memória das pessoas (SALCEDO, 1999, p. 09)

As memórias constituem-se como algo cotidiano e inerente ao ser humano. As memórias afetivas usam a audição, o paladar, o olfato, o tato e a visão de formas singulares e dão sentido à existência e manutenção dos patrimônios. É dessa forma que memórias e patrimônios relacionam-se, um re-significando o outro e ambos ajudando a atribuir significado ao lugar.

Além dos patrimônios materiais existem também os patrimônios imateriais, os quais foram reconhecidos pela UNESCO e assim pudemos assistir a um grande avanço nos debates sobre patrimônios com essa inclusão da imaterialidade, pois os aspectos “intangíveis” também remontam com riquezas as características culturais dos moradores de uma cidade.

Recentemente, construiu-se uma nova qualificação: o “patrimônio não material” ou “intangível”. Opondo-se ao chamado “patrimônio de pedra e cal”, aquela concepção visa a aspectos da vida social e cultural dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais. Nessa nova categoria estão lugares, festas religiões formas de medicina popular, música, dança culinária, etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida. (ABREU; CHAGAS, 2009, p. 28)

Ambos, patrimônios materiais e imateriais convergem e se fundem nas dimensões culturais e sociais, atribuindo valor à população local e ressignificando a história do lugar, a qual se mistura com a história dos próprios moradores e enfatiza a relevância do tempo e das memórias.

A riqueza, a originalidade, as características, as especificidades, enfim, a importância de um povo está em seu significado, cuja significação ocorre através

das culturas manifestadas pelos patrimônios materiais construídos e imateriais existentes.

Vale ressaltar que os bens patrimoniais materiais que estão distribuídos nas áreas urbanas nos remete a uma ideia de coletividade, visto que a cidade é habitada por vários moradores e por vezes visitantes que também podem usufruir e apreciar monumentos e demais patrimônios presentes no espaço.

O autor Joachim Hermann (1989, p. 36) argumentou que “uma consciência histórica é estreitamente relacionada com os monumentos arqueológicos e arquitetônicos e que tais monumentos constituem importantes marcos na transmissão do conhecimento, da compreensão e da consciência históricos”, ou seja, visualiza-se que o autor demonstra a necessidade da presença dos patrimônios afim de que haja a transmissão dos conhecimentos e consciência histórica responsáveis por agregar valores sociais, artísticos e culturais além de fortalecer a identidade de uma cidade e de seus moradores.

Entretanto, vale ressaltar que a presença dos patrimônios nas áreas urbanizadas só ocorre quando há mobilizações no sentido de preservação e conservação dos locais, dos monumentos e das construções arquitetônicas e principalmente porque o poder político e econômico-social no decorrer das épocas históricas, criam e controlam o que deve ser preservado e patrimoniado ou não, inclusive as memórias também são controladas porque estão inseridas no contexto social de cada época.

Sobre isso, Funari e Carvalho (2009, p. 07) afirmam que:

[...] Assim como a cultura material é produzida a partir de determinadas intencionalidades, a eleição de um patrimônio histórico cultural ou natural é realizada a partir de escolhas políticas. Os patrimônios são importantes portadores de mensagens e, por sua própria natureza como cultura material, são usados pelos atores sociais para produzir significado, em especial ao materializar conceitos como identidade nacional e diferença étnica (FUNARI; CARVALHO, 2009, p. 07)

A autora Maria Cecília Londres Fonseca (2003) exemplifica o caso do Rio de Janeiro:

Quando se olha, por exemplo, a Praça XV, no centro do Rio de Janeiro, um dos ícones do patrimônio histórico nacional, a evocação mais óbvia é a do poder real, suscitada pelo Paço Imperial, sede da Corte. Ao fundo, a antiga catedral, hoje igreja de Nossa Senhora do Carmo, atesta a importância, no Brasil colonial e imperial, do poder da Igreja. Esses são testemunhos materiais imponentes, tanto do ponto de vista da ocupação e permanência no espaço da cidade, quanto dos padrões estéticos hegemônicos, valorizados como expressões de cultura à época do tombamento desses bens pelo SPHAN (FONSECA, 2003, p. 56)

Pedro Paulo Funari e Pelegrini (2009) citam em seus estudos os desafios que o Brasil enfrenta na preservação dos patrimônios nacionais e realça as dificuldades de conservar os bens nas áreas urbanizadas. Os autores exemplificam o caso da cidade de São Paulo, a qual era uma pequena cidade até o fim do século XIX mas que após esse período tornou-se a maior cidade da América do Sul ocorrendo no local algo que Funari e Pelegrini (2009, p. 02) denominam como uma “luta contra a lembrança materializada”:

Nesse processo, restos antigos sofreram constantes degradações ideológicas e físicas, sendo construídos novos edifícios para criar uma cidade completamente nova. Os edifícios históricos, se assim se pode falar, são a Catedral e o Parque Modernista do Ibirapuera, planejado por Niemeyer, ambos inaugurados em 1954 para comemorar os quatrocentos anos da cidade. Os principais prédios públicos, como o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado de São Paulo ou o Palácio Nove de Julho, que abriga a Assembleia Legislativa do Estado, são, também, muito recentes e a mais importante avenida, a Paulista, fundada em fins do século XIX como um bastião de mansões aristocráticas, foi totalmente remodelada na década de 1970 (FUNARI, 2001, p. 02-03).

Pelo exemplo de Funari (2001) não há uma preocupação conjunta e integrada no Brasil em se preservar os patrimônios históricos e culturais, muitos caem na inutilidade, sofrem os efeitos da degradação ou até mesmo deixam de existir para dar lugar às obras da arquitetura moderna e o fenômeno é mais representativo nas grandes cidades apesar de estar presente em escala nacional.

Fonseca (2003, 56) deixa explícito que os monumentos visualizados são “testemunhos materiais imponentes” e assim como já foi discutido, esses reconhecidos bens materiais ajudam a despertar as memórias e mesmo a recontar as origens e tempos passados que foram importantes na formação e na construção das cidades e é de extrema relevância o tombamento dos prédios mencionados.

Portanto, torna-se crucial incentivar, valorizar e patrimonializar bens materiais e imateriais, que reflitam significados e memórias não só das elites, mas de todos aqueles que fazem parte da cultura popular, que nascem dos anseios da população. Reph (1987, p. 196-197) afirma que todo o processo de preservação está envolto de ideologias pois não seria o passado a ser preservado ou restaurado, mas sim, a imagem seletiva que alguém, ou algum grupo, tem do seu passado preferido.

No caso desse estudo, parte-se do pressuposto de que a praça é um dos patrimônios do centro com grande evidência para a população.

Espaços públicos como parques e praças podem se tornar lugares que favorecem a qualidade de vida e a intensificação das relações sociais. Os projetos de revitalização e o direito à cidade servem para satisfazer as necessidades dos indivíduos e beneficiá-los através do lazer e de momentos insubstituíveis que são compartilhados com outras pessoas.

A reflexão nos leva a pensar sobre a relevância dos espaços públicos enquanto espaços de cultura e construção da sociedade. O direito à socialização bem como as manifestações culturais se expressa majoritariamente nos espaços públicos urbanos, locais onde as relações sociais são intensas, o real e o imaginário coexistem e dessa forma a história da cidade e de seus habitantes vai sendo escrita pouco a pouco a cada nova interação e a cada nova atividade.

Em se tratando de espaços públicos por excelência, é importante ressaltar as praças em áreas urbanas como meio de sociabilidade e interações humanas. Criadas e utilizadas há milênios para diferentes fins, as praças acompanharam as evoluções históricas e sociais e sempre participaram ativamente da construção sócio histórica das cidades. Benevolo (2007, p. 76/269) ao estabelecer contextos históricos, sociais e arquitetônicos sobre as cidades já cita em seus estudos da Grécia Antiga que a assembleia dos cidadãos ocorria usualmente na “praça” do mercado denominada ágora. Durante o período

medieval, as casas se abriam para o espaço público e tinham uma fachada que contribuía para formar o ambiente da rua ou da “praça”. Benevolo (2007, p. 487) cita ainda a formação de praça nas cidades durante o período da América colonial:

As novas cidades seguem um modelo uniforme: um tabuleiro de ruas retilíneas, que definem uma série de quarteirões iguais, quase sempre quadrados; no centro da cidade, suprimindo ou reduzindo alguns quarteirões, consegue-se uma praça, sobre a qual se debruçam os edifícios mais importantes: a igreja, o paço municipal, as casas dos mercadores e dos colonos mais ricos (BENEVOLO, 2007, p. 487).

Isso nos leva a entender um destacável aspecto: muitas cidades do continente americano, inclusive no Brasil, seguiam o mesmo modelo descrito onde as praças estão relacionadas à formação de cidades.

As praças são espaços públicos carregados de manifestações culturais e símbolos, palco de acontecimentos históricos e de lazer, que acompanha gerações e modificações sociais, mas que também colabora para que tais mudanças ocorram.

O espaço público urbano praça, portador de símbolos, mítico, que congrega o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e socioculturais, é fundamental para a cidade e seus cidadãos. Local de convívio social, por excelência, esse espaço existente há milênios, utilizado por civilizações de distintas maneiras, jamais deixou de exercer a sua mais importante função, a de integração e sociabilidade da população de um município. (DIZERÓ, 2006, p. 07)

Segundo a citação acima, percebe-se que a principal função de uma praça é a de integrar a população local e favorecer a socialização entre os envolvidos. Portanto, partindo-se do princípio de que o ser humano é antes de mais nada um ser social por natureza, considera-se extremamente importante que existam tais espaços públicos dentro dos perímetros urbanos das cidades com a finalidade de atender a uma das necessidades naturais das pessoas fomentando

que as relações sociais sejam saudáveis e construtivas.

É importante, pois, salientar que as referidas relações sociais construtivas auxiliam na formação no cidadão e possuem ampla capacidade de contribuir de maneira positiva para a formação cultural e conseqüentemente para a minimização de problemas sociais.

As praças, um dos mais característicos exemplos de espaços livres, são unidades urbanísticas fundamentais para a vida urbana, configurando-se como locais para a prática de lazer passivo e ativo, além de servirem ao encontro e à convivência das pessoas e às atividades culturais e cívicas. Têm presença marcante na composição das cidades, levando-se em consideração sua diversidade e seu uso pela população, representando importantes elementos, tanto históricos como culturais (SILVA, 2011, p. 199).

É importante perceber que ao longo da história da humanidade as praças urbanas acompanharam os habitantes de determinado local não só historicamente, mas também socialmente visto que o desenvolvimento das relações sociais e produções culturais locais sempre foram propagadas pelos diversos espaços urbanos presentes no cotidiano das cidades. Ressalta-se que se a cidade tem a tendência a aglomeração e concentração, assim também os espaços públicos estarão sujeitos à uma intensidade maior de ações culturais e relações interpessoais.

Em se tratando das relações interpessoais observa-se que nas praças o fenômeno é bem representativo porém não único até porque é latente a existência das relações intrapessoais para com os espaços públicos, ou seja, é possível dizer que as praças são lugares onde existe uma infinidade de relações coletivas mas que também é capaz de evidenciar inúmeras experiências individuais no íntimo de cada ser humano.

CAPÍTULO 03 – CONHECENDO A ÁREA DE ESTUDO – HISTÓRIA OFICIAL DE PIRASSUNUNGA E SEUS PATRIMÔNIOS URBANOS

A princípio deve-se relembrar aspectos históricos que constatarem a existência de povos indígenas em territórios brasileiros antes do período dos descobrimentos europeus e em se tratando de Pirassununga, ou seja, a cidade em que este presente trabalho se debruça. É importante dizer que através de estudos e pesquisas realizadas (GODOY, 1974) constatou-se que a área em questão já era habitada por índios tupi-guarani por volta de 1625 e que perduraram por volta do ano de 1880 contando com uma permanência de aproximadamente 255 anos na região.

Segundo Manuel Pereira de Godoy (1974, p 151) a população indígena local, cujas aldeias localizavam-se próximas ao Distrito de Cachoeira de Emas, contribuíram histórica e culturalmente na formação e na construção social do país e da própria região em que norteia este estudo. Os índios habitavam essas áreas às margens do Rio Mogi-Guaçu, importante fonte da manutenção da vida de seu povo para a própria pesca e disponibilidade de água, raízes e frutos. Foram os povos indígenas que deram origem ao nome do próprio rio Mogi, que significa “Rio da Cobra Grande”, além de culturalmente originarem nomes de plantas.

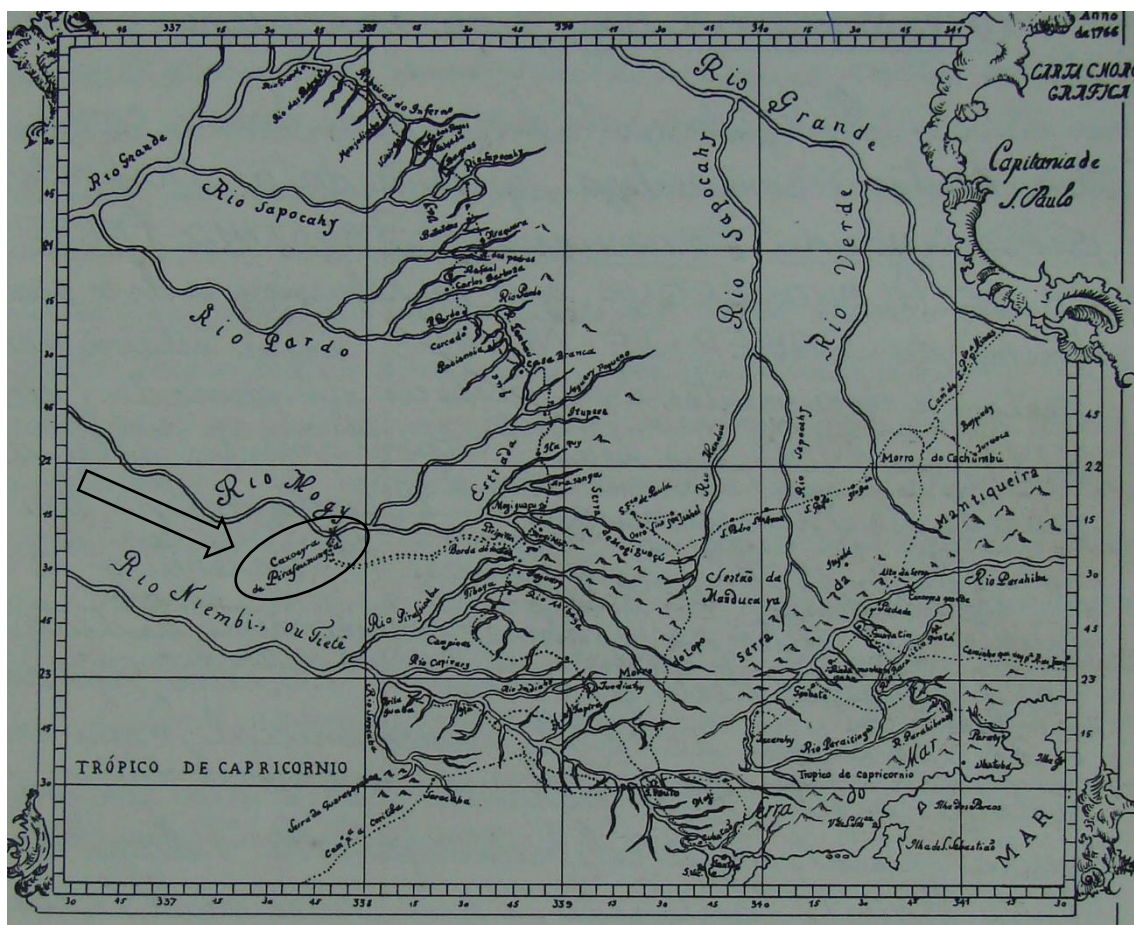
Ainda em se tratando das origens, sabe-se através de relatos, de conhecimento popular e também científico de Godoy (1974) que o nome Pirassununga também é um nome indígena, fazendo alusão portanto à importância dada aos primeiros habitantes que por essas terras passaram. A palavra “Pirá” designa “peixe” e “ssununga” é uma significação do “que faz barulho”, ou seja, os povos indígenas denominavam a região do distrito de Cachoeira de Emas como “Pirassununga” por associarem a época do fim do ano quando os peixes curimatás machos produzem sons durante o período da reprodução da espécie.

Os estudos históricos, biológicos e arqueológicos de Manuel Pereira de Godoy (1974) revelaram a existência dos índios pelo local através de escavações que encontraram objetos, cerâmicas e resíduos humanos que auxiliaram em constatações bem antigas em relação à habitação pioneira que fora descrita.

Desde o século XVIII, época em que o Brasil ainda era uma colônia portuguesa já haviam bandeirantes realizando expedições e se aventurando em territórios onde atualmente localizam-se as cidades do interior paulista. Tais exploradores percorreram também a região do Vale do Rio Mogi-Guaçu em busca de riquezas e com o objetivo de ocupar as regiões que não eram habitadas pelos descobridores (invasores) dos territórios brasileiros.

Godoy (1975, p. 03) observou dois mapas da Capitania de São Paulo: O primeiro foi de 1766, proveniente do Museu Paulista de São Paulo e o segundo, datado de 1773 em fotocópia, originário do arquivo histórico colonial da Torre do Tombo, em Lisboa-Portugal. Após a observação de tais mapas e levando em consideração conjuntamente as informações orais obtidas, o pesquisador Manuel Pereira de Godoy realizou uma fusão dos referidos mapeamentos descobrindo que a região onde se localiza a cidade de Pirassununga já era conhecida pelos colonizadores desde o século XVIII (Figura 03).

Figura 03 – Fusão dos mapas de 1766 e 1773 feito por Godoy (1975)



Fonte: Godoy (1975, p. 03) com alterações.

O mapa aponta (Figura 03) uma localidade nomeada de “Caxoeira de Pirassununga” próxima ao curso do “Rio Mogy”, trata-se pois de uma referência ao Distrito de Cachoeira de Emas do Município de Pirassununga.

Apesar de algumas controvérsias sobre o período exato da instalação dos primeiros habitantes brancos na região, é certo que o povoado iniciou-se às margens do Ribeirão do ouro pela disponibilidade de recursos hídricos, madeira para construções e lenha que servia como fonte de energia para a época. Fazendo uma analogia é interessante ressaltar que várias cidades não só do estado de São Paulo mas do Brasil em geral iniciaram seu povoamento próximo às margens de rios, até mesmo em se tratando da capital do estado, a própria cidade de São Paulo teve sua origem nas áreas planas entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí. Também é importante frisar que nas civilizações antigas existe a mesma tendência, ou seja, a gênese de povoados e civilizações sempre esteve ligada à ocupação ao redor do curso de rios.

Algumas importantes tradições orais além dos estudos de Godoy (1974/1975) datam o ano de 1809 como a chegada dos primeiros moradores brancos à cidade através da vinda da família de Christovam Pereira de Godoy oriundos de Bragança (hoje, Bragança Paulista) e fundaram a fazenda Santa Cruz. Anos mais tarde, em 1823, Ignácio Pereira Bueno e sua esposa Anna Francisca da Silva instalam-se na área que atualmente corresponde a estação rodoviária de Pirassununga e entorno, doando um terreno em homenagem ao Senhor Bom Jesus dos Aflitos.

Enquanto isso o Brasil florescia como um iniciante país independente (desde 1822) com a liderança do Imperador Dom Pedro I cujo governo durou de 1822 a 1831.

De acordo com Godoy (1975, p. 04) Aos 06 dias do mês de Agosto do ano de 1823, é celebrada a primeira missa em Pirassununga, até então uma clareira em meio a vegetação, cujo acontecimento histórico marcou a fundação do “bairro do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Pirassununga”, local onde também fora construída a primeira capela onde o padroeiro do pequeno e iniciante povoado já havia sido escolhido.

Em se tratando do padroeiro da cidade de Pirassununga, é importante ressaltar que a cidade (na época apenas um bairro) recebeu em 1878 uma

imagem oficial do Senhor Bom Jesus dos Aflitos vinda da corte do Rio de Janeiro, cuja imagem tornou-se importante à própria história do povo local, importância esta que perdura aos dias atuais sendo reconhecidamente um patrimônio histórico religioso de acordo com o decreto número 052/73 página 05, publicado no jornal municipal “O Movimento” de 05/08/1973.

A imagem (Figura 04) constitui parte do patrimônio material. Feita de cedro, com olhos de vidro, possuindo 48,5 cm de altura e pesando 1.093 gramas. Restaurada em São Paulo posteriormente em 1923.

Figura 04 - Imagem do Bom Jesus dos Aflitos



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

Considerada patrimônio religioso de Pirassununga, a imagem completa 141 anos de existência em 2019

Através dos documentos antigos dos tabelionatos, do cartório de registro de imóveis e hipotecas e mesmo pelas tradições orais constata-se que entre os anos de 1823 a 1842 várias famílias se instalaram no bairro que futuramente se transformaria na cidade de Pirassununga. Tais famílias eram originárias de Mogi-Mirim e Bragança (Bragança Paulista), algumas fundaram fazendas em regiões

que atualmente são áreas da zona rural, já outras foram povoando lentamente a pequena e crescente área central do “bairro do Senhor Bom Jesus dos Aflitos”. Estas referidas famílias que foram as pioneiras no povoamento do município de Pirassununga eram provenientes da agricultura, fabricantes de açúcar, aguardente e fumo e utilizavam técnicas agrícolas rudimentares Godoy (1975, p. 20). Não só o nascente município pirassununguense, mas boa parte do estado de São Paulo (na época Província de São Paulo) de um modo geral desenvolvia-se em meados do século XIX com a agricultura de subsistência e criação de animais:

[...] a economia da província baseou-se nas culturas de subsistência, sobretudo milho, feijão e arroz, juntamente com alguma produção de mandioca e trigo. Os paulistas também produziam açúcar e aguardente para consumo local, algodão fiado e transformado em tecidos rústicos, e criavam porcos, cavalos, vacas, bois e mulas [...] Como em muitas partes do Brasil, florescia a atividade artesanal familiar, produzindo têxteis de algodão, roupas, ferramentas e cerâmica. De modo geral, o nível da tecnologia agrícola era primitivo, a comercialização restringia-se aos centros urbanos mais próximos (LUNA; KLEIN, 2005, p. 33 e 36)

Como pode-se notar, as atividades referidas acima foram as responsáveis pelo início de Pirassununga, mas algo que era muito comum em muitas partes do território paulista como também em várias áreas do Brasil, em uma época que o país é revisto como uma denominação de “um arquipélago econômico”, onde as atividades econômicas eram isoladas e sem integração.

Outra característica em comum entre a esfera local, regional e também nacional foi o uso do trabalho escravo, pois constata-se que as pioneiras famílias a se instalarem em Pirassununga trouxeram o trabalho escravo de acordo com os cinco livros de registro de escravos em poder do Cartório de Registro de Imóveis e Hipotecas (CRIH). A primeira capela da cidade, por exemplo, usou mão-de-obra escrava sendo edificada com taipa e coberta de sapé. Para a época a economia escravista estava presente em boa parte do território brasileiro e constituiu a base para o desenvolvimento das atividades econômicas e produtivas.

Foi no ano de 1828 que se iniciaram as obras de construção de uma capela definitiva (Figura 05) na cidade com o objetivo de ser a igreja matriz e verifica-se que entre o período que compreende os anos de 1823 a 1828 “o bairro do Bom Jesus” já contava com dois km de ruas além de uma ponte sobre o rio Ribeirão do Ouro. É importante então destacar que as ruas existentes na época eram: a Rua da Ponte (hoje General Osório), a Rua Nova (hoje Dom Pedro II) e duas ruas denominadas “travessas” que atualmente denominam-se Rua José Bonifácio e Rua Pereira Bueno.

Figura 05 – Antiga Igreja matriz (situada defronte à rua dos lemes, 1828)



Fonte: Foguel (2018, p. 90).

Segundo Godoy (1975, p. 28) a área rural de Pirassununga, ainda incipiente, cultivava feijão, cana, milho, algodão e fumo, tinha pecuária de cavalos e burros, gado de leite e produção de queijos além da criação de galinhas e patos com a produção de ovos e carnes. É datado de 1835 o início da cobrança de impostos ao local e a nomeação do primeiro juiz.

Ainda quando se pesquisa sobre os fatos históricos da primeira metade do século XIX, verifica-se que o bairro do “Bom Jesus dos Aflitos de Pirassununga” se tornou freguesia, deu-se início então ao cultivo do café e

cogitava-se a arrecadação de fundos para a construção de um patrimônio permanente em honras ao padroeiro local. Verifica-se também que o núcleo urbano já contava entre 400 a 500 pessoas e na área rural moravam cerca de 1500 habitantes dos quais 400 eram negros escravos. Calcula-se que para a época havia cerca de 120 eleitores.

Na segunda metade do século XIX muitas mudanças ocorreram. Pirassununga foi elevada a categoria de Vila em 1865 e de Comarca em 1890, ou seja, sua importância regional aumentou.

É importante destacar que a construção do espaço geográfico é também uma construção da história das pessoas que nele habitam. Através do tempo, o espaço vai se modificando e as histórias sociais vão se acumulando umas sobre as outras. É o caso de um antigo cemitério da cidade onde existem ossadas humanas de antigos habitantes pirassununguenses. Atualmente o local é um quarteirão de residências entre as ruas Coronel Franco – Major Pereira – Dos Lemes e Capitão Maneco, assim reforça-se a ideia de que o território vai sendo utilizado de diferentes formas dependendo das demandas sociais, conclui-se que a história no presente é escrita e vivida sobre a história do passado.

A “Vila de Pirassununga” possuía 07 ruas (Quadro 01) e uma praça, a saber:

Quadro 01 – Nomes antigos e atuais das primeiras ruas de Pirassununga

Em 1865...	Em 2019...
Rua Nova do Comércio	Rua Dom Pedro II
Rua Nova da Boa Vista	Rua Coronel Franco
Rua das Flores	Rua dos Lemes
Rua do Calvário	Rua José Bonifácio
Rua da Ponte	Rua General Osório
Travessa da Capela	Rua Pereira Bueno
Travessa sem nome	Rua Major Pereira

Fonte: Quadro realizado pelo autor levando em consideração estudos de Godoy (1975)

O mapa da “Vila de Pirassununga” (Figura 06) retrata a primeira área da cidade que foi sendo aos poucos urbanizada. Ao compararmos uma imagem de satélite atual da mesma região (Figura 07) é possível notar a expansão da

Figura 07 - Imagem de satélite parcial da cidade de Pirassununga retratando aproximadamente a área da vila de 1868



Legenda:

- 1 – Rua Dom Pedro II
- 2 – Rua dos Lemes
- 3 – Rua Coronel Franco

4 – Rua XV de Novembro

5 – Rua General Osório

6 – Rua Pereira Bueno

7 – Quarteirão residencial onde antigamente localizava-se um cemitério da cidade

Fonte: googlemaps (com alterações)

Figura 08 - Rua José Bonifácio (Antiga Rua do Calvário) – Foto do final do século XIX



Fonte: Foguel (2018, p. 74)

De acordo com os relatos e as importantes pesquisas de Godoy (1975, p. 82-83) ao ano de 1867 Pirassununga já contava com cerca de 2 milhões de cafeeiros e neste ano 1500 toneladas de café foram colhidas e transportadas para Santos e para o Rio de Janeiro com tropas de burros e carros de bois. Essas tropas voltavam à cidade trazendo sal, farinha, azeite, vinhos, tecidos, chapéus, sapatos, botas, ferramentas, ferragens e medicamentos. É neste período que toda a região ao entorno da cidade e várias outras partes do Estado de São Paulo passariam a produzir o café e existiram fatores que estimularam tal produção:

Nas primeiras fases de seu desenvolvimento, caráter continuamente misto das culturas nas primeiras fazendas de café, os baixos custos de beneficiamento do produto e os custos relativamente reduzidos da compra e plantio de cafeeiros tornaram os custos de ingresso na atividade cafeeira muito mais baixos que no açúcar, permitindo a participação de um número muito maior de pequenos agricultores, especialmente os que possuíam alguns

escravos. Ao contrário, o açúcar foi, desde o início, um produto que, mesmo em sua fase de consumo apenas local, exigiu muito mais capital para o ingresso na atividade, e sua produção atraiu uma parcela menor dos agricultores. Esses custos elevados da entrada na produção açucareira podem explicar por que, inicialmente, as duas culturas não coexistiram no mesmo solo, apesar de não haver impedimentos para isso. Na segunda metade do século XIX, muitas terras canavieiras passaram a ser usadas na produção de café (LUNA; KLEIN, 2005, p. 33 e 36)

O café passou a ser o principal produto agrícola na Província de São Paulo (Estado de São Paulo) onde formou-se toda uma estrutura social e territorial graças ao cultivo do produto. Cidades cresciam, a agricultura se desenvolvia e as ferrovias interligavam pouco a pouco diversas áreas.

Não se deve esquecer que além do importantíssimo cultivo do café, o desenvolvimento da cidade sempre contou com muitos produtores de aguardente, os quais foram ensinando as técnicas de produção aos seus descendentes e assim culturalmente tanto o cultivo como a fabricação dos derivados da cana foram resistindo através dos tempos.

Nota-se na bandeira da cidade de Pirassununga (Figura 09) que há dois ramos: um de café à direita e outro de cana à esquerda: dois produtos agrícolas que foram cruciais a todo seu desenvolvimento e à formação, construção e manutenção do espaço geográfico municipal. Além disso, entre os dois ramos observa-se o peixe responsável pela Piracema, da espécie curimbatá e que deu origem ao nome da cidade.

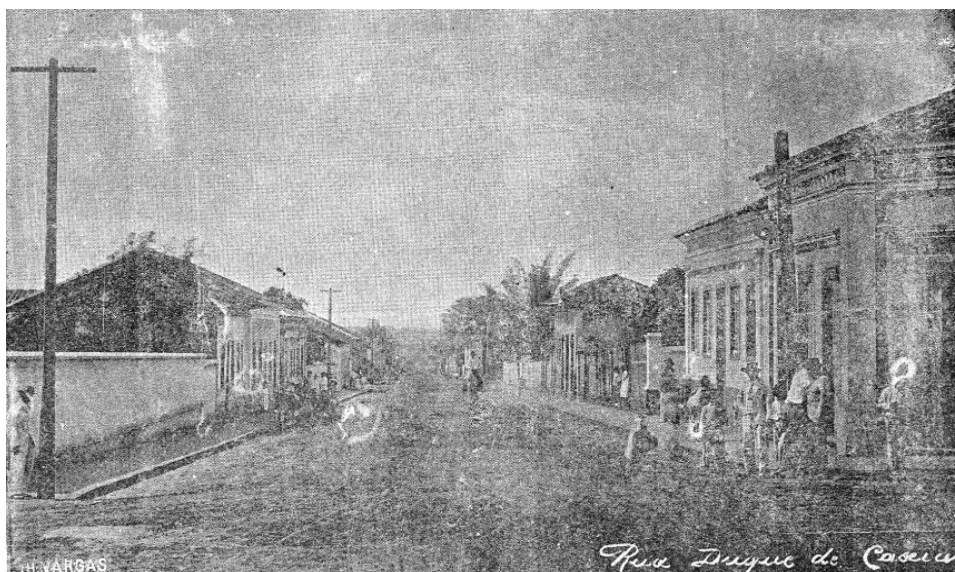
Figura 09 - Bandeira da cidade de Pirassununga



Fonte: Blog – memória de Pirassununga online

Em Pirassununga é criado o correio em 1868, o perímetro urbano ganha mais duas ruas (da Constituição e Santa Rita), as quais são hoje importantes vias centrais: Rua Duque de Caxias (Figura 10 e 11) e Rua XV de Novembro (Figura 12 e 13). Segundo alguns registros, neste ano a cidade possuía 2000 moradores na zona urbana e 3000 na zona rural onde 600 eram escravos.

Figura 10 - Rua Duque de Caxias (Antiga Rua Santa Rita) – Foto do final do século XIX



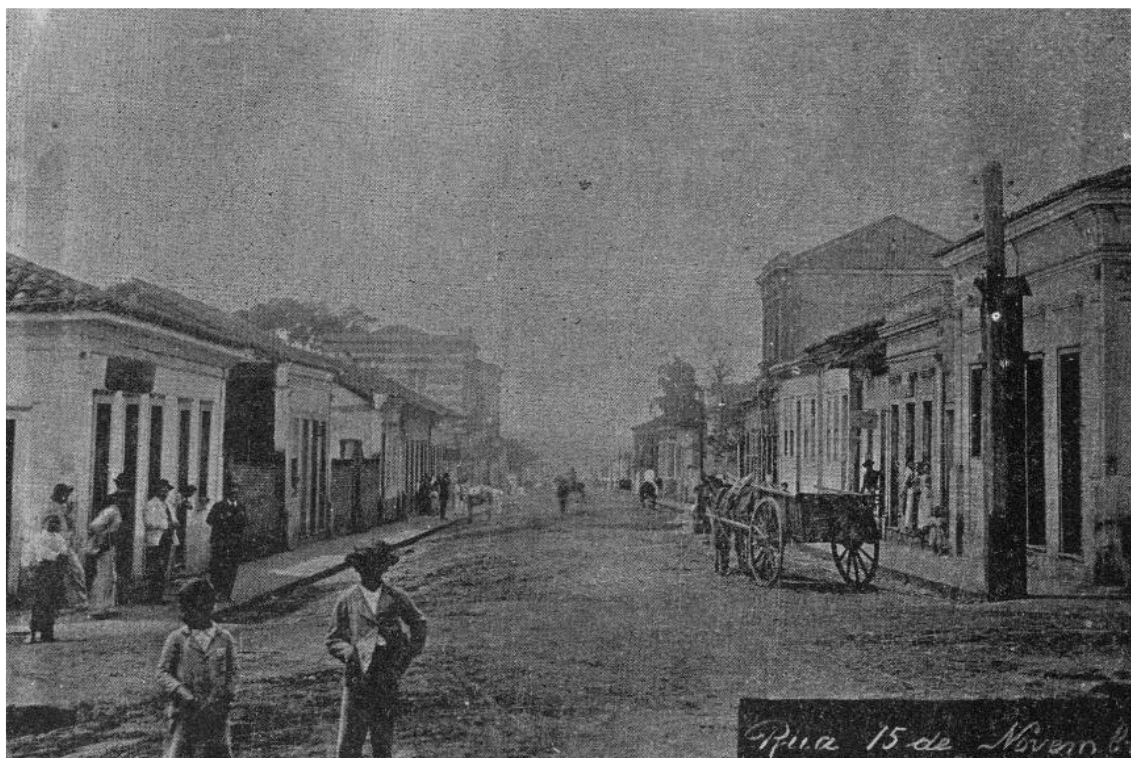
Fonte: Foguel (2018, p. 76)

Figura 11 – Segunda foto da Rua Duque de Caxias (Antiga Rua Santa Rita) – Foto do final do século XIX



Fonte: Foguel (2018, p. 76)

Figura 12 - Rua XV de Novembro (Antiga Rua da Constituição) – Foto do final do século XIX



Fonte: Foguel (2018, p. 75)

Figura 13 – Segunda foto da Rua XV de Novembro (Antiga Rua da Constituição) - Foto do final do século XIX



Fonte: Foguel (2018, p. 75)

Em 1870 mais ruas são criadas na área urbana e é idealizada a construção de uma praça central na cidade em uma área que estava limpa do matagal que havia ao redor e que servia de passagem para as pessoas. Atualmente a praça central localiza-se entre as ruas centrais: Siqueira Campos – General Osório – Duque de Caxias e José Bonifácio.

Na época descrita houve um certo impulso nas atividades industriais do Brasil e a segunda metade do século XIX fora marcada pelo aumento no número de fabricas pelo país. Nota-se inclusive impacto local onde pela resolução nº 88 de 02/05/1871 foi criado o “imposto de capitação” para todos aqueles que tivessem industrias. O Brasil registra 175 fábricas em 1874 e neste mesmo ano Pirassununga já tinha 3 milhões de pés de café em produção e recebia todos os meses muitos imigrantes. Um ano mais tarde, na zona rural, haviam cerca de 870 escravos e as estradas de ferro em ampliação já estavam passando pelo município de Araras.

Segundo relatos de Godoy (1975, p. 138) Pirassununga vivenciou a inauguração do terceiro hotel na cidade em 1877, em consequência do grande número de viajantes pela região, possivelmente pelo fato de que a economia cafeeira em expansão criou muitas oportunidades de negócios e comércios. Constata-se então um ano após este contexto, que o Imperador Dom Pedro II passou por Pirassununga e hospedou-se na cidade na rua do comércio que a partir deste acontecimento passou a chamar-se “Rua Dom Pedro II” justamente em sua homenagem. O fato denota a importância histórica que a cidade possuía na época por conta da produção do café a ponto de receber o Imperador em pessoa e com isso outras mudanças no espaço geográfico começaram a ocorrer e em 24 de Outubro de 1878 foi inaugurada em Pirassununga a estação ferroviária da Companhia Paulista de Vias Férreas, importante marco histórico para a cidade, para a região e até mesmo para o próprio Estado de São Paulo que demandava no período por infraestrutura de transportes que escoassem o café produzido para ser exportado. Após a chegada das ferrovias no território, a “Vila” é elevada a “Cidade”, ou seja, o título foi dado 56 anos após sua fundação.

Nota-se através de registros que em 1880 a cidade de Pirassununga exportou 4400 toneladas de mercadorias, cuja exportação era facilitada pelo sistema de transporte até então recentemente instalado no município. Das

mercadorias exportadas, 90% era o café, portanto, cultura importantíssima para o desenvolvimento da cidade.

De acordo com os apontamentos de Godoy (1975, p. 154), em 1884 o território pirassununguense contava com aproximadamente 5 milhões de pés de café e através das ideias de José Peixoto da Motta Jr, fazendeiros locais e com auxílio da câmara municipal realizaram a primeira exposição regional do café, com vistas a incentivar a produção e o comércio do produto. Percebe-se portanto a necessidade de socialização ainda que para motivos visionários a comercialização. O desejo a sociabilidade e as vivências cidadãs, aliadas ao crescimento econômico e ao fluxo crescente de pessoas devido à imigração e a expansão do transporte ferroviário são fatores que explicam a vontade de grupos de pessoas na consolidação da construção de uma praça central com jardim público na cidade que obtinha 650 casas na área urbana. A praça foi então construída defronte a nova Igreja Matriz “Senhor Bom Jesus dos Aflitos” (atualmente elevada a Santuário)

Em escala nacional, o país passava por problemas. Vários conflitos ocorreram pelo Brasil durante o período aqui apresentado pela insatisfação de muitos grupos sociais que desejavam o fim da monarquia e após a assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, o Imperador Dom Pedro II perdera o apoio dos proprietários de terras que eram inclusive seus únicos apoiadores na época. Sem apoio popular, observa-se que o fim da monarquia do Brasil era questão de tempo.

A abolição final só começou a ser discutida no Parlamento em 1884. Só então, também, surgiu um movimento popular abolicionista. A abolição veio em 1888, ano depois que a Espanha a fizera em Cuba. O Brasil era o último país de tradição cristã e ocidental a libertar os escravos. E o fez quando o número de escravos era pouco significativo (CARVALHO, 2002, p. 47).

Por determinação da referida lei os escravos que moravam em Pirassununga também foram libertos e seus direitos reconhecidos pela sociedade. Calcula-se que a cidade teve aproximadamente 1200 escravos entre 1809 e 1888.

O fim da monarquia no Brasil ocorreu em 1889 com a proclamação da República. Os valores, desejos, direitos e ideais republicanos foram sendo vivenciados por várias partes do território nacional. Pirassununga tem em Novembro de 1892 a inauguração do cemitério municipal, era a primeira vez que existiria na cidade um cemitério para todos, independentemente da religião, etnia ou classe social. Tal fato histórico pode parecer um mero detalhe, porém o evento deixa em evidência os ideais republicanos de igualdade, algo que não havia antes, através de sepultamentos separados.

O município então se desenvolvia e a população local aumentava. A partir de 1894 deu-se início à canalização de água na cidade e em 1896 foi construída sua primeira Usina hidrelétrica localizada no distrito de Cachoeira de Emas. Era de pequeno porte, porém de grande importância na geração de energia para os moradores. Constata-se que era a terceira Usina Hidrelétrica a ser construída no interior paulista, atrás apenas de Piracicaba e São Carlos (na época, São Carlos do Pinhal). Chegando ao ano de 1900 Pirassununga possuía aproximadamente 10.500 habitantes e neste mesmo ano, ao mês de Agosto foi autorizado pela Câmara Municipal a construção de uma coluna com um busto em cima para ser colocada no jardim da praça central da cidade, ou seja, o local é motivo de atenção e cuidado e é visto com importância pelos seus habitantes desde há muito tempo atrás.

De acordo com Godoy (1975) e Foguel (2018) Pirassununga chega ao século XX com destacável importância regional devida a sua produção de cana, mas principalmente de café, como já foi mencionado anteriormente. O problema é que verifica-se uma desvalorização no produto mesmo neste início de século. Constata-se que aos 07 dias do mês de Junho de 1902 houve uma reunião na Câmara Municipal com a presença dos lavradores de café a fim de tratarem a respeito da problemática que acometia os produtores pois havia uma decadência contínua do preço do produto, o qual era o principal produto destinado à exportação da cidade na época.

Em 1904, o município conta com 19 ruas em seu perímetro urbano e após um ano a safra de café foi calculada em 300 mil arrobas, além da produção de 4 milhões de litros de aguardente.

Através dos dados e informações de Godoy (1975) verifica-se que a cidade tinha cerca de nove milhões de cafeeiros em 1906 e um ano depois

vislumbraria a fundação do “Banco de custeio rural” que fora o primeiro estabelecimento bancário do município. Nota-se pelo próprio nome da agência bancária a relevância da produção agrícola onde o objetivo principal era o de fornecer capitais para impulsionar as atividades rurais.

A economia cafeeira teve importância histórica considerável ao estado de São Paulo, visto que ao século XX o Brasil vivia a chamada política “café com leite” com alternância de poder entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. Os poderes políticos e econômicos paulistas foram determinados pela ascensão e manutenção da produção e exportação do café, apesar de que o produto estava passando por uma intensa fase de desvalorização.

Em 1911 além da construção do fórum e da cadeia pública, o povo pirassununguense foi privilegiado através da lei nº 2025 de 29/03 do referido ano que criava a “Escola Normal de Pirassununga” (Figura 14), as instalações definitivas no prédio foram realizadas em 1919, localizando-se na Rua José Bonifácio bem no centro da cidade e que fica no entorno da praça central. Pelo fato de a escola já completar seus 107 anos de funcionamento, resguarda muitas memórias pelas pessoas que lá estudaram. As histórias dessa importante escola se entrelaçam à história da praça central e dos habitantes locais, assim como ao contexto histórico da própria cidade.

Figura 14 - Escola Normal de Pirassununga (hoje: Escola Estadual Pirassununga) - 1939



Fonte: Foguel (2018, p. 41)

Em 1912, Dr. Fernando Costa assume a administração pública da cidade, cuja gestão durou até 1927, foi uma pessoa influente para o município, equilibrou as contas públicas e auxiliou determinantemente no desenvolvimento econômico da cidade.

A época em questão foi de grandes dificuldades e sofrimentos em boa parte dos países, visto que entre 1914 a 1918 ocorrera a primeira guerra mundial, a qual deixou milhares de mortos, mutilados além de desestruturar a economia dos países europeus. Houve recessão econômica e seus impactos puderam ser sentidos também nas nações latino-americanas.

Em 1924 houve um surto de praga nas plantações de café, muitos cafeeiros foram perdidos gerando uma forte insatisfação por parte dos produtores nas fazendas e nessa mesma época foi justamente a produção de aguardente que se destacou como uma alternativa à decadência dos preços do café e as pragas nos cafezais. Ressalta-se ainda que durante a década de 1920 existiam mais de 100 marcas de cachaça em Pirassununga, cuja produção era feita em alambique e em sua maioria por famílias tradicionais que ensinavam seus conhecimentos e suas técnicas aos herdeiros. Nota-se, portanto, uma crescente produção de cana em substituição aos plantios de café.

Na década de 1920 houve iniciativas no plantio de algodão por parte dos produtores rurais pirassununguenses. A plantação de algodão parecia ser mais uma alternativa em substituição da produção do café e dessa forma, a paisagem rural da cidade foi aos poucos se modificando com a diminuição dos cafezais e aumento dos canaviais e algodoais.

A produção crescente de algodão na cidade foi um fator determinante para que o então prefeito Dr. Fernando Costa junto com acionistas desejassem montar uma indústria têxtil na cidade. Segundo Foguel (2018, p. 46) foi fundada em 1924 a indústria nomeada “Fiação e tecelagem de Pirassununga S.A.” (Figura 15) foi construída num terreno de 100.000 metros quadrados localizado às margens da ferrovia com o intuito de facilitar as exportações de tecido.

Figura 15 - Fiação e tecelagem de Pirassununga (1924)



Fonte: Foguel (2018, p. 47)

Nota-se a importância na contextualização em se tratando do espaço geográfico. É interessante analisar que as plantações e as produções de café e aguardente em Pirassununga trouxeram a necessidade de transportes a fim de escoar as produções e após a consolidação das linhas férreas e o crescente plantio de algodão fomentaram a construção da primeira indústria da cidade, cuja localização também esteve atrelada à proximidade da rede de transporte.

Em 24 de Maio de 1922 o 2º Regimento de Cavalaria Divisionária (Figura 16) transferiu-se para Pirassununga, mais uma das benfeitorias de Dr. Fernando Costa.

Figura 16 - Quartel do 2º R.C.D. – Foto do século XX



Fonte: Foguel (2018, p. 39)

Ainda na década de 1920 houve o início do funcionamento de diversas outras atividades industriais, como tijolos, telhas, curtumes e doces além da clássica fabricação de aguardente, cuja produção aumentava onde cita-se a fundação da “Indústria de bebidas Pirassununga” popularmente conhecida como “21” por ser fundada em 1921. Ao mesmo tempo, nas lavouras o café estava cada vez mais raro de se encontrar. Constata-se que após 1929 com a quebra da bolsa de valores de Nova York, o próprio estado de São Paulo como um todo percebe que a economia cafeeira não traria mais vantagem. O caminho a partir de então seriam as fábricas.

Observa-se que na década de 1930 ocorreram grandes mudanças no Brasil como um todo. Foi uma época em que houve um surto industrial no país, iniciado principalmente com a indústria têxtil, a nação inicia seu processo de industrialização mesmo que retardatária, e além disso após Getúlio Vargas, um gaúcho, tomar o poder como Presidente do país, estava cessada a denominada “política do café com leite”. Enquanto isso, a cidade de Pirassununga tenta se desenvolver mesmo com os reflexos da crise econômica internacional. Em 1938

a “Fiação e tecelagem de Pirassununga S.A.” consumiu 432.690 quilos de algodão e os algodoeiros são visíveis na paisagem. Um ano depois a indústria teria mais de 500 funcionários e uma produção de 2 milhões de metros de tecido (FOGUEL, 2018, p. 47-48).

Ainda pela década de 1930, Pirassununga seguia a vocação industrial vivenciada pelo Brasil com a fundação do “S.A. Laticínios de Pirassununga” e do “Posto de expurgo”, este servia para o melhoramento do algodão e sementes. Segundo estudos de Foguel (2018, p. 51-52) a indústria movimentou 50.000 sacos de caroço de algodão e 78.000 quilos de sementes de algodão somente em 1939. O plantio local da cultura gerou em 1938 cerca de 4.899.250 quilos de algodão.

Estima-se que Pirassununga chegou a ter aproximadamente 26.396 habitantes ao ano de 1939, neste mesmo ano o Brasil atravessava momentos de censura e falta de liberdades com o período intitulado de “Estado Novo” da Era Vargas, tal fase duraria até 1945. A grande parte dos países passava também por momentos extremamente turbulentos onde instalava-se a segunda guerra mundial, muito mais agressiva e sangrenta que a primeira. Nota-se que economicamente foi uma época de recessão e estagnação dos processos produtivos de uma forma geral e que afetou diversos setores.

É possível constatar através de registros e mesmo com a história oral que durante a década de 50 houve uma grande ênfase no que se refere ao transporte rodoviário e principalmente na região sudeste do Brasil o fenômeno foi tornando-se cada vez mais representativo. Durante esse período foi realizada a pavimentação da rodovia Anhanguera, a qual passa pela cidade de Pirassununga ligando-a aos municípios vizinhos de Porto Ferreira e Leme, além de interligar outras rodovias importantes na região. Esse fato torna-se pertinente a medida em que a rodovia às margens do município é capaz de conectá-la com outras localidades favorecendo a movimentação cada vez maior de fluxos de pessoas, mercadorias e informações. Nota-se atualmente que a rodovia Anhanguera é uma das mais importantes do estado de São Paulo.

Analisa-se que em 1951 uma dupla de irmãos em Santa Cruz das Palmeiras iniciou a fabricação de cachaça nomeando-a de “51” em razão do referido ano de fundação. Mas foi em 1959 que o empreendedor Guilherme Muller Filho comprou a pequena fábrica e transferiu-a para a cidade de

Pirassununga. Este brasileiro de origem alemã iniciou seu trabalho transportando a cachaça dos engenhos para a empresa em tanques de madeira com seu Ford F-8. O que este iniciante empresário não sabia é que sua empresa seria atualmente a maior da cidade de Pirassununga.

Em 1956, Júlio Baldin inicia atividades produtivas com um pequeno engenho de pinga, cuja produção era artesanal e destinava-se à fornecer matérias-primas para a indústria “51”.

A partir de 1964 o Brasil passa por mudanças bruscas no governo, instala-se um golpe onde os militares assumiriam durante 21 anos.

Durante a década de 1970 houve a transferência da Academia da força aérea para territórios da cidade de Pirassununga, a escolha do local foi devido às boas condições do relevo e do clima para treinamentos e voos. Também foi transferido para o município o 13º Regimento de Cavalaria Mecanizado (RCMec) onde antigamente eram as instalações do 2º RCD Foguel (2018). Na mesma década houve a transferência do CEPTA – Centro Nacional de Pesquisas de Peixes Tropicais, no distrito de Cachoeira de Emas, próximo ao rio Mogi-Guaçu. O órgão é filiado ao IBAMA e traduz sua importância ambiental e sustentável nos estudos e nas iniciativas à preservação das espécies e à conservação do meio ambiente. Ainda nesta década, houve crescimento na empresa de Júlio Baldin, aumentando a produção e processamento de cana.

De acordo com apontamentos de Foguel (2018), em 1973 comemorou-se em Pirassununga os 150 anos da cidade e verifica-se que nesse período haviam 45 mil habitantes aproximadamente que residiam no município. E não pode-se esquecer também que foi em 1977 que houve a desativação da ferrovia que passava por territórios pirassununguenses. Havia, portanto chegado ao fim por completo o antigo ciclo de desenvolvimento proporcionado pela produção de café. As paisagens rurais se modificaram, as indústrias não mais necessitariam se localizar às margens da estação ferroviária, as técnicas foram ficando diferentes, o uso e ocupação do solo se modernizaram, a cana-de-açúcar ganha destaques e a partir desse período os viajantes e as cargas seriam transportadas prioritariamente através da rodovia Anhanguera.

Ao longo da década de 1980 o transporte rodoviário pela região torna-se mais intenso e através das políticas públicas estaduais a rodovia Anhanguera é duplicada a fim de favorecer uma maior fluidez ao espaço no interior do estado.

Ao mesmo tempo as linhas do trem que cortavam o centro de Pirassununga foram sendo retiradas ou cobertas por asfalto. Ao final da década mencionada foi instalado na cidade o maior campus estadual da USP. A Universidade assumiu os prédios e demais dependências de uma antiga escola prática de agricultura que funcionava no local e foi planejado para receber cursos relacionados à agricultura e pecuária, atendendo portanto, as demandas regionais.

A indústria de bebidas 51 cresce como empresa, porém de modo geral a cidade inicia um período com dificuldades para melhorar a economia e enfrenta uma estagnação no número de habitantes. Enquanto isso em escala nacional o Brasil passa a ter eleições diretas e o Congresso promulga a nova Constituição.

Nos anos 90 há ampliação das lavouras de laranja em Pirassununga ao mesmo tempo em que o algodão perdia espaço. A indústria de bebidas 51 inaugura uma filial na região Nordeste do país e começa a exportar seus produtos para vários países do mundo, conectando assim a pequena cidade do interior paulista a localidades transcontinentais.

Vários bairros novos surgem na cidade aumentando a distância entre as extremidades do perímetro urbano.

No início da década de 2000 a indústria 51 passa a ser denominada “Companhia Muller de bebidas” e foi responsável na época por 45% das vendas de cachaça no Brasil. As plantações de cana e laranja (Tabela 01) continuam a ocupar lugar de destaque na agricultura de Pirassununga:

Tabela 01 - Valores de produção agrícola em 2000 (Pirassununga)

Cultura	Valor da produção agrícola em reais (R\$)	Porcentagem no município (%)
Laranja	366.167,84 mil	43,78
Cana	309.972,01 mil	37,06
Milho	81.478,03 mil	9,74
Soja	33.753,72 mil	4,04
Algodão	31.593,72 mil	3,78
Café	8.505,05 mil	1,02

Fonte: <http://www.deepask.com/goes?page=pirassununga/SP-Agricultura:-Confira-a-producao-agricola-e-a-area-plantada-no-seu-municipio> – com alterações (Acesso em 03/07/2019)

Através da observação da tabela 01 é possível constatar que a produção de laranja e cana (Tabela 02) representam juntas mais de 80% de todo o valor em reais (R\$) da produção agrícola de Pirassununga. É possível observar também que os cultivos de algodão e café que já tinham sido tão expressivos no município fecharam o século XX sem posição de destaque.

Tabela 02 - Área plantada por culturas em 2011 - Pirassununga

Cultura	% área plantada
Cana	43,65
Laranja	24,45
Milho	18,28
Soja	8,97
Algodão	3,17
Café	0,80

Fonte: <http://www.deepask.com/goes?page=pirassununga/SP-Agricultura:-Confira-a-producao-agricola-e-a-area-plantada-no-seu-municipio> – com alterações (Acesso em 03/07/2019)

A tabela 02 reforça a ideia da expressividade das plantações de laranja e cana, as quais, juntas, representam mais de 68% de todas as terras ocupadas com a agricultura.

A partir do século XXI a cidade tomou novo impulso através de novos investimentos públicos e privados apresentando crescimento na construção civil, nas indústrias e na agropecuária. Segundo o IBGE o município passou de 70.081 habitantes em 2010 para 75.474 em 2017.

Ainda segundo o IBGE, Pirassununga produziu, em 2008, 1,7 milhão de toneladas de cana e 310 mil toneladas de laranja.

Segundo os dados da Fundação SEADE, em 2009 a cidade possuía 662 estabelecimentos comerciais e 137 indústrias. Dados atuais revelam que a “Companhia Muller de bebidas” destila 300 milhões de litros de aguardente por ano, está presente em 55 países e possui 2.500 funcionários.

A “Baldin Bioenergia S.A.” atualmente atua na produção de vários produtos derivados da cana e suas áreas de exploração se ampliaram para 11 cidades da região.

Pirassununga tem atualmente 196 anos, aniversaria exatamente da data de 06 de Agosto, data esta que faz referência ao dia que tudo começou: as

histórias, as vivências, as experiências, enfim, a vida, ou melhor, as vidas...de todos aqueles que um dia habitaram e dos que na atualidade habitam esta terra, cidadãos que olham para o futuro, mas sem desprezar as memórias, que buscam o progresso mas sem perder a simpatia, finalmente: cidadãos pirassununguenses.

O maior desafio de Pirassununga hoje é garantir o desenvolvimento e a tecnologia na atual fase da globalização competindo com outros polos regionais.

3.1 Patrimônios urbanos de Pirassununga

Visando à proteção dos bens patrimoniais brasileiros, o tombamento dos monumentos históricos e culturais existe para garantir que eles sejam preservados para as gerações futuras.

Os registros e tombamentos não são uma exclusividade dos grandes centros urbanos pois nota-se que em pequenas cidades também há patrimônios tombados. A exemplo, cita-se oportunamente a cidade de Pirassununga no interior de São Paulo com o tombamento da Escola Estadual Pirassununga – Antiga Escola Normal (Figura 14) pelo CONDEPHAAT.

Seguindo as mesmas linhas e mesmos objetivos do IPHAN foi criado o CONDEPHAAT (Conselho de defesa do Patrimônio histórico, arqueológico, artístico e turístico do Estado de São Paulo) buscando assegurar a conservação do prédio (Figura 17).

Figura 17 - EE Pirassununga – Antiga Escola Normal



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

Todo tombamento prevê a manutenção da originalidade da arquitetura em um raio de 300 metros visando dessa forma manter-se as características principais sem alterar bruscamente o entorno da edificação principal. Entretanto, os desafios são enormes, a citar o fato de 1981 (Figura 18) quando um incêndio destruiu parte das dependências do prédio, onde houve restauração posterior.

Figura 18 – Incêndio nas dependências da antiga Escola Normal de Pirassununga (1981)



Fonte: eepirassununga.blogspot.com

Outros desafios também são impostos ao patrimônio municipal tombado, pois sua localização no centro da cidade não anula a especulação financeira que há em seu entorno. Com isso acabam ocorrendo algumas iniciativas desastrosas por parte de alguns que na ânsia pelo comércio e pela arquitetura moderna não dão às construções antigas (Figuras 19 e 21) o valor por elas merecido. Assim, nos deparamos com demolições de construções prediais (Figuras 20 e 22) mesmo próximas ao referido prédio tombado da Escola Estadual Pirassununga.

Figura 19 - Casa com arquitetura do início do século XX ao lado da Igreja Matriz sendo demolida em 2011



Fonte: memoriadepirassununga.blogspot.com

Figura 20 - Terreno baldio onde antes se localizava a casa da figura 19



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

Figura 21 - Antigo sobrado que foi demolido



Fonte: memoriadepirassununga.blogspot.com
O sobrado era localizado no entorno da EE Pirassununga

Figura 22 - Cooperativa de crédito após demolição



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.
Local onde antes ficava o sobrado da figura 21 (esquina entre ruas Siqueira Campos e dos Andradas)

A cidade de Pirassununga possui ainda outros patrimônios (Figuras 23, 24 e 25) mas que não são tombados porém ambos localizam-se no entorno da praça central do município e consequentemente situam-se dentro do raio de 300 metros do prédio tombado da Escola Estadual Pirassununga. Alguns desses patrimônios estão ilustrados a seguir para apreciação bem como suas localizações (Figura 26) perante a praça central.

Figura 23 - Câmara Municipal de Pirassununga



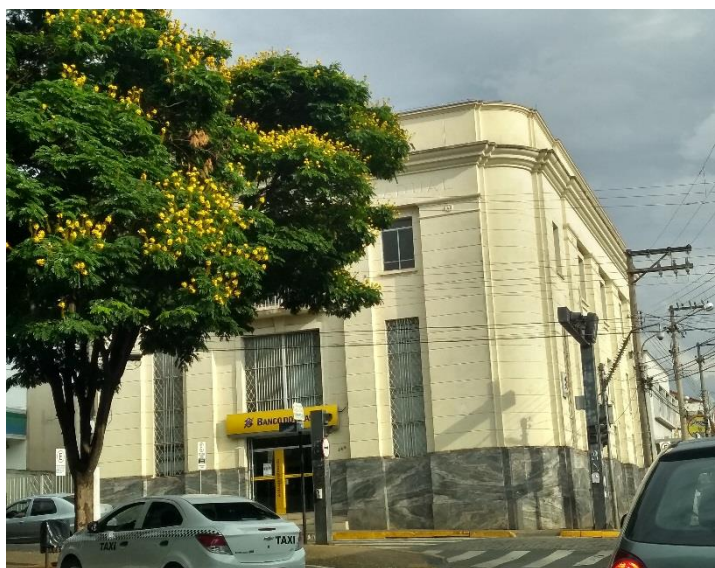
Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

Figura 24 - Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

Figura 25 - Prédio do Banco do Brasil



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

Figura 26 - Localização dos patrimônios urbanos no entorno da praça central estudada



Fonte: googlemaps (com alterações)

Ao analisar a imagem de satélite fica evidente que os patrimônios localizam-se próximos, ou seja, formam um conjunto arquitetônico, juntamente com a praça ao centro.

O conceito de monumento histórico não poderia designar um edifício isolado, separado do contexto das construções no qual se insere. A própria natureza da cidade e dos conjuntos urbanos tradicionais, seu ambiente, resulta dessa dialética da “arquitetura maior” e de seu entorno. É por isso que, na maioria dos casos, isolar ou “destacar” um monumento é o mesmo que mutilá-lo. O entorno do monumento mantém com ele uma relação essencial (CHOAY, 2001, p. 200-201)

Os patrimônios citados e que foram demarcados na imagem de satélite ilustrada possuem grande valor histórico e cultural para os moradores da cidade

além de serem considerados como partes integrantes da história do lugar e das memórias da população pois são “marcas” deixadas pelas gerações passadas.

Em se tratando das construções arquitetônicas, Yi-Fu Tuan também faz suas contribuições através de sua abordagem pela perspectiva da experiência:

Construir é uma atividade complexa. Torna as pessoas conscientes e as leva a prestar atenção em diferentes níveis: ao nível de tomar decisões pragmáticas; de visualizar espaços arquitetônicos na mente e no papel; e de comprometer-se inteiramente, de corpo e alma, na criação de uma forma material que capture um ideal. Uma vez alcançada, a forma arquitetônica é um meio ambiente para o homem [...] O meio ambiente construído, como a linguagem, tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade. Pode aguçar e ampliar a consciência. Sem a arquitetura, os sentimentos sobre o espaço permanecem difusos e fugazes (TUAN, 1983, p. 119).

Analisa-se portanto a importância da preservação dos patrimônios visto que há uma consolidação dos sentimentos e da afeição ao ambiente justamente através das construções, ou seja, das obras arquitetônicas.

Compreende-se a princípio que o ato de construir é inerente ao ser humano e ele através do uso de sua consciência poderá interpretar, fruir e perceber tais construções, até porque, segundo o autor “a forma arquitetônica é um ambiente para o homem”. Reflete-se nesse sentido como ficará esse “ambiente” caso haja degradação e destruição das arquiteturas patrimoniais históricas?

O autor ainda faz outras ressalvas:

Uma pátria tem seus referenciais, que podem ser marcos de grande visibilidade e importância pública, como monumentos, templos, campos de batalha sagrados ou cemitérios. Estes sinais visíveis servem para aumentar o sentimento de identidade das pessoas; incentivam a consciência e a lealdade para com o lugar (TUAN, 1983, p. 176).

Dessa forma os patrimônios e monumentos criam e realçam a identidade dos moradores com o lugar, em cuja afeição pode se formar através da segurança, da tranquilidade e da familiaridade com as recordações e prazeres

muito simples mas que foram sendo acumulados através do tempo. Cita-se também como um grande exemplo de patrimônio da cidade a própria praça principal em si com seu coreto e seus bancos públicos que destacam propagandas de comércios de várias épocas, e inclusive a mensagem dizendo para zelar pelo jardim (Figura 28).

Figura 27 – Banco da praça com apelo ao cuidado ao lugar



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

CAPÍTULO 04 - A PRAÇA “CONSELHEIRO ANTÔNIO PRADO”: OS USOS E A MEMÓRIA

A praça central de Pirassununga possui 11.107,59 metros quadrados, 140 bancos de granito e limita-se entre as ruas Siqueira Campos, José Bonifácio, General Osório e Duque de Caxias (Figura 28).

Figura 28 - Imagem de satélite da Praça central de Pirassununga



Legenda:

1 – Rua General Osório

3 – Rua José Bonifácio

2 – Rua Siqueira Campos

4 – Rua Duque de Caxias

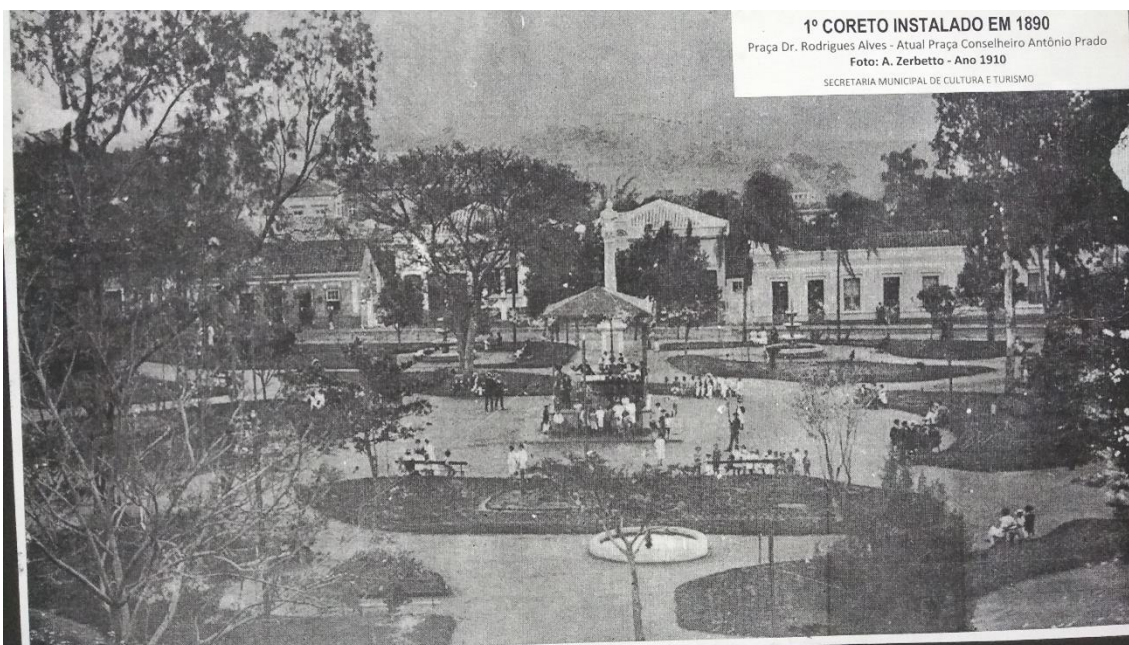
Fonte: googlemaps (com alterações)

Muito antigamente o local em questão era denominado pelos poucos habitantes locais como a praça da mata, até que por volta de 1880 um grupo de moradores resolveu construir o primeiro jardim público da cidade, o qual receberia o nome de “Largo Municipal”. Em 24 de Setembro de 1880, a cidade de Pirassununga contava com 600 casas na zona urbana, área esta que correspondia aos arredores do local em questão. A construção do desejado Largo Municipal somente se deu início em 1885, ano em que o município contava

com cerca de cinco milhões de pés de café plantados e foi esta produção que impulsionava a economia pirassununguense.

Alguns cidadãos pertencentes à elite do município resolveram se reunir para tratar em conjunto sobre a construção da praça da cidade. A primeira reunião foi datada de 05 de Abril de 1886 onde organizaram uma comissão a fim de arrecadar donativos em prol das obras porém a partir do ano de 1887 a Câmara Municipal assumiu a responsabilidade e em 1890 foi construído o primeiro coreto (Figura 29), que era quadrado e feito de ferro.

Figura 29 - Primeiro Coreto da praça central de Pirassununga



Fonte: Exposição da secretaria da cultura e turismo de Pirassununga em Novembro de 2017

Na mesma época foi construído também o primeiro mercado municipal da cidade onde atualmente localiza-se o famoso bar “Ponto Chic” e as “Lojas Americanas”, ambos nos arredores da praça central, a qual pode ser assim classificada:

Praça Jardim: espaços nos quais a contemplação das espécies vegetais, o contato com a natureza e a circulação são priorizados. Estes podem ser fechados por grades ou

cercas ou podem ser abertos e rodeados de imóveis (comerciais e residenciais) (MACEDO; ROBBA, 2002, p. 37).

Ao dia 03 de Novembro de 1897 o intendente da cidade, o Dr. Manoel Jacintho Vieira de Moraes trocou o nome da praça: de Largo Municipal para “Praça Duque de Caxias”¹ e em 11 de Agosto de 1900 ele autorizou a construir uma coluna encimada de um busto do compositor Antônio Carlos Gomes, cuja inauguração ocorreu em 1901. Ressalta-se que atualmente o busto encontra-se colocado na praça do bairro denominado Jardim Carlos Gomes através de um próprio pedido dos moradores do local.

No ano de 1902, a então denominada “Praça Duque de Caxias” no centro de Pirassununga recebeu uma importante ação municipal em que plantaram vários eucaliptos no local, cujas árvores eram novidade para a época (Figura 30). No mesmo ano, a banda que existia na cidade recebeu o nome de “Corporação 16 de Julho”² e tal data servia para homenagear o diretório do partido republicano existente no período. A banda passou a tocar na praça aos domingos e feriados por uma determinação da Câmara Municipal.

¹ Homenagem a Luis Alves de Lima e Silva (25/08/1803 à 07/05/1880) – militar, político e monarquista brasileiro. Seguiu carreira militar chegando a Marechal. Recebeu o título de Duque de Caxias em 1869. (SOUZA, A. B. de, 2008).

² A data foi comemorativa devido ao reconhecimento do diretório local do Partido Republicano (PR) em 16/07/1899. (GODOY. M. P, 1975).

Figura 30 – Praça central – Foto tirada entre 1902 e 1912



Fonte: Godoy (1975, p. 229)

Nota-se na foto aspectos do jardim, coreto de ferro e parte das ruas Duque de Caxias e XV de Novembro

No dia 01 de Julho de 1902, o intendente municipal em exercício, Manoel Franco da Silveira mudou o nome da praça para “Dr. Rodrigues Alves”³.

No dia 06 de Abril de 1912 um negociante chamado Estevan Santiago pediu a concessão por dez anos a fim de realizar a construção de um novo coreto (Figura 31) para a praça Dr. Rodrigues Alves, este novo projeto de coreto teria planejado um bar em sua parte inferior. As obras iniciaram em 1913 e tiveram um custo total de 14 contos de réis (aproximadamente R\$ 1.722.000,00 na atualidade). Ainda em 1913 houve a inauguração de um busto em bronze do Tenente Coronel Manoel Franco da Silveira, o qual foi afixado na praça central, esta seria uma iniciativa de homenagem ao homem público que governou a cidade por 10 anos.

³ Homenagem a Francisco de Paula Rodrigues Alves (07/07/1848 à 16/01/1919) – Advogado – Foi Conselheiro imperial. Deputado entre 1872-1887, governador de São Paulo entre 1887-1888, ministro da fazenda em 1891, senador em 1893 e tornou-se presidente da República em 1902. (AMARAL; MELO FRANCO, 1974).

Figura 31 - Segundo Coreto da praça central de Pirassununga



Fonte: Exposição da secretaria municipal de cultura e turismo de Pirassununga em Novembro de 2017

Em 1915 a construção do novo coreto terminou e foi inaugurado e em 11 de Novembro de 1930 a praça central mudou de nome novamente, de “Rodrigues Alves” para “Conselheiro Antônio Prado”⁴ e no ano de 1932 durante o governo do prefeito Sebastião Domingues, foram plantados arbustos conhecidos como “ficus” com a intenção de embelezar os jardins da praça.

Ao ano de 1939, o então prefeito da cidade Belarmino Del Nero resolveu realizar algumas intervenções na praça central: o coreto foi substituído novamente realizando as obras necessárias para a construção de um terceiro coreto (Figura 32), o qual existe até os dias atuais.

⁴ Homenagem a Antônio da Silva Prado (25/02/1840 à 23/04/1929) – Advogado abolicionista – foi deputado “provincial” (estadual) em São Paulo entre 1862-1864, deputado “geral” (Federal) pelo estado de São Paulo entre 1869-1872, tornou-se ministro das relações exteriores, negócios da agricultura, comércio e obras públicas entre 1886-1888 e o primeiro prefeito da cidade de São Paulo entre 1899- 1911, Conselheiro do Império, auxiliou no projeto da Lei áurea. (Revista Apartes, nº24 – Mar. Jun. 2017).

Figura 32 - Coreto da praça central de Pirassununga, construído em 1939 e que permanece até hoje.

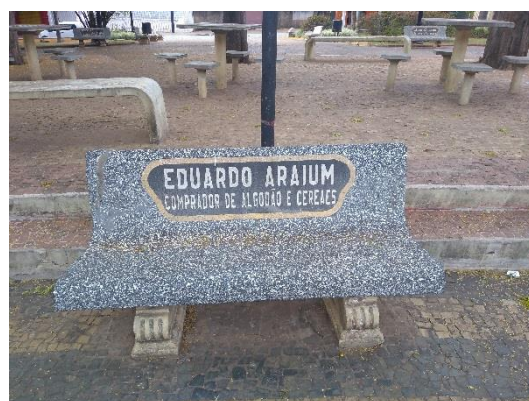


Fonte: memoriadepirassununga.blogspot.com

Os bancos que eram de madeira foram substituídos por bancos de granito (Figura 33) ofertados por comerciantes do município. Vários tipos de comércios foram extintos da cidade mas seus nomes ainda podem ser vistos nos bancos da praça, evidenciando assim a importância do resgate histórico e dos estudos do espaço geográfico como análise sistemática social e cultural, pois revelam o poder econômico da cidade ao longo da história. São as “marcas” que as gerações passadas deixaram no espaço através da produção e da reprodução de suas ações e atividades.

Figura 33 – Bancos da praça central de Pirassununga





Fonte: Fotos do autor tirada em Março de 2018.

A partir de 1961 foi instalado um sistema de auto falante municipal na praça central o qual funcionava no subsolo do coreto. Eram promovidos concursos infantis e gincanas. O sistema de auto falante municipal anunciava as principais notícias da cidade, era o antigo arauto município e a praça “Conselheiro Antônio Prado” tornou-se ponto de encontro da população local, pirassununguenses se aglomeravam e participavam das atividades promovidas. Os jovens se reuniam nos arredores do coreto e flertavam em rodas:

Era intensa a movimentação dos jovens, principalmente aos domingos no círculo interior do jardim, em fila de 4 a 5 moçoilas andando em círculo e, ao lado, andando em sentido contrário, os moços, em filas de 4 a 5, olhando, flertando e às vezes iniciando namoros e futuros casamentos, ao som da Corporação musical Pirassununguense, no tempo do maestro Eufrosino, e nos intervalos, músicas pelo Serviço de Alto-falante Municipal oferecidas ao amado ou amada (FOGUEL, 2018, p. 70)

Em 06 de Agosto do ano de 1962, era o aniversário dos 139 anos da cidade de Pirassununga e foi inaugurado um busto do Dr. João Antônio Del Nero na praça central defronte à rua José Bonifácio. Tal busto inaugurado marca a homenagem ao médico que tanto contribuiu na área da saúde do município.

Em 20 de Julho de 1965 a praça municipal ganhou um novo sistema de iluminação, o qual ganhou destaque nas conversas populares e os habitantes afirmavam constantemente que “a noite havia virado dia no jardim de Pirassununga”. Portanto os acontecimentos da época e as mudanças no espaço e no território são acompanhadas por modificações e consequências no imaginário social colaborando com a construção constante da cultura local e da significação do “lugar”.

Na década de 1970 a praça passou por modificações. Os arbustos antes plantados e conhecidos como “ficus” foram derrubados pelo fato de estarem infectados por uns bichinhos denominados popularmente por “lacerdinhas”⁵, cujos insetos irritavam muito aos olhos daqueles que passeavam pela praça e eram picados. No mesmo local dos arbustos derrubados foram plantadas árvores do tipo Sibipirunas.

⁵ Ficus ornamentais são frequentemente atacados por tripses em várias partes do mundo. Muitas espécies do gênero *Gynaikothrips* causam o dobramento das folhas destas plantas, e seus danos podem induzir a sua queda prematura. No Brasil, o nome popular “lacerdinha” foi dado a uma espécie de tripses chamada *Gynaikothrips ficorum*. Ela induz galhas em folhas de *Ficus microcarpa*, sendo considerada uma praga em grandes infestações. Foi a partir daí que surgiu o apelido de lacerdinha para este inseto, uma sátira a um político da época, Carlos Lacerda. O thrips lacerdinha, *Gynaikothrips ficorum* Marchal (Thysanoptera: Phloeothrips) infesta espécies de Ficus (DUARTE, 2007; PINHO et al., 2007; SILVA et al. 2007).

Em 1973 na gestão do prefeito “Tatalo” a praça foi reformada com a substituição do calçamento pelo assentamento de pedra do tipo “português” com o desenho estilo em Copacabana. Foram também construídos quatro espelhos d’água e o sistema de auto falante municipal do porão do coreto foi desativado.

Em Julho de 1988, iniciou-se a construção de um relógio solar na praça central defronte à rua Siqueira Campos, cuja inauguração ocorreu durante a gestão do então prefeito da época, Fausto Victorelli aos 16 dias do mês de Agosto do mesmo ano às 09 horas e 30 minutos. A obra foi realizada por Félix Carbajal, um professor uruguaio.

E em 19 de Março de 1986 foi fechado o Cine Teixa, importante cinema que fazia parte do lazer do cotidiano dos habitantes da cidade. Dois anos depois, em 1988 o Cine Jossandra também encerraria suas atividades.

Após 1988 várias atividades foram sendo desenvolvidas na praça central ano após ano principalmente aos meses de agosto com a finalidade de comemorar os aniversários do município. O carnaval também se exhibe como outra data comemorativa importante, onde a tradição das festividades ainda permanece no entorno dos jardins do coreto.

No ano de 2012 a última reforma foi feita na praça central (Figura 35) durante a gestão do prefeito Ademir Alves Lindo. As revitalizações ocorreram principalmente no sistema hidráulico, no calçamento, na iluminação e na restauração do coreto (Figura 34).

Figura 34 - Coreto da praça central de Pirassununga restaurado



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

Figura 35 - Placa sinalizando e demarcando local



Fonte: Foto do autor tirada em Março de 2018.

Atualmente a praça “Conselheiro Antônio Prado” (Figura 36) possui 133 anos de existência, acompanhando a evolução e a construção do lugar da sociedade local que tem o privilégio de experienciar o que foi produzido e reproduzido através de gerações.

Uma cidade não se torna histórica simplesmente porque ocupa um mesmo sítio durante um longo tempo. Os acontecimentos passados não produzirão impactos no presente se não forem gravados em livros de história, monumentos, desfiles e festividades solenes e alegres que todos reconhecem fazer parte de uma tradição que se mantém viva. Uma cidade antiga guarda um acervo de fatos nos quais as sucessivas gerações podem se inspirar e recriar sua imagem de lugar. Confiantes em seu passado, os cidadãos podem falar em voz baixa e preocupar-se em colocar sua cidade natal em um pedestal (TUAN, 1983, p. 193).

Figura 36 – Praça central da cidade de Pirassununga – Foto da década de 1980



Fonte: eepirassununga.blogspot.com

Os estudos, as revisões bibliográficas e as investigações no próprio local com os moradores abriram caminho para pressupostos de que a praça “Conselheiro Antônio Prado” é um lugar relevante para o povo pirassununguense e desperta suas as memórias afetivas, configurando-se num símbolo social e arquitetônico da história e do imaginário das pessoas, como nota-se nos resultados seguintes.

CAPÍTULO 05 - RESULTADOS

O rico banco de dados coletados das entrevistas foi transcrito e organizado em torno dos temas principais mencionados.

De acordo com as entrevistas, várias memórias e patrimônios apareceram, como a praça e tudo que a envolve, como os assuntos sobre a banda da cidade no coreto, alto-falantes, arborização, os cinemas, o carnaval, os bancos da praça e os usos que a praça tinha e ainda tem para o lazer, a socialização da população e a visão dos mesmos sobre o presente e o futuro. Nos arredores da praça, o principal patrimônio lembrado foi a Escola Estadual.

A praça central de Pirassununga como já mencionada no capítulo 04 foi criada por volta de 1880, época que refletia a ascensão do café na cidade e na região. Acompanhou ao longo dos tempos os desenvolvimentos sociais, tecnológicos e urbanos locais. Relatam-se a seguir memórias-lembranças ligadas às décadas de 1950 a 1970 (Figura 37).

Um coreto em funcionamento desde 1939 que foi construído de alvenaria com pedras aparentes nas partes exteriores. Com formato hexagonal, os espelhos d'água a sua volta refletiam sua imagem. As escadas que o davam acesso deixavam aparente seu porão.

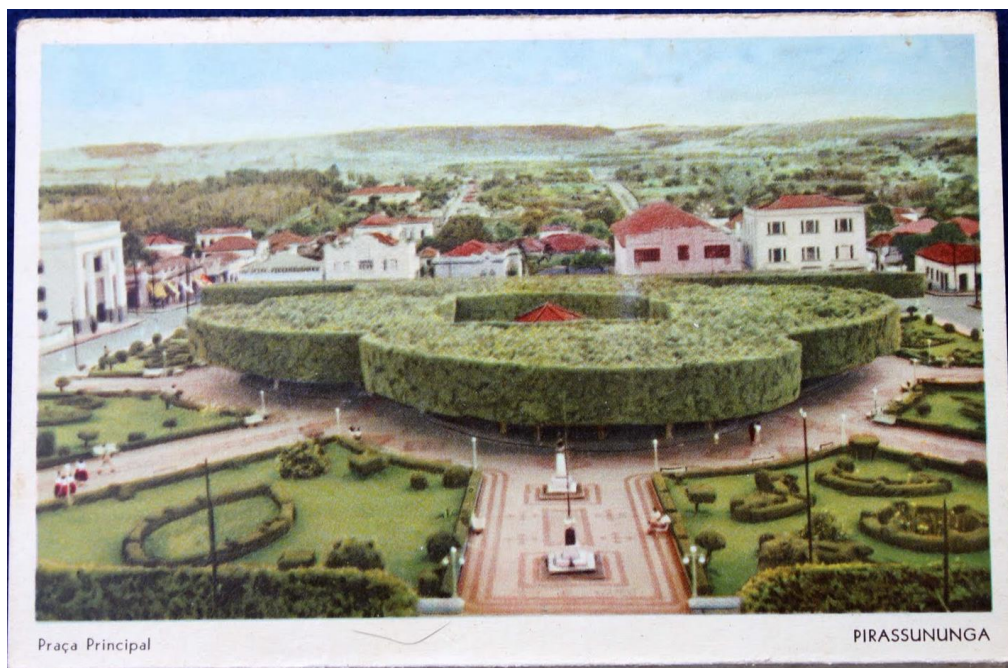
Bancos de madeira iam sendo substituídos pelos atuais de granito ofertados pelos principais comércios.

Inicia-se o sistema de alto-falante municipal com a finalidade de promover maior integração e entretenimento. As árvores “ficus”, plantadas em 1932 já embelezam o ambiente podadas simetricamente. Cinemas no entorno passam a ser grande fonte de atrações. Rapazes e moças passeiam pelo círculo da praça flertando. Todos os domingos famílias se reúnem para ouvir a corporação musical tocar. Em 1965 o ambiente ganha novo sistema de iluminação.

Os “ficus” infestam-se de insetos e são podados dando lugar a outras espécies e a praça também passa a ter calçamento português.

Assiste-se à desativação do sistema de alto-falante e é construído um relógio do sol.

Figura 37 - Réplica da praça central de Pirassununga por volta de 1960



Fonte: memoriadepirassununga.blogspot.com

5.1 As memórias-lembranças da praça e entorno pela população mais velha

- **Arborização do ambiente**

Nos anos das narrativas dos entrevistados, a praça nos anos 1950 era muito bonita. Havia muitas figueiras, bem podadas, como cita o relato a seguir:

“A praça era uma lindeza, não era como hoje. Era bem arborizada e as árvores eram podadas tudo certinho, coisa mais maravilhosa” (Figura 38). Afirma o morador Nelson Aldrigueti, de 93 anos de idade e que reside em Pirassununga desde 1943.

Figura 38 – Praça Conselheiro Antônio Prado – Década de 1950



Fonte: Foguel (2018, p. 63)

No entanto, as figueiras foram substituídas por outras espécies vegetais após uma infestação de pequenos insetos (“lacerdinhas” - Thysanoptera), como inclusive foi descrito por Foguel (2018).

João Ferreira Prado, 76 anos, também possui a mesma lembrança e ele diz que “Para começar as árvores eram diferentes das de hoje. Antigamente existiam árvores chamadas de fícus que devido aos mosquitinhos denominados lacerdinhas a prefeitura achou por bem retirá-las”.

A moradora Vilma Ferreira Prado Leitão de 61 anos e que viveu a vida toda na cidade também relembra que “Tinham muitos lacerdinhas nas árvores, caíam nos olhos e ardia muito”.

Rubens Aldriguetti, de 84 anos também diz que “Os costumes eram muito mais bonitos. A praça central tinha fícus bem podadinhos”. Na verdade, tais memórias dos moradores constitui um fato histórico:

Em 1º de Junho de 1970 Lauro Pozzi mobilizou uma equipe de trabalhadores, caminhões, pá carregadeira, serrotes e machados para derrubar 48 árvores infestadas de “lacerdinha”.

Os “ficus” plantados por Sebastião Domingues foram extinguidos porque apareceram uns bichinhos denominados na época de “lacerdinhas” que empestearam a praça.

De vez em sempre era necessário o combate com BHC, acabando por interditar a praça e retirar dali os motoristas de táxi.

Na mesma disposição em que se encontravam os “ficus” foram plantadas “Sibipirunas” (FOGUEL, 2018, p. 79)

Não podemos esquecer que a memória e a história estão intimamente ligadas. Fatos e acontecimentos sempre estiveram dispostos a uma linha do tempo em consonância a determinado espaço e a uma sociedade com sua cultura, seus costumes e todos os seus modos de viver, assim é possível estabelecer uma relação entre o cotidiano social de determinada época com o contexto histórico existente. Essa reflexão foi importante devido ao fato de alguns moradores afirmarem que o nome dos insetos “lacerdinhas” fazia referência ao político Carlos Lacerda, opositor de Getúlio Vargas.

- **A socialização e os encontros na praça**

Constata-se que antigamente as famílias se reuniam na praça aos domingos, a movimentação e a socialização eram cotidianas.

Homens e mulheres andavam pelo círculo da praça em sentidos opostos e aproveitavam esses momentos para as paqueras e esse costume que já não existe mais, ainda é uma forte lembrança na memória dos idosos.

O atual secretário municipal da cultura e turismo de Pirassununga afirma que:

As famílias se reuniam ali, as crianças ficavam brincando e interessante que cada família já tinha seu ponto, chegavam e cada um já tinha seu cantinho, era fácil das pessoas se encontrarem. Em volta do círculo maior do coreto os jovens se encontravam também, os rapazes em um sentido e as mulheres de outro e ambos movimentavam-se e assim que surgiram muitos namoros e casamentos. Para as paqueras os casais se dirigiam ao quadrado central da praça, era uma tradição e depois já com afinidades eles se assentavam nos bancos, isso era

muito seguido na época (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019)

A moradora Itelvina Barboza Bordignon, de 72 anos também se lembra que “Os homens e as mulheres caminhavam girando em volta do círculo central da praça paquerando e quem já namorava ficavam nos bancos, era muito gostoso”. Nota-se que esse costume era muito comum na praça central (Figura 39).

Outra moradora da cidade, Maria das Graças Dix Junqueira Pinto, de 65 anos, ao falar sobre atividades que não existem mais na praça, ela se lembra: “O passeio. Mulheres de um lado, homens do outro, fora do coreto. Chamava-se “trottoir”⁶, ficavam paquerando”. Tal hábito ficou reconhecido pela população e faz parte das memórias locais dos moradores mais antigos.

Figura 39 – Passeios entre rapazes e moças na praça central – foto tirada entre 1950 e 1960



Fonte: Secretaria municipal da cultura e turismo de Pirassununga

Os jovens atualmente se reúnem às sextas-feiras para a denominada “batalha de rima” lotando a praça, mas vemos, no entanto, que esse hábito do passeio em círculos acabou se perdendo através dos tempos, sendo algo que

⁶ Palavra francesa que significa “calçada” – na época os jovens andavam em volta da calçada girando em sentidos opostos de acordo com o gênero.

permanece nas lembranças e recordações afetivas em relação à praça “Conselheiro Antônio Prado”, lugar recordado com tanta satisfação pelos entrevistados.

A moradora Célia Martins Chamma Calil ressalta que a praça:

[...] traz muitas recordações, eu atravesso a praça até hoje, vou olhando e vêm tudo a minha mente, os tempos que a gente passeava, que tocava a banda, que tocava o alto-falante, então tudo isso é recordação. Os melhores anos de nossa mocidade se passaram aqui na praça (CÉLIA CALIL, 2019)

- **Corporação musical pirassununguense “16 de Julho” – Desde 1902 até os dias atuais**

Foguel (2018) descreve também que atividades e encontros ocorriam ao som da Corporação Musical Pirassununguense, e é algo que chama muito a atenção pois com frequência os entrevistados narram suas lembranças a respeito “da banda”.

Maria Alves Pinheiro Gallo, moradora da cidade diz que “Era gostoso. Eu e meu marido a gente saía bastante, ia na praça, ouvia a banda, tomava sorvete, ai chegava uma cunhada, chegava outra e a gente ficava conversando, era muito bom”, hoje aos 82 anos de idade, completa que “ainda gosto demais, para ir lá ouvir a banda, ver as crianças brincando, tomar um sorvete”.

Maria das Graças Dix de Junqueira Pinto narra sobre a banda que:

[...] tudo ali é importante, a gente falava que ia pular na banda então a banda ia embora, parava em frente ao cinema onde hoje é o teatro e a gente ficava pulando no meio da banda, era uma delícia. Aquela praça não tinha perigo nenhum. Era a praça mais bonitinha da região (MARIA DAS GRAÇAS DIX PINTO, 2019).

Nota-se, portanto, que os moradores locais relacionam a praça “Conselheiro Antônio Prado” à conhecida “banda” que atualmente é

reconhecidamente a Corporação Musical Pirassununguense, centenária e que participou ativamente da socialização das pessoas e da história do local.

José Carlos Alexandre, um dos integrantes da Corporação Musical e natural da cidade de Pirassununga conta que a praça central “É um marco histórico, quando se pensa no centro, a praça já vem à cabeça e todo domingo que estamos lá presentes e tocando fazendo parte dessa história, eu por exemplo tenho 50 anos de banda”.

O próprio Maestro do referido conjunto musical, nos traz suas recordações e fala da importância da música para o lugar estudado, Cláudio Azevedo, com 65 anos, ao ser indagado sobre o significado da praça central, responde que:

A praça para mim, hoje e sempre, é o nosso palco, onde fazemos apresentações, onde mostramos nosso trabalho e por sinal Pirassununga é uma cidade muito receptiva à música, as pessoas assistem, aplaudem. Agora a secretaria da cultura tem promovido bailes na praça um domingo de cada mês com as apresentações da banda (CLAUDIO AZEVEDO, 2019).

Foguel (2018, p. 51) faz referências ao surgimento da Corporação Musical Pirassununguense que teria ocorrido no ano de 1902 com o nome “Corporação Musical 16 de Julho” (Figura 40).

Pode-se dizer que a banda se “eternizou”, pois os anos se passaram, ocorreram muitas modificações físicas na praça e também muitas mudanças sociais e nos costumes dos moradores, porém domingo a domingo, as retretas⁷ permanecem sendo possível ainda sentar num dos bancos da praça ao som da Corporação Musical Pirassununguense mesmo após 116 anos de sua criação.

⁷ Toque de banda de música em praça pública – segundo o dicionário online de português.

Figura 40 – Corporação Musical Pirassununguense em apresentação do dia 07 de Setembro – foto da década de 1970



Fonte: Exposição da secretaria municipal de cultura e turismo de Pirassununga em Novembro de 2017

- **Sistema de alto-falantes municipal: participação, entretenimento e informações**

Outra constatação importante refere-se às lembranças que a população mais idosa tem a respeito do antigo sistema de alto-falante que funcionava na praça.

José Carlos Alexandre narra que “A banda tocava e revezava com o serviço de alto-falante com as músicas que eram atuais da época, inclusive as pessoas podiam oferecer músicas dedicando a canção para alguém, era a paquera da época”.

Os moradores não só se recordam da interatividade promovida pelo sistema de alto-falante como também sentem falta dele. Vilma Ferreira Prado Leitão pontua que “embaixo do coreto tinha uma rádio onde pessoas pediam músicas, é uma pena que não tem mais oferecimento de música, pois isso movimentava muito a praça”.

Roberto Donizeti Bragagnollo faz um adendo:

Lembro-me que havia na praça também um sistema de alto-falante, abaixo do coreto, as pessoas ofereciam músicas. Eu mesmo digo que virei radialista por conta disso, eu quando criança ficava lá olhando os locutores na escadinha, muitos se tornaram amigos. Tentamos fazer esse trabalho depois, abrimos licitação mas ninguém se propôs a executar esse trabalho, a intenção era ter assim um som na praça durante a semana ou propagandas e informações a noite durante os intervalos das apresentações da banda (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019).

Israel Foguel, 64 anos de idade, natural de Pirassununga, escritor e jornalista, contribui sobre esse assunto narrando que:

Na esquina da Duque de Caxias com José Bonifácio existia um comércio chamado bar pauliceia, onde funcionava o PRP, o comitê do partido republicano daquela época. No andar de cima desse prédio, o senhor Mário Elizeu, morador de Pirassununga, criou o sistema de alto-falantes e durante o dia na praça central eram dadas notícias, músicas, notas de falecimento, transmissão de jogos, oferecimento de músicas. Em 1973 desativou o sistema de alto-falantes municipal (ISRAEL FOGUEL, 2019).

É possível compreender que o sistema de alto-falantes municipal mesmo após décadas de desuso, sempre é lembrado pelos moradores quando se trata da praça central pelo fato de estar vinculado à comunicação e à informação da época, em um período onde a televisão era escassa e a internet inexistia, e assim o sistema da praça era o responsável pelas notícias e pelo entretenimento, além disso, o fato de permitir o oferecimento de músicas uns para os outros, favorecia interatividade entre o ambiente e seu público.

- **Frequência de público na praça**

Como já foi em relação ao caso da televisão, é evidente que ela tornou-se um meio de comunicação em larga escala, assim como a internet vêm

crescendo cada vez mais nos dias atuais, porém é necessário considerar que no período das décadas de 1950, 1960 e 1970 a TV não era tão popularizada e muito menos a internet, portanto a movimentação e a frequência da população na praça eram maiores.

Victor Arcângelo Raymundo, de 72 anos, morador da cidade há 38 anos diz que “Antigamente existia um movimento grande na praça dia e noite. A juventude antigamente passeava era na praça. Era um lugar muito agradável” e complementa narrando que “Na verdade a televisão tirou muito movimento da praça, as pessoas foram ficando mais em casa e os cinemas que existiam foram se fechando. Os jovens passaram a frequentar bares e a quantidade de pessoas frequentando a praça foi diminuindo”.

Outra moradora de Pirassununga, Maria Elisabete Baccarin Fluete, 65 anos, também narra a esse respeito falando sobre sua época de juventude “Nós saíamos a noite aos sábados e íamos à praça onde os jovens se encontravam. Era uma vida mais saudável, não tinha muita tecnologia, o ser humano era mais entrosado, hoje são muito dispersivos”.

É possível compreender então, que os meios de comunicação junto da era digital causaram mudanças nos comportamentos das pessoas, principalmente nos modos de se comunicar, interagir e relacionar.

- **A era dos cinemas no entorno da praça**

João Ferreira Prado ao ser perguntado sobre atividades que não existem mais na praça, conta-nos que “Uma delas é o cinema, porque agora ele se localiza lá na Avenida Painguás. A cidade inclusive ficou um tempo sem cinema até porque a televisão foi absorvendo esse público”. Muitos entrevistados relacionam a ascensão da TV com a diminuição da frequência das pessoas na praça central, justamente porque existia uma relação íntima do local com os cinemas que funcionavam no entorno.

Roberto D. Bragagnollo narra que a praça:

É uma grande vitrine, é um centro de convivência que se perdeu ao longo dos tempos, pelos modismos e pelos

entretenimentos que surgiram. Nem televisão não existia pois só foi implantada em 1950, poucas pessoas tinham esse aparelho de televisão, então a praça era um ponto de encontro muito importante (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019).

Israel Foguel contribui que:

Com o crescimento da cidade a movimentação da praça foi crescendo. Houve a época do sucesso dos cinemas. Em 1910 surgiu o primeiro cinema onde hoje é a ACIP (Cine São Francisco), em 1940 surgiu o Cine Odeon, que depois deu lugar ao Cine Teixa (Atual lojas americanas). Tivemos também o Cine Cacique (atual teatro Cacilda Becker) e o espaço Jossandra (Figura 41) (atual Igreja da Graça). Finais de semana as pessoas vinham para os cinemas e haviam duas sessões, primeira sessão os mais jovens que participavam e os pais ficavam na praça esperando os filhos e o público mais velho frequentava a segunda sessão. No domingo era a banda tocando e de sábado lotava a praça paqueravam e namoravam. A partir de 1965 mudaram-se os costumes e frequência aos cinemas já não era a mesma e a partir daí a movimentação foi diminuindo, barzinhos foram tomando o lugar de lazer atribuído a praça central (ISRAEL FOGUEL, 2019).

É importante salientar que os frequentadores dos cinemas eram, na maioria das vezes, os responsáveis pela movimentação de pessoas que ocorria pelos pontos da praça, mas é importante também mencionar que na atual sociedade da informação o perfil dos jovens mudou, bem como suas formas de lazer.

Irani Schimack Decarli, de 63 anos e natural de Pirassununga nos diz que “A praça significava um lugar respeitoso e também um lugar de diversão, posso dizer que como as pessoas gostam de shopping nos dias de hoje, minha geração gostava da praça”, ou seja, a moradora compara o gosto que a juventude atual tem por shoppings centers ou rolezinhos com sua época juvenil onde o ponto de encontro e o lazer se davam nos espaços públicos da praça “Conselheiro Antônio Prado” e suas atividades locais.

Figura 41 – Movimentação na entrada do antigo Cine Jossandra – foto da década de 1970



Fonte: Secretaria municipal de cultura e turismo de Pirassununga

- **Praça: Ponto de referência**

Moradores citaram, como já descrito, algumas mudanças no lazer da juventude como a frequência em barzinhos e na atual Avenida Newton Prado.

João Ferreira Prado diz que “o encontro de jovens para encontrar namoros hoje é na Avenida Newton Prado, barzinhos, todos espalhados pela cidade”, a palavra “espalhados” faz parte da noção de que na atualidade com o crescimento horizontal da cidade houve uma descentralização muito grande nos espaços destinados ao lazer e à socialização, muitos bairros novos surgiram, a maioria deles mais distantes do centro da cidade e várias praças também passaram a ser construídas em áreas residenciais ou condomínios privativos.

Porém, apesar de ter havido uma queda na movimentação de pessoas, engana-se quem pensa que a praça central é um espaço público vazio e

abandonado, pois mesmo após muitos anos e várias décadas, muitas referências foram mantidas, inclusive Roberto D. Bragagnollo nos diz que:

Nós ainda hoje tentamos manter essa referência, com a nossa banda tocando aos domingos e ela já tem 116 anos, mas o pirassununguense se não for em outras cidades não consegue fazer uma comparação. Dá impressão que toda cidade tem sua praça, sua banda e seu coreto, o que não é verdade, pois em algumas cidades o coreto foi desmanchado por ser considerado como algo ultrapassado, sem função, sem banda e descaracterizou o espaço (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019).

Observa-se através das narrativas que ainda hoje a praça “Conselheiro Antônio Prado” é referência para a população, é local não só de lembranças mas também de encontros, diálogos, amizades a apreciação, os moradores gostam de contar suas lembranças sobre o local e ficam felizes por terem feito parte de uma história que de certa forma tem sido preservada e que continua a ocorrer dia após dia.

- **Significação da praça “Conselheiro Antônio Prado” hoje**

Durante as entrevistas também foi elencado o seguinte questionamento: “O que significa a praça “Conselheiro Antônio Prado” para você hoje?”.

A moradora Vilma F. P. Leitão responde: “Saudade. Era o único lugar que íamos para passear mas era muito gostoso”, Vítor A. Raymundo nos diz que:

Não só hoje como num passado, a praça sempre foi e sempre será um lugar agradável. Quando está calor a gente vai na praça pega um sorvete e chego lá a praça está com várias pessoas. Então para mim significa um lugar de encontro, de interação entre a população (VITOR RAYMUNDO, 2019).

Outro morador, José Antônio Marucci, de 71 anos e natural de Pirassununga contribui que a praça central é “Um ponto de referência onde vejo meus amigos”.

Analisando os fragmentos das narrativas dos moradores é de extrema importância destacar os significados atribuídos à praça central, pois é de grande valor que um espaço público urbano seja considerado como uma “referência” para a população, que seja realmente um local que fomente e contribua para a “interação entre a população” e ainda que seja associado a um “lugar agradável”. Chama ainda a atenção o fato da praça ser resumida em uma única palavra: “saudades”, cujo sentimento sempre está atrelado às boas lembranças e recordações.

Ao dizer sobre o significado da praça, João F. Prado relembra também dos bens patrimoniais que estão ao entorno “Bom, para mim significa uma lembrança muito grande, um patrimônio importante, com o Instituto ali próximo, a igreja que tanto frequentei, que é um prédio que representa um patrimônio público. As ruas do entorno ainda possuem paralelepípedo porque é tombado, é histórico”.

Da mesma forma, a moradora Eloíza Salete Souza de Andrade, de 60 anos, diz “Eu acho um ambiente muito bonito, arborizado, tem um valor histórico e de patrimônio para a cidade. Acho muito legal e de grande valor para as crianças”.

Já a moradora Maria Elisabete B. Fluete destaca as novas funções que a praça assumiu “Ela ainda significa um ponto de encontro, mas hoje falo em relação à minha neta. Ela vai com os pais dela ver a banda, a feira de artesanato, então hoje é mais como prestação de serviço, lazer e fonte de informação e exposições” e Roberto D. Bragagnollo, na mesma linha, enfatiza as atividades da atualidade que vem sendo desenvolvidas:

Mais recentemente tivemos o carnaval que foi feito lá, estamos com alguns projetos na praça, a “Praça do livro”, caminhando para fazer uma feira do livro com atrações, trazendo inclusive autores e editores para fomentar a leitura e a socialização e agora nós criamos⁸ o projeto “dançando na praça”, sempre nos primeiros domingos de cada mês, os casais que vão para lá dançando ao redor do coreto, quando os casais vão à praça, eles levam os filhos, netos, e é onde o público acaba aumentando. As pessoas começam a ir para a praça e descobrir a praça, quem vai pela primeira vez, tenho certeza que volta, lá

⁸ O entrevistado usa o termo “nós criamos” pois é o atual secretário da Cultura e turismo do município.

you find old friends and acquaintances, popcorn, ice cream, want to say that which already existed since a long time (ROBERTO BRAGAGNOLLO, 2019).

Na visão dos moradores mais idosos de Pirassununga a praça central possui grande valor em se tratando do seu referencial enquanto espaço público, pois além do significado mais sentimental e afetivo para com o lugar, percebe-se que as pessoas levam em consideração tudo que a praça preserva daquilo que proporcionava tempos atrás e as novas atividades e projetos desenvolvidos na atualidade.

Portanto, o local em questão, objeto de estudo deste trabalho, bem como seu entorno, pode ser definido como uma “mistura” que consegue agregar o passado e o presente juntos, como se um não existisse sem o outro, é na praça que os séculos XX e XXI parecem se entrelaçar. E é assim que os próprios moradores locais vão atuando para que a praça se reinvente, admitindo ressignificações ao longo dos tempos.

- **Carnaval e a praça central**

Entrevistados lembraram durante suas narrativas que os carnavais da cidade de Pirassununga eram muito tradicionais e ocorriam no entorno da praça central.

A moradora Ana Maria Bastos Bonfim, de 84 anos e fundadora do bloco carnavalesco “Pinto do meio dia” conta sobre a origem do bloco dizendo que:

Vim morar de Recife para cá com quatro filhos que adoravam as diversões da praça. Portanto a praça era local de diversão para nós, referência, a banda maravilhosa que existe até hoje e a gente adorava aquilo. Nos domingos, íamos ao ponto chic, e em uma das idas em épocas de carnaval, vi que a praça estava meio vazia e pensei, ano que vem essa praça estará cheia pois irei fazer um bloco e vai chamar “Pinto do meio dia”, que na minha terra tem o “galo da madrugada”. Foi assim que em 1994 o bloco “Pinto do meio dia” ocorreu pela primeira vez e até hoje é uma tradição da abertura do carnaval na praça da cidade e que já completou 25 anos. Em 1976 meus filhos junto com os amigos deles criaram o bloco dos sujeitos,

que inclusive sai do bar Brasil e vai em direção à praça. O encontro nas praças em cidades pequenas é algo muito importante (ANA BONFIM, 2019).

Para Ana M. B. Bonfim existe uma relação íntima do carnaval com a praça central, cujo significado para a moradora é descrito da seguinte forma:

Posso definir como um berço de amizades, a praça continua sendo ponto referencial, hoje em dia eu vou pouco, mas sei que ela é um importante ponto de encontro e de manifestações culturais e do carnaval. Um significado muito grande para mim é quando termina o carnaval e eu olho a praça vazia cheia de confete, serpentina, me dá uma alegria de saber que muitas pessoas foram lá, brincaram e se divertiram (ANA BONFIM, 2019).

A moradora Maria Noêmia Lessa Raymundo, de 72 anos destaca “Lembro-me apenas de apresentações que existiam na praça e que hoje tem muito pouco. Existiam mais blocos de carnaval mas hoje tem pouco”. Realmente nota-se que antigamente o carnaval era algo bem tradicional na cidade e que ocorria nos arredores da praça central.

Com o tempo as pessoas foram se acostumando a curtir o carnaval com outras atividades, embora ocorram movimentos para resgatar a tradição no centro da cidade. Soma-se a isso o fato de que o bloco anteriormente citado, o “Pinto do meio dia”, nunca deixou de movimentar os foliões desde o ano 1994, época em que foi criado.

- **Preservação patrimonial**

Outra consideração importante nas narrativas dos moradores de Pirassununga é o fato de que eles pensam que devem ter mais mobilizações por parte do poder público e da própria população em valorizar a praça central da cidade por se tratar de um local histórico e por ser um patrimônio dos próprios moradores.

Maria Noêmia L. Raymundo, por exemplo, relata que para ela a praça central é “Uma área linda, que poderia desenvolver muita coisa de lazer, que não

é tão valorizada pela população ou poder público. As pessoas aqui têm parece que receio de participar das coisas mais populares, parece até um sentido meio elitista. As pessoas mais simples acabam participando mais” e completa dizendo “Algumas casas bem antigas ao redor da praça também me chamavam muita atenção, não me conformo quando derrubam essas casas que eu acho que deveriam ser patrimônios históricos, poderiam até servir ao turismo da cidade”, nota-se portanto uma preocupação da moradora no sentido de que a população valorize o espaço público, tenha consciência em relação à preservação dos patrimônios e dos bens materiais construídos e acima de tudo que participe dos projetos e atividades que são propostos com vistas a enfatizar a cultura popular.

Israel Foguel argumenta ainda que a praça central da cidade “é um patrimônio, infelizmente não existe um trabalho turístico, porque se você entrar na praça o que tem de história, os próprios bancos retratam as firmas da região, as mudanças que a praça teve com o tempo, quais as explicações para cada ponto, objeto ou obelisco”.

Um adendo importante é que a cidade de Pirassununga possui estruturas que fomentam o turismo em algumas áreas da cidade, porém isso não existe na região central onde há na praça “Conselheiro Antônio Prado” um contexto histórico muito denso aliado aos patrimônios materiais que se localizam no entorno, entretanto é visível através das entrevistas que os moradores enxergam essa lacuna. São necessárias, portanto, ações, campanhas e mobilizações no sentido de se preservar e conservar todos os bens materiais que foram construídos ao longo dos anos.

- **Principais patrimônios no entorno da praça: Escola Estadual Pirassununga**

Durante as entrevistas foi feita a seguinte pergunta: “Dentre os prédios ao redor da praça, qual chama mais sua atenção? Por que?” em seguida eram mostradas quatro fotografias aos entrevistados. As fotografias eram respectivamente da Escola Estadual Pirassununga, do Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos, da Câmara Municipal e do Banco do Brasil. A intenção foi de resgatar lembranças e possíveis laços afetivos dos moradores com os

patrimônios e além disso avaliar qual prédio histórico mais aguça as memórias das pessoas.

A princípio buscou-se encaminhar os entrevistados para uma escolha única perante os prédios públicos, porém não foram descartadas respostas que citaram mais de um dos patrimônios, e assim, cada entrevistado, dessa forma, poderia escolher mais de um.

Perante as entrevistas analisadas, o prédio mais citado foi indiscutivelmente o da Escola Estadual Pirassununga “EEP” (em 71% dos entrevistados), antiga Escola Normal, denominada por muitos apenas como “Instituto”.

Vários moradores narraram com satisfação ao mencionar a escola. Maria Elisabete B. Fluete por exemplo narra que o “EEP” chama a atenção “Pelo que ele representou em minha vida, foi a berço da minha intelectualidade e também por essa estrutura arquitetônica maravilhosa”.

Maria das Graças D. J. Pinto ao escolher o mesmo prédio justifica:

Porque eu entrei lá com 6 anos de idade e saí de lá formada professora primária, então adoro essa escola e acho que tive uma ótima formação. Alunos da região vinham fazer a escola normal aqui, o trem parava para eles na Prudente de Moraes, os meninos saíam e ficavam na praça esperando as meninas e a gente ficava lá conversando. Então tenho muita saudade da época da escola, da minha turminha (MARIA DAS GRAÇAS DIX PINTO, 2019).

Ou seja, os moradores associam o bem patrimonial exatamente ao que ele representa a sociedade: os estudos.

Notadamente há relações afetivas, Vilma F. P. Leitão justifica sua escolha da seguinte forma: “Porque tenho saudade até do cheiro da escola, gostava muito. A escola tem uma ótima estrutura, me traz boas recordações de quando eu estudei lá no ginásio e colegial”.

Eloíza S. S. de Andrade complementa que a escola “é muito forte porque eu estudei lá e tem um valor sentimental para mim”. Então não podemos esquecer da perspectiva experiencial onde os cinco sentidos decodificam o

ambiente e agem cognitivamente, portanto, a “saúde do cheiro da escola” remete à memória afetiva do lugar.

Maria Noêmia L. Raymundo argumenta que o EEP (Figura 42) possui:

[...] suntuosa arquitetura e que representa e representou algo maravilhoso para a educação. Quando a escola sofreu o incêndio eu até chorei. E ele representa o momento em que Pirassununga se destacou na cultura e na educação, que é a base do desenvolvimento de um país (MARIA NOÊMIA RAYMUNDO, 2019).

E Vitor A. Raymundo fala que a escola:

[...] trouxe muita contribuição para a cidade. Pirassununga foi o berço da educação, outras cidades ao redor não tinham escolas e o pessoal pegava o trem e vinha para cá para estudar, aqui tinha escola normal, científico, e Pirassununga era uma referência cultural e educacional. Então eu acho que a escola teve um significado importante nesse primeiro momento onde ela pôde acolher diversos jovens da região para vir estudar aqui. Muitas pessoas importantes estudaram lá e que depois se destacaram (VITOR RAYMUNDO, 2019).

Cita-se ainda Cláudio Azevedo que compara “sou de Campinas e lá também tem um Instituto, muito parecido com esse na arquitetura e que se chama escola normal. A história dessa escola é muito grande e muitos professores de lá se eternizaram. Para mim é um dos prédios mais bonitos da cidade”.

Figura 42 – Escola Estadual Pirassununga – Patrimônio histórico tombado (Foto tirada entre 1950 e 1960)



Fonte: eepirassununga.blogspot.com

Não menos importante, o Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos também foi o prédio escolhido por vários entrevistados (61%), os quais justificaram suas escolhas de diferentes maneiras.

Francisco Carlos Leitão, de 63 anos diz que:

Além de ser um prédio antigo e bonito, tem várias realizações que lá são feitas, como a procissão da paixão de Cristo que reúne uma multidão e as missas de domingo. É um local sempre em movimento. A igreja chama atenção de quem passa por aqui, da pista você já enxerga a torre (FRANCISCO LEITÃO, 2019).

Itelvina B. Bordignon fala que a igreja:

Chama atenção pela beleza que ela tem, o que ela significa para Pirassununga, foi uma das primeiras igrejas que surgiu na cidade. E ela representa o ponto central da cidade, muitas pessoas admiram e dizem que a igreja é muito linda e bem cuidada, até mesmo pela arquitetura dela. Como diz o padre Vilson, você chega na rodovia próximo ao Cristo você já vê a torre da igreja ao longe (ITELVINA BORDIGNON, 2019).

É importante salientar que a procissão do “Senhor Morto” reúne, todos os anos, milhares de pessoas na sexta-feira santa, no Santuário, onde vários rituais da religião católica são realizados, como “o sermão das sete palavras”, “o canto da Verônica”, “a descida de Jesus da Cruz” e a procissão com as sagradas imagens pelos quarteirões no entorno da praça central ao som fúnebre da Corporação Musical Pirassununguense. A Praça fica com uma multidão de fiéis e o acontecimento se repete todos os anos tradicionalmente enquanto badala o sino, cuja torre é visualizada pela Rodovia Anhanguera demonstrando um ponto de referência na paisagem urbana.

Outras narrativas são feitas ao escolher o prédio da igreja como o mais chamativo. Maria A. P. Gallo diz que “A igreja é minha preferencial, sou católica, acho a igreja muito linda, batizei minha filha lá, fui a casamentos. Quando eu tinha meu marido a gente não saía da igreja, íamos todos os domingos” e Irani S. Decarli relembra que “os casamentos, procissões eram realizados nesta igreja e ao redor da praça central”.

A moradora Célia M. C. Calil cita sobre a igreja:

[...] Lá eu fui batizada, fui crismada e frequento até hoje. Lá por dentro daquela igreja a pintura é maravilhosa, é uma arte. A pessoa que pintou, que fez aquilo não existe mais. O pintor era chamado Osvaldo Vadalá, ele retocou todas as pinturas da igreja e era um homem simples. E um dia conversando com a esposa dele, já viúva na época ela me contou que quando ele foi fazer os retoques na igreja, os netinhos dele brincavam embaixo dos andaimes e ele olhava o netinho e os olhos do anjinho no teto da igreja e foi copiando os olhos do neto na pintura do anjo. Olho o teto daquela igreja eu acho a coisa mais maravilhosa (CÉLIA CALIL, 2019).

Israel Foguel faz uma análise conjunta dos dois prédios anteriormente mencionados narrando que:

[...] o EEP, em 1910 Pirassununga passou a ser referência regional na educação pois os jovens das cidades ao redor vinham para Pirassununga para estudar e usavam a linha férrea como transporte, portanto a escola formava a juventude e tivemos pessoas ilustres que lá estudaram como a Cacilda Becker e sua mãe, pai do cantor Renato Teixeira, a mãe do Ary Toledo. Então imagina um prédio

dessa envergadura lá em 1918 numa cidade pequena que não possuía nem 10 mil habitantes. O prédio é tombado e deve ser mantido.

A igreja surgiu em decorrência do EEP, em 1895 houve a ideia de se fazer a igreja matriz. Uma comissão contratou um italiano para construção mas o dinheiro acabou e ele empregou todo seu dinheiro na obra. Em decorrência disso ele se matou. Em 1911 começa a construção da escola, então veio um padre para a cidade e quis acompanhar a construção da igreja, o povo se uniu e em 1915 se inaugurou a pedra fundamental da igreja, em 1918 foi a inauguração do EEP, então nós tivemos dois prédios que se destacaram e que cresceram juntos (ISRAEL FOGUEL, 2019).

Ou seja, historicamente ambos os prédios possuem relações entre si e é importante lembrar que a Escola Estadual Pirassununga é um patrimônio tombado e que a igreja localizada próxima está dentro do raio de trezentos metros onde não se pode descaracterizar as arquiteturas, ou seja, é como se um prédio protegesse o outro (Figura 43).

Figura 43 – Praça central com o Santuário e a EEP ao fundo – foto de 1955



Fonte: memoriadepirassununga.blogspot.com

Os outros prédios foram menos citados, Banco do Brasil (19% dos entrevistados) e a Câmara Municipal (04%), embora também chamem a atenção de muitos moradores. Abílio Junqueira Pinto, de 72 anos escolhe o prédio do Banco do Brasil e narra: “Eu estudava no Izip e eu vim num baile do clube dos sargentos que ocorria nesse prédio e eu perdi o ônibus para ir embora e eu tinha bebido um pouco e não quis voltar a pé e acabei dormindo no banco da praça, o 1º banco mais próximo ao prédio do BB”.

João F. Prado se recorda “Lembro-me desse prédio do banco do Brasil que antes era da Caixa econômica estadual e no andar de cima havia o clube dos sargentos e subtenentes e eu frequentava, a gente tinha baile” (Figura 44).

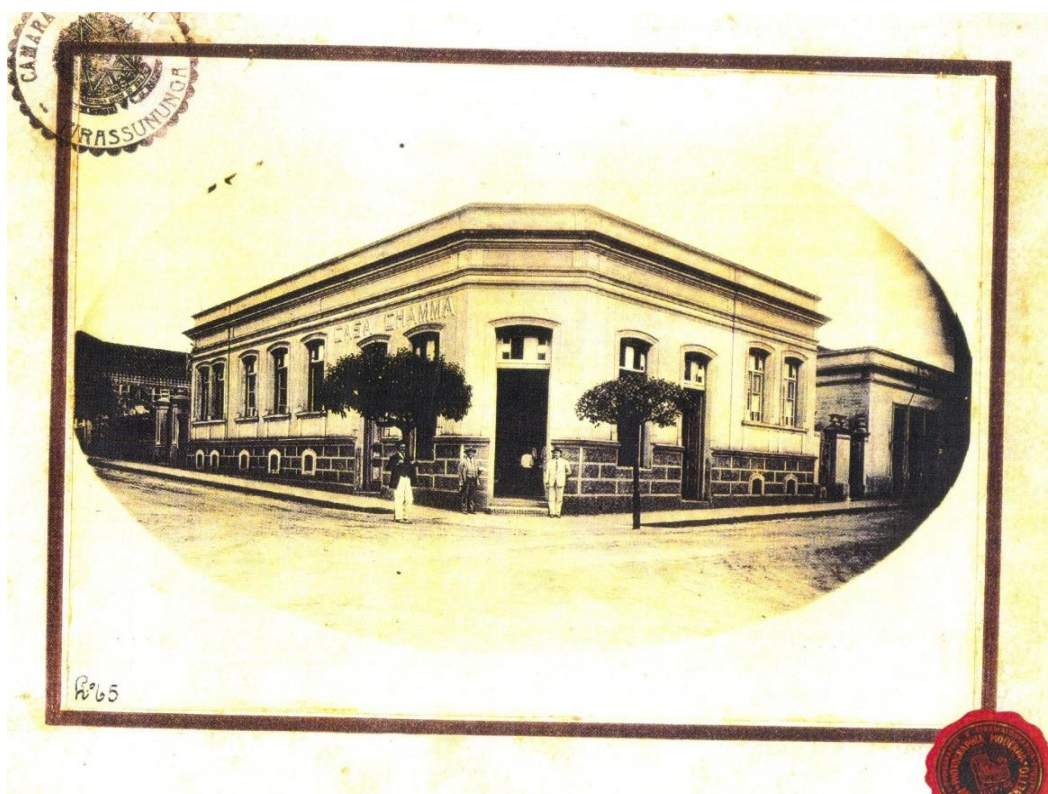
**Figura 44 – Prédio do Banco do Brasil (Antiga caixa econômica estadual)
– foto da década de 1970**



Fonte: memoriadepirassununga.blogspot.com

Célia M. C. Calil ressaltava uma curiosidade sobre o prédio: “Antigamente quando eu não tinha nem nascido ainda, era uma loja da família do meu pai, tenho até uma fotografia. Era uma loja de tecido chamada Casa Chamma (Figura 45). A fotografia mostra pessoas com terno e chapéu, que eram as roupas que antes se usavam”.

Figura 45 – Casa Chamma – ano desconhecido



Fonte: Fotografia gentilmente cedida por Célia Martins Chamma Calil

O comércio “Casa Chamma” se localizava onde hoje é o banco do Brasil.

Por fim, Israel Foguel contribui narrando sobre o prédio da Câmara Municipal: “Final de 1890 era uma delegacia, depois passou a ser câmara, depois passou a ser a prefeitura e foi aumentada de tamanho, hoje voltou a ser câmara municipal novamente e ajudava a formar um conjunto arquitetônico”.

- **Os bancos da praça e as memórias**

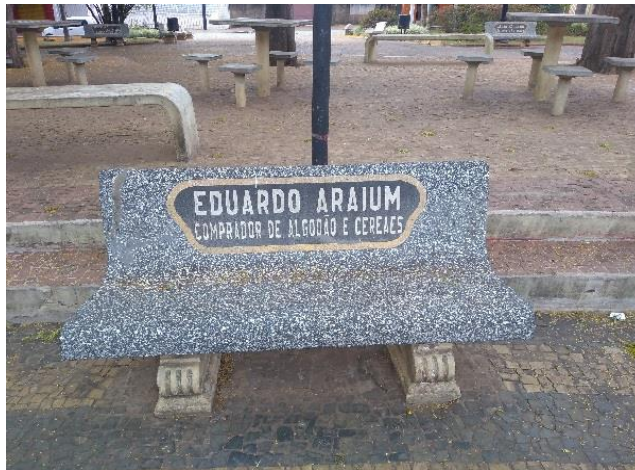
Desde o início deste trabalho, os bancos da praça já chamavam a atenção por referenciar comércios antigos locais e regionais. Durante uma determinada reforma da praça realizada pela prefeitura, a própria população posicionou-se contra o projeto por imaginarem que os referidos bancos seriam retirados do local.

Os incentivos e sugestões da banca de qualificação reforçaram o resgate de lembranças sobre os bancos, onde decidimos apresentar fotografias dos referidos bancos aos entrevistados questionando sobre o reconhecimento dos estabelecimentos comerciais, pois muitos deles nem existem mais e deixaram sua marca registrada nas dependências da praça e alguns são lembrados apenas por pessoas idosas devido ao tempo em que encerraram suas atividades.

Desse modo, foi perguntado aos entrevistados se acaso se recordam de algum dos comércios intitulados nos bancos da praça e se gostaria de falar sobre algum, onde vários moradores narraram fatos curiosos e interessantes e deram informações a respeito de comércios que são desconhecidos por grande parte da população jovem.

A seguir são ilustrados os referidos bancos seguidos de descrições de moradores (Figura 46):

Figura 46 – Banco “Eduardo Araium”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Muitos entrevistados conheceram Eduardo Araium (falecido) e segundo relatos dos moradores ele possuía ascendência alemã, tinha grande influência política e era dono das terras onde atualmente se localiza o bairro “Cidade Jardim”. Após sua morte, seu filho, Edson Araium continuou os trabalhos do pai e foi aos poucos loteando as terras em bairros urbanos.

João F. Prado, alfaiate aposentado, diz que Eduardo Araium “era freguês meu, eu conhecia ele e o pai dele. Morou um tempo nos Estados Unidos e trouxe o estilo americano sem muros e portões para os costumes do pessoal que foi construindo no bairro da cidade jardim”, Vitor A. Raymundo complementa:

Pirassununga é um centro agroindustrial ainda hoje e antigamente a cidade era grande produtora de algodão e esse Eduardo Araium comprava o algodão e repassava para as fiações, ou seja, ele servia de intermediário entre o produtor rural, a fiação e a indústria. As terras onde hoje fica o bairro da cidade Jardim eram da família dele”. Rubens Aldrigueti se recorda que “Nessas terras próximas ao cemitério municipal que eram da minha família plantava-se algodão e a gente vendia tudo para ele (VITOR RAYMUNDO, 2019).

Historicamente é importante salientar que Pirassununga foi uma cidade com grande destaque para a plantação de café, porém com seu declínio começaram a aumentar as lavouras de algodão inclusive a primeira indústria da cidade foi a “Fiação e tecelagem de Pirassununga” fundada em 1924. Eduardo Araium relaciona-se ao período de ascensão da cultura do algodão, além disso explica-se o fato do então bairro “Cidade Jardim” ser diferenciado do restante da cidade onde a maioria das residências são desprovidas de muros e portões na fachada.

Outro banco a destacar é o da Casa Mimi (Figura 47).

Figura 47 – Banco “Casa Mimi”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

De acordo com os moradores da cidade, a loja se localizava na esquina entre as ruas Duque de Caxias com José Bonifácio depois mudou-se para a Rua XV de Novembro. Sempre na região central da cidade, a loja ainda existe e foi atualizando seus produtos vendidos com o passar dos anos.

Maria das Graças D. J. Pinto relata:

[...] Ficava na esquina da Rua Duque onde hoje é a drogaria São Carlos e no natal tinha uma vitrine grande bem na esquina e o dono montava um trenzinho para a criançada ver, eu ficava louca para ver aquele trenzinho, tinha monjolinho, tinha de tudo. O dono era o Sr. Mimi, que era primo do meu avô (MARIA DAS GRAÇAS DIX PINTO, 2019).

Israel Foguel reforça que:

[...] A tradição era o trenzinho da Mimi, todo final de ano armavam o trenzinho chamavam um Papai Noel que vinha de fora e na época todo mundo queria saber quem era, mas ninguém descobriu quem era esse Papai Noel. Foi uma loja tradicional de presentes (ISRAEL FOGUEL, 2019).

Em se tratando da antiga Leiteria São Jorge, a maioria dos entrevistados não se lembraram da localização, apenas descreveram que a qualidade dos produtos era muito boa (Figura 48).

Figura 48 – Banco “Leiteria São Jorge”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

João F. Prado se lembra que “Saíam carroças e entregavam o leite pela cidade”, as pessoas em Pirassununga deixavam garrafas de vidro vazias em frente às suas casas e quando o leiteiro passava ele pegava o casco e colocava uma garrafa cheia no lugar. Para Irani S. Decarli a lembrança é: “pegávamos uma carona com o caminhão que transportava o leite das fazendas para a leiteria”.

Outro banco a citar é o da Casa vermelha (Figura 49):

Figura 49 – Banco “Casa vermelha”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

De acordo com as entrevistas realizadas, quando a “Casa Vermelha” ainda estava em funcionamento a praça central era fechada com arame farpado e ao lado da loja é que funcionavam circos, quando estes passavam pela cidade. (Figura 50)

Célia M. C. Calil se recorda que “Localizava-se na esquina da praça na rua General Osório. O dono era descendente de português, chamava-se Sr. Cabral.”

Figura 50 – A “Casa vermelha” do Major João da Motta Cabral – foto de 1897



Fonte: Godoy (1975, p. 185)

Muitas foram as narrativas também sobre o curtume, comércio que não existe mais em Pirassununga. Percebe-se que os moradores contam suas memórias do lugar acompanhando as memórias olfativas (Figura 51).

Figura 51 – Banco “Curtume Gruninger”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Célia M. C. Calil diz que “Os donos eram descendentes de alemão, a filha dele estudou comigo, minha grande amiga Giselda. O comércio ficava na rua Padre Antônio Van Ess”, Israel Foguel também ressalta que o curtume se localizava “Onde hoje é a Ford. Era do senhor Fritz Gruninger e lembro do aroma pois o curtume tinha um cheiro muito forte”, João F. Prado completa que “Só de falar parece que sinto o cheiro. Os curtumes tinham cheiro muito forte. Eles curtiam a pele dos animais. Não me lembro muito bem mas sei que havia algo que eu ia buscar com meu irmão no curtume”.

José A. Marucci também conheceu o comércio, o qual “dava emprego para as pessoas, inclusive conheço atualmente o filho do dono dessa empresa, cujo nome é Gilson e é meu amigo”.

O morador Victor A. Raymundo faz uma reflexão:

Eu gostaria de destacar o curtume Gruninger que na minha visão era importante para a cidade pois antigamente não vinha carne dos frigoríficos. Na região quem trabalhava com gado fornecia os animais para serem abatidas no matadouro daqui e eles tinham dificuldade de colocar o couro. E esses curtumes preparavam e trabalhavam o couro depois lavavam e faziam calçados para vender e rendia um quinhão econômico para a região e já resolvia o problema do destino do couro que saía dos matadouros (VITOR RAYMUNDO, 2019).

Ou seja, os curtumes para a época tinham uma importância estratégica no contexto econômico da cidade, é importante saber que os próprios moradores possuem esse reconhecimento, além disso ficam claras as experiências com o meio onde as pessoas descrevem o lugar relacionando ao aroma.

Abaixo vemos o banco da extinta farmácia Moraes (Figura 52):

Figura 52 – Banco “Farmácia Moraes”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Nota-se que a escrita mudou e também as funções delegadas às farmácias. Israel Foguel lembra-se da “Pharmacia Moraes falando que “foi aqui onde comecei a trabalhar e lembro que Pirassununga tinha 8 farmácias. Naquela época as farmácias atendiam as pessoas porque não tinham muitos médicos”, a moradora Célia M. C. Calil também se recorda do comércio que:

[...] Ficava em frente à praça, era um prédio antigo com portas grandes de ferro todas trabalhadas bonitas com banco na frente, porque antigamente as farmácias tinham bancos que a gente sentava para esperar para ser atendido, e depois o comércio foi transferido para a rua General Osório (CÉLIA CALIL, 2019).

Os entrevistados contam que antigamente não existiam supermercados na cidade, haviam comércios que vendiam uma grande variedade de produtos e recebiam o nome de armazéns. Manoel Paulino era dono de um dos muitos armazéns que existiam em Pirassununga (Figura 53):

Figura 53 – Banco “Armazém de secos e molhados de Manoel Paulino”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Itelvina B. Bordignon lembra-se que este comércio “ficava na rua José Bonifácio, nesse comercio lembro muito que meu pai comprava fiado lá, minha família vendia feijão, milho a granel. É uma história bem triste pois meu pai não tinha dinheiro todo mês, ele só conseguia pagar quando era época da colheita pois morávamos no sítio”.

De acordo com as narrativas dos entrevistados, a Cerâmica Tupy (Figura 54) foi de extrema importância para a cidade e vários moradores contaram que as casas que residem até hoje possuem telhas que foram fabricadas nessa cerâmica que não existe mais.

Figura 54 – Banco “Cerâmica Tupy”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Eloíza S. S. de Andrade se recorda: “quando em 1987 cheguei de São Paulo, entrei lá dentro, conversei com um senhorzinho, que me mostrou os fornos, o cozimento dos tijolos, telhas, cheguei a conhecer esse comércio por dentro” e Irani S. Decarli diz: “Nossa casa usou essas telhas e até trabalhei para uma herdeira desta cerâmica que se chamava Marise Costa”.

A cerâmica também é lembrada por Francisco C. Leitão, ele conta que:

Foi uma indústria que fazia tijolos, telhas para várias casas de Pirassununga, inclusive trabalhei lá por três anos, na época eu tinha quinze anos de idade e até hoje guardo uma carta de apresentação que a empresa me deu. Era uma grande cerâmica e empregava um grupo razoável de pessoas (FRANCISCO LEITÃO, 2019).

A lembrança de Itelvina B. Bordignon é que “A cerâmica ficava ao lado do atual supermercado Covabra e recordo que na chaminé eles apitavam sempre à meia noite quando era final de ano e lá do sítio onde eu morava eu ouvia, isso me marcou, toda vez que lembro dessa cerâmica lembro também da minha infância”.

Atentando-se ao contexto histórico, Israel Foguel conta que:

A Cerâmica Tupy surgiu em 1924. O primeiro dono foi o Capitão Antônio Joaquim Mendes, depois de quatro anos assumiu Sr. Juca Costa e a maioria das casas daqui da cidade eram feitas com telhas dessa cerâmica e o trem trazia as matérias-primas que vinham de Leme (ISRAEL FOGUEL, 2019).

Deve-se a isso o fato de que a Cerâmica era localizada bem próxima à antiga linha do trem, onde hoje passa uma Avenida que ficou com o nome de “Juca Costa” em homenagem ao antigo dono do comércio. Atualmente, no mesmo lugar ainda permanece uma das chaminés, a qual remonta todo esse histórico.

Ainda de acordo com narrativas, Juca Costa tinha um irmão chamado Astolfo Costa, dono de um restaurante onde hoje é o posto Graal às margens da Rodovia Anhanguera e pai de Rubens Costa que foi prefeito de Pirassununga.

Na sequência, vemos o banco da Máquina de arroz (Figura 55):

Figura 55 – Banco “Máquina de Arroz”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Existiram algumas controvérsias no que se refere à localização desse comércio, embora vários entrevistados se recordem de alguns fatos e dizem que a família Calharani sempre foi muito conhecida.

Maria das Graças D. J. Pinto fala que “Eles descascavam o arroz e a gente ia lá e ficava brincando naquelas montanhas de arroz” e João F. Prado destaca:

Os comerciantes buscavam o arroz dos sítios, levavam para as máquinas para beneficiar o arroz e sobravam as palhas, quando eu era garoto eu pulava naqueles montes de palha depois dava uma coceira. Lembro que existiam peneiras que iam separando os grãos inteiros e os que estavam quebrados, eram separados para vender em valores diferentes (JOÃO PRADO, 2019).

Os comércios de máquinas de arroz também deixaram de existir a partir do advento das indústrias alimentícias que hoje dominam o mercado, assim como também as gráficas cada vez maiores foram tomando o lugar das pequenas tipografias (Figura 56):

Figura 56 – Banco “Tipografia Odeon”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Com a tecnologia crescente as tipografias deixaram de existir, mas a tipografia Odeon teve sua importância histórica pois segundo o morador Israel Foguel “Faziam livros, almanaques e lançavam publicações importantes para a cidade”, ou seja, de certa forma é este o comércio que ajudava a contar a história da cidade através dos vários registros que produziu ao longo dos anos. Célia M. C. Calil fala que “Conheci este comércio e ficava em frente onde hoje é o Esporte Bola Branca, essa tipografia inclusive ficava bem em frente a um armazém que era do meu pai”.

O banco da Indústria 51 é famoso (Figura 57):

Figura 57 – Banco “Pirassununga 51”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Por unanimidade, todos os entrevistados reconhecem a “51”, que é uma indústria antiga mas ainda em funcionamento da cidade, possui uma importância estratégica pois exporta seus produtos para vários países.

Maria Noêmia L. Raymundo argumenta que:

O que mais me chama atenção é a 51, pois ela é uma indústria que faz com que Pirassununga tenha um destaque grande na produção da pinga, foi uma empresa que começou pequena e hoje é gigante. A Dona Belila era esposa do Sr. Ézio, proprietário da 51, deu nome ao centro cultural que substituiu o espaço antes ocupado pela estação ferroviária (MARIA NOÊMIA RAYMUNDO, 2019).

Ressalta-se que o Centro de eventos Dona Belila é hoje um importante local para a cidade pois é onde ocorre a denominada “Semana Nenete”, a maior festa caipira do interior do estado e busca resgatar a cultura regional.

A imagem abaixo (Figura 58) é outro banco existente na praça central:

Figura 58 – Banco “Savastano alfaiate”



Fonte: Foto do autor tirada em Maio de 2018.

Na atualidade, quando as pessoas precisam comprar roupas elas vão até as inúmeras lojas existentes, mas antigamente frequentava-se alfaiates que faziam as roupas com auxílio de pequenas máquinas. Pirassununga teve muitos alfaiates e um deles era Arunto Savastano, descendente de italiano.

Célia M. C. Calil conheceu bem o comerciante “Era sogro da minha irmã, o filho desse alfaiate casou-se com minha irmã, ambos já falecidos. O conheci bem, a alfaiataria localizava-se na rua José Bonifácio”. João F. Prado se recorda “Eram dois irmãos alfaiates, fui amigo dos dois, por sinal eu comprei uma tesoura de um deles que media de dois palmos e três, tenho ela até hoje. Foi uma pessoa que me deixou saudades e era um excelente profissional”.

Maria das Graças D. J. Pinto narra que se lembra de Savastano e “Depois o filho dele fez um barzinho de jovens que se chamava Savas bar lanchonete”, José Carlos Alexandre também narra suas lembranças “Ele tinha uma alfaiataria na rua José Bonifácio, inclusive ele era músico também e tocava saxofone”.

5.2 As representações da praça e entorno pela população mais jovem

Com o embasamento teórico de Tuan (1983; 1996; 2012) e Lynch (2006) e levando em consideração os trabalhos de Kozel (2007; 2009) foram utilizados mapas mentais para esta pesquisa.

Os mapas mentais foram confeccionados por adolescentes entre 15 a 16 anos de idade visando ao reconhecimento e aspirações sobre a praça central e seu entorno por parte da população mais jovem.

Os adolescentes que participaram da elaboração dos mapas são alunos da rede pública e estudam na “Escola Estadual Profa Therezinha Rodrigues”, escola que se localiza na área urbana de Pirassununga.

Os referidos alunos foram acompanhados durante três anos ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Quando cursavam o oitavo ano do Ensino Fundamental, no ano de 2017 foi solicitado que eles entrevistassem alguém mais velho da família e que falasse sobre a praça central da cidade e sua importância, cujas atividades foram realizadas como intervenção na disciplina de geografia como proposta de auxílio em língua portuguesa levando em conta que os alunos teriam que realizar pequenas entrevistas trabalhando a competência leitora e escritora, além de registrar corretamente informações e dados. Todas as atividades foram coletadas e servirão como um material de apoio para um

planejamento de futuras entrevistas que seriam realizadas durante esta presente pesquisa.

Em 2018, quando os mesmos alunos encontravam-se cursando o nono ano do Ensino Fundamental, foi solicitado a eles que elaborassem um desenho da praça central “Conselheiro Antônio Prado”. Os desenhos foram pedidos porque na disciplina de geografia era estudado o conceito de “lugar” diante da Situação de aprendizagem 07 do currículo oficial do Estado de São Paulo durante o 4º bimestre letivo. Tais desenhos da praça foram coletados e analisados com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento deste trabalho.

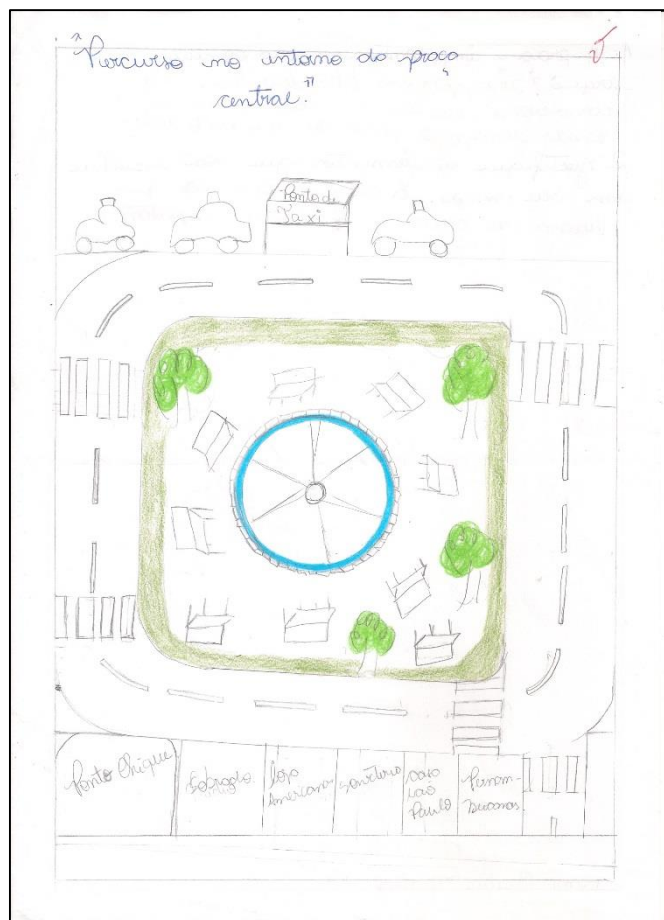
Em 2019, durante o 1º bimestre letivo, a turma dos alunos citados, já na 1ª série do Ensino Médio, estudava a cartografia na disciplina de geografia, onde foram aproveitados conceitos como título, escala e elementos dos mapas e assim solicitou-se que os estudantes confeccionassem um mapa mental do percurso realizado em volta da praça “Conselheiro Antônio Prado”, os mapas serviram de referência para se estudar a percepção da população mais jovem sobre o local, extraindo aspectos do “lugar”.

[...] that they justify a rather special vocabulary, and that their study contributes fundamentally to the understanding of human activities in space. The approach is descriptive: mental phenomena are made more "tangible" by relating them to real life situations (TUAN: 1975 p. 206)

Conforme descrito por Tuan (1975) e após reflexões, este trabalho com mapas mentais visa portanto, tornar mais “tangíveis” às experiências reais afim de poder compreender fatos e atividades do local abordado.

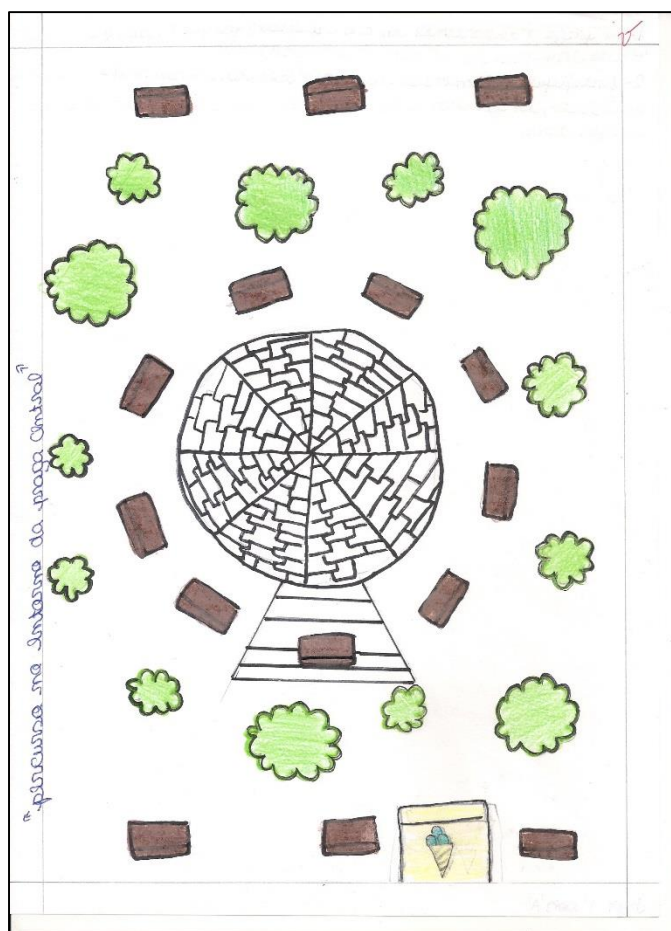
A análise dos mapas mentais seguiu o método fenomenológico segundo Kozel (2009) e através da abordagem qualitativa foram coletados dados e informações por amostragem.

A seguir foram selecionados alguns mapas mentais (Figuras 59 a 65) com posteriores ponderações a respeito de cada um.

Figura 59 – Mapa mental 01

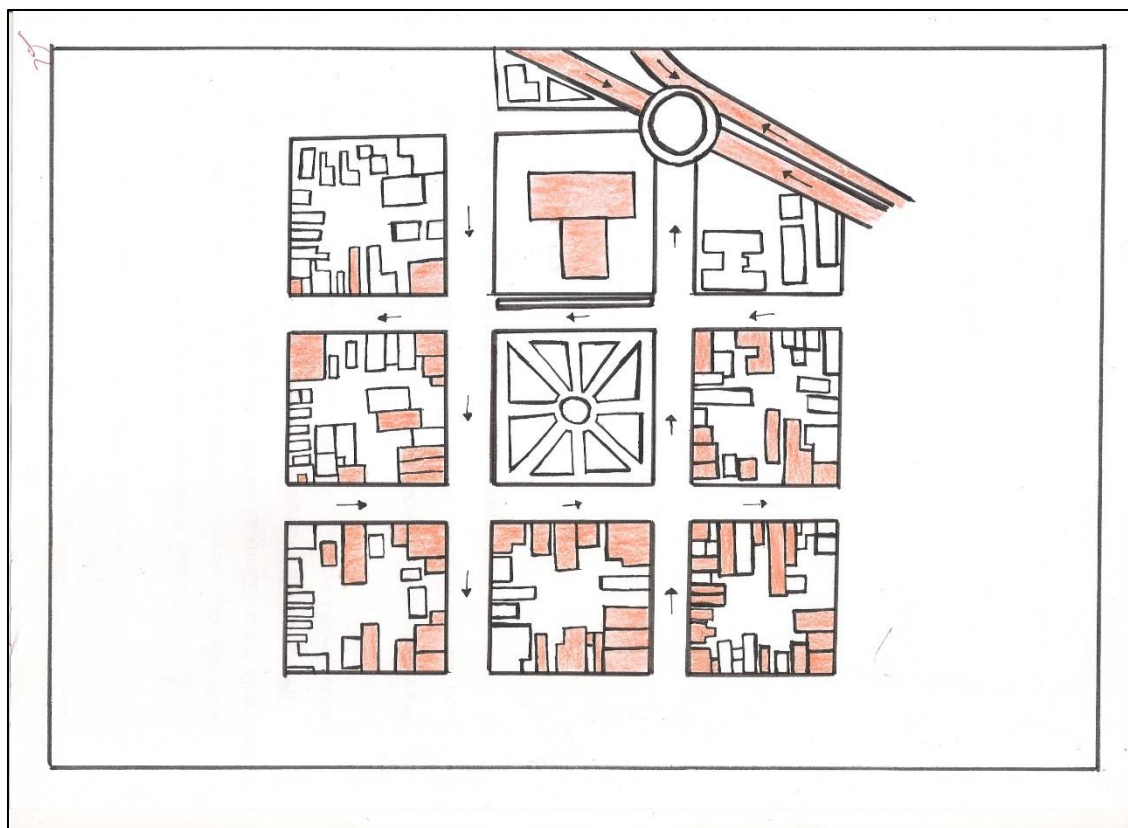
Mapa 01 - Giulia Fernanda Martins, 16 anos, 2019 – O desenho representa uma forma fechada, que de acordo com Tuan (1983) simula o conforto e o seguro, os quais são essenciais para a vida humana. Dentro da representação fechada foi representada a praça central da cidade com destaque para os bancos que rodeiam o coreto. As pinturas feitas com verde e azul demonstram uma ênfase ao lago do coreto e à vegetação existente no local. No entorno da praça foram desenhadas faixas de pedestres em todas as esquinas e juntamente com as faixas representando o meio da rua nota-se empenho em ilustrar um fluxo considerável de automóveis e pedestres. Chama a atenção que fora da área fechada foram representados apenas os comércios da rua principal “Duque de Caxias”. Na parte superior o ponto de táxi passa a admitir uma perspectiva horizontal, diferenciando do restante do desenho.

Figura 60 – Mapa mental 02



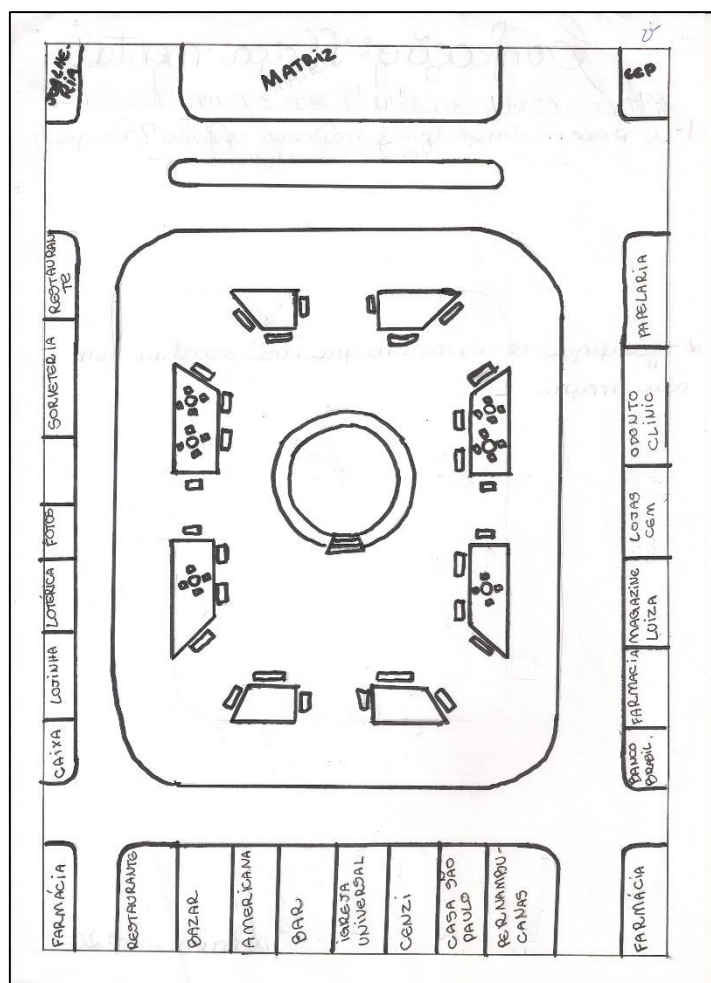
Mapa 02 – Joyce Marques dos Santos, 16 anos, 2019 – Observa-se que não há preocupação com o entorno, os ícones da praça são representados próximos do observador. Há uma perspectiva circular dos elementos dispostos no desenho com grande referência partindo do coreto. Os bancos da praça bem como a arborização são elementos naturais e culturais que se destacam, além de isoladamente um comércio ser ilustrado, no caso a sorveteria defronte à rua da praça central. Nota-se uma despreocupação com as linhas, grades e solo do terreno, existe apenas as representações dos símbolos percebidos.

Figura 61 – Mapa mental 03



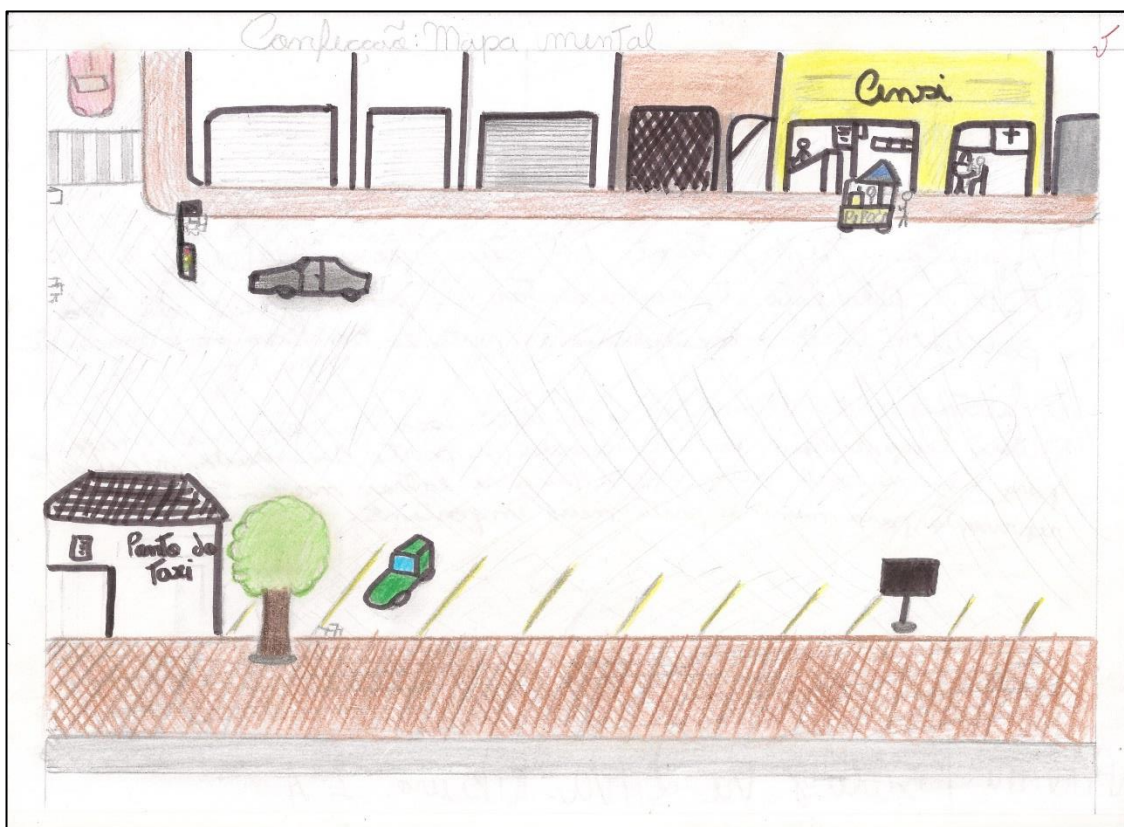
Mapa 03 – Thayná Reis Barbosa 15 anos, 2019 – Os objetos, pontos e construções são dispostos em quarteirões e demonstram que há conhecimento espacial da área, com visão ordenada e traçados geométricos enfatizados. O desenho monocromático explica a tentativa de destacar os prédios comerciais como numerosos bem como vias principais. O percurso é representado com rigor através dos sentidos corretos dos fluxos no trânsito de veículos nas ruas principais do centro. Lynch (2006, 58-61) afirma que “as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo dessas vias [...] Vias específicas podem tornar-se importantes [...]; o hábito de deslocar-se [...]; a concentração de um costume ou de atividades especiais [...]”. A praça é ilustrada com linhas e formas geométricas explicitando as entradas e calçamentos que convergem ao coreto.

Figura 62 – Mapa mental 04



Mapa 04 – Lohaine Aparecida Pion, 16 anos, 2019 – Destacam-se o coreto, bancos da praça e também as mesinhas com bancos para jogos que foram feitos pela prefeitura e onde há presença frequente de jovens. As constantes palavras foram utilizadas devido a necessidade da expressão, a linguagem formal é nítida no desenho com a finalidade de fixar a ideia que buscou se mostrar (LIMA; KOZEL, 2009, p. 218). Há uma preocupação em formalizar todos os comércios existentes no entorno da praça explanando a importância destes na área central e há também a indicação escrita às instituições públicas mais próximas. Inexiste qualquer detalhe a respeito do trânsito.

Figura 63 – Mapa mental 05



Mapa 05 – Isabelly da Silva Ribeiro, 16 anos, 2019 – A perspectiva horizontal foi utilizada como sinal de aproximação e a paisagem é humanizada, essa proximidade é descrita por Lima; Kozel (2009, p. 210) “A distância é um elemento essencial na estruturação do mundo, experimentada como qualidade. O perto o longe, o lá e o aqui, expressam qualidades subjetivas”. Foram enfatizadas características relacionadas ao trânsito como a faixa de pedestres, semáforo, automóveis, vagas para estacionamento e ponto de táxi. Destaque para a tentativa de representar o calçamento tipo português e a rua com paralelepípedos. A escolha foi da rua Duque de Caxias, que é a principal e há necessidade de expressão formal em apenas um comércio: a sorveteria, único local ilustrado com presenças humanas, denotando-se o local mais frequentado pela autora.

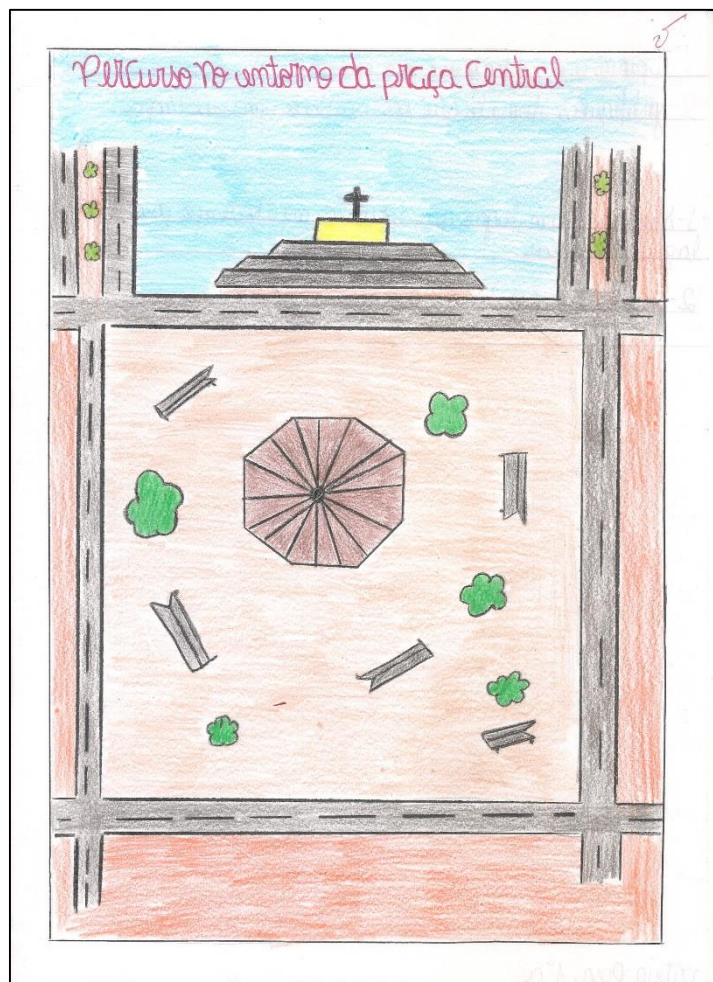
Figura 64 – Mapa mental 06

Mapa 06 – Patrick Felipe Brandão, 15 anos, 2019 – O desenho realizado em forma de mapa rigorosamente atentando-se às linhas, formas e tamanhos explanam um maior conhecimento sobre a área. Ao receber a missão de ilustrar o “percurso no entorno da praça”, o autor decidiu representar um recorte do centro da cidade pois para ele o entorno não significa somente as ruas que limitam sua volta, mas sim, as várias quadras que possuem a praça como referência. Nota-se que há destaque nos quarteirões onde se localizam a praça central e o Santuário Bom Jesus dos Aflitos com apresentações diferenciadas na visão aérea quando comparados aos demais quarteirões, além disso as linhas suaves e sinuosas utilizadas para demonstrar o espaço da praça contrastam com as linhas firmes e retas usadas para retratar as residências e comércios. Não há cores no desenho com a finalidade de chamar a atenção para as formas e simetrias. Valorizam-se os espaços construídos. Para Yi-Fu Tuan, os mapas mentais também podem ser imagens de mapas reais:

A mental map may be the image of a real map, that is, an abstraction of a real map which is itself an abstraction of reality[...]The discrete images of a city-for example, scenes

of shops, monuments, and street corners-can be restructured mentally into a plan (TUAN: 1975, p. 209).

Figura 65 – Mapa mental 07



Mapa 07 – Vitória Rosa dos Santos, 16 anos, 2019 – A cor mais clara colorindo a praça retrata uma afetividade ao lugar, cuja área é fechada demonstrando a segurança e aconchego. Os ícones representados são os bancos e as árvores ao redor do coreto. Nota-se as arborizações fora da praça mais distantes do observador que as dentro dela. Não há preocupação com os comércios que circundam o local pois há ênfase no espaço público. É percebida uma importância na igreja, o “Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos”, onde foi ilustrada uma escada que lembra uma pirâmide, onde a cruz está acima destacando-a sobre a cor amarela utilizada no desenho somente para isso. A escolha foi retratar a igreja na parte superior do desenho com coloração azul representando o céu, ou seja, o divino – cosmografias (TUAN, 1996, p. 92).

Além da confecção dos mapas mentais, foi solicitado aos alunos que respondessem duas perguntas no verso do desenho com a finalidade de obter maiores informações dos estudantes com relação ao lugar representado.

A primeira pergunta foi: “A praça central da cidade é importante em sua opinião?” em que os adolescentes responderam por unanimidade que sim e justificaram a questão de diversas formas com vários apontamentos diferentes.

Os estudantes disseram que a praça faz parte da história de Pirassununga e também que é uma atração por estar no centro da cidade. Ressaltaram que é um lugar que representa um ponto referencial, estando nas proximidades de outros pontos que são importantes e que o local favorece lazer para a população. Chama a atenção também o fato de que elencaram a Escola Estadual Pirassununga e o Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos como patrimônios da cidade e citaram ainda atividades que consideram importantes como o carnaval e as batalhas de rima que ocorrem às sextas-feiras.

A segunda pergunta foi: “Justifique os elementos que você escolheu em seu mapa.”, onde os alunos descreveram ícones, símbolos e demais elementos que foram escolhidos por eles para representar no desenho e em seguida escreveram o porquê das respectivas escolhas.

Nota-se que os elementos que apareceram com mais frequência nos mapas mentais foram o coreto, as árvores, os bancos, os lugares destinados aos jogos, a igreja, a escola e o ponto de táxi. A maioria dos estudantes justificaram suas escolhas dizendo que são áreas de maior movimento de pessoas, locais que proporcionam lazer, atrações da praça, pontos e objetos mais conhecidos e além disso citaram que as escolhas foram feitas porque são as coisas mais importantes do local.

CAPÍTULO 06 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista as análises e considerações das entrevistas realizadas pelos idosos e após interpretar e compreender os mapas mentais confeccionados pelos jovens, e levando em conta que ambos os grupos sociais são moradores da cidade de Pirassununga, algumas ponderações se fazem importantes.

A união da teoria e da prática foram de extrema importância, pois as literaturas selecionadas, coletadas e utilizadas serviram de base para constatar aspectos presentes nas narrativas dos moradores bem como para interpretar e analisar as informações e representações dos mapas mentais.

De acordo com as pesquisas qualitativas elaboradas diretamente com a população foi possível compreender que a praça central da cidade, considerada um “espaço” dentro de Pirassununga possui um significado marcante para os moradores, e assim, passa a ser um “lugar” do ponto de vista dos conceitos geográficos (TUAN, 1983).

Constata-se que a praça central da cidade mencionada, denominada “Conselheiro Antônio Prado” é considerada com apreço pela população, o ambiente com sua arborização e seus múltiplos elementos traz afetividades para com as pessoas, elucidando o que Yi-Fu Tuan (2012) denomina “topofilia”.

Reafirma-se o continuum experiencial descrito por Tuan (1983), considerando que as experiências narradas e representadas pelos moradores se constituem de sentimento e pensamento. Assim, a perspectiva experiencial foi a responsável pelas percepções ambientais urbanas pelas pessoas na praça, cujos sentidos resultaram em aspectos cognitivos resultando nas ações humanas.

As narrativas elaboraram que o conceito das “memórias-lembranças” se relaciona à perspectiva experiencial pois (HALBWACHS, 2003) descreve que os dados coletados no presente são utilizados para fazer uma reconstrução do passado e isso é possível quando residimos por muito tempo em um local conhecendo-o intimamente (TUAN, 1983). Ressalta-se que as narrativas transcritas foram possíveis de serem realizadas devido justamente ao maior tempo de residência em Pirassununga por parte dos moradores entrevistados

bem como suas idades (já acima dos sessenta anos), por conta da finalidade em descrever acontecimentos, fatos e objetos do passado além de narrar as transformações ocorridas ao longo de décadas.

A perspectiva experiencial (TUAN, 1983) deu possibilidades para que os moradores pudessem inferir, avaliar e questionar diversos aspectos sociais, econômicos e históricos durante as entrevistas, abrindo espaço para que refletissem sobre a realidade do cotidiano em escala local.

Esse estudo mostrou através de uma amostragem qualitativa a importância dos espaços públicos para a população e a socialização nas praças. São ações, atitudes e valores que fizeram e fazem parte da vida das pessoas, as quais vão ressignificando o lugar, e assim é possível estabelecer a necessidade de se considerar não só os aspectos objetivos, mas também os subjetivos. Foi nesse sentido que a cidade vivida do ponto de vista da fenomenologia convergiu com as pesquisas realizadas, ou seja, levando-se em consideração a cidade material e também simbólica (MARANDOLA JR; DE PAULA, 2013).

Ainda em se tratando da socialização, é relevante analisar que a vida pública é construtora dos ideais da sociedade, dos seus costumes e sua cultura, ou seja, os próprios elementos que diferenciam os grupos sociais. Assim, não há identidade cultural e histórica sem a socialização, cujo ato é por excelência desenvolvido nos espaços públicos urbanos e este trabalho com as narrativas prestou-se a focar em uma praça revelando seu marco histórico de convívio social (DIZERÓ, 2006) e comprovou através do contato com os moradores que o local de estudo foi e ainda é fundamental para a vida urbana (SILVA, 2011) em Pirassununga.

Os estudos do desenvolvimento das cidades ao longo das eras históricas de Benevolo (2007) contribuíram para perceber e identificar a presença de praças desde a Antiguidade e suas localizações junto às formas em “tabuleiros” nas cidades da América colonial. Da mesma maneira, desenvolveu-se Pirassununga com a praça no centro e com a igreja, prédios públicos e casas das famílias da elite em volta.

Os estudos bibliográficos relacionados à percepção ambiental auxiliaram na compreensão das experiências e das representações dos moradores sobre o lugar, e como já foram mencionados nos resultados, eles percebem a praça

central e seu entorno como referências municipais que necessitam de conservação, cuidado e atenção, pois independente da faixa etária as pessoas consideram que há um contexto histórico a ser resgatado e bens patrimoniais que devem ser preservados. As literaturas relacionadas aos patrimônios vão de encontro com as pesquisas realizadas pois segundo Prats (1998) e Choay (2001) os patrimônios culturais são construções sociais e reúnem materialidade e imaterialidade, ou seja, aquilo que de certa forma também ficou explícito através das narrativas transcritas, onde os entrevistados relacionaram a sociedade com os patrimônios existentes em Pirassununga além relatar seus sentimentos em relação aos prédios públicos do entorno da praça central. Dessa forma, houve destaque para os aspectos intangíveis relatados por (ABREU; CHAGAS, 2009) onde este presente trabalho está em consonância a literatura em questão no sentido em que buscou-se enfatizar os aspectos ideais e valorativos das formas de vida, dos costumes, hábitos e culturas da população.

Quando (SANT'ANNA, 2011) menciona que os monumentos históricos são atribuídos de valor e que existem para atender as necessidades humanas, relembremos dos patrimônios mais citados pelos moradores de Pirassununga: o da “Escola Estadual Pirassununga” e o “Santuário Senhor Bom Jesus dos Aflitos”, o primeiro visava atender a formação educacional dos jovens de toda a região da cidade e o segundo representa o núcleo das manifestações religiosas e elementos culturais.

Fonseca (2003) também contribui sobre o debate patrimonial e é possível estabelecer um diálogo com Choay (2001) no que diz respeito à seletividade da preservação dos bens. As autoras afirmam que há maior interesse na manutenção dos bens materiais que estão ligados às elites. Situação inclusive citada em narrativa de uma moradora que se diz preocupada com os desafios impostos aos patrimônios da cidade pois casas antigas foram sendo demolidas e segundo ela há um comportamento “elitista” por parte de muitos moradores que não enxergam a necessidade de participação ativa em movimentos e atividades populares.

As contribuições de Funari; Carvalho (2009) dizem que os patrimônios são importantes portadores de mensagens, as quais materializam a identidade. Assim, perante os resultados descritos das pesquisas salienta-se que os bancos da praça são culturalmente valorizados em ambas as faixas etárias também.

Eles são imóveis e parecem passar despercebidos quando se caminha pelo local, porém constata-se que as imagens que as pessoas têm da praça sempre estão acompanhadas dos vários bancos ali presentes que circundam o coreto. Eles representam atividades comerciais, industriais, produtos e pessoas que ajudaram a construir a história e a geografia de Pirassununga.

Com relação à conservação dos patrimônios, destaca-se a Escola Estadual Pirassununga, prédio tombado pelo CONDEPHAAT que assegura a permanência dos objetos patrimoniais num raio de 300 metros. Contudo é importante frisar que os patrimônios poderiam ser utilizados de uma melhor forma pela própria população a fim de integrar os bens materiais aos moradores, favorecer a aprendizagem do lugar e usufruir das potencialidades culturais e históricas advindas da patrimonialização.

Os espaços de jogos que existem na praça não são percebidos pelos idosos em suas narrativas, porém eles possuem grande significado para a juventude que busca atividades em tais espaços.

Diante dessas considerações, analisa-se que a praça “Conselheiro Antônio Prado” e seu entorno deveria ser incluída em itinerários turísticos históricos onde a população pirassununguense seria também público-alvo de visitas, aprendizagens e lembranças. A praça poderia passar por uma intervenção onde banners descreveriam os históricos coletados de cada banco de maneira singular agindo para que os idosos contribuam de forma significativa para os jovens e para a população como um todo. As áreas destinadas aos jogos devem ser preservadas repensando a possibilidade de ampliação devido à importância vista pelo público juvenil e assim aumentar sua frequência no lugar, pois os jovens buscam por atividades, estão muito conectados à tecnologia porém faz-se necessário apresentar alternativas de socialização.

Na metodologia deste trabalho, ao mencionar a praça e seu entorno, foi elencada a seguinte questão: O que são, como são e quais são os significados atuais das representações desse local para os moradores mais jovens?

Pelas representações dos jovens é possível dizer que a praça central “Conselheiro Antônio Prado” é lugar de lazer, de atrações, de passeios, com bancos e coreto e que representa um referencial dentro do centro da cidade com seus comércios em volta e prédios públicos como a escola e a igreja. Os

elementos que possuem maior significação são destacados nos desenhos e muitos deles explanam a intimidade do lugar em relação aos autores.

Os estudos de Lynch (2006) foram indispensáveis para o uso dos mapas mentais como representações dos adolescentes selecionados para a pesquisa através da abordagem pela imageabilidade.

As representações das imagens individuais no que se referem às vias, marcos, pontos e símbolos foram descritos por Lynch (2006) e observados através das análises dos mapas mentais requisitados para este trabalho. O referido autor assim descreve os marcos:

Uma vez que o uso de marcos implica a escolha de um elemento dentre um conjunto de possibilidades, a principal característica física dessa classe é a singularidade, algum aspecto que seja único ou memorável no contexto. Os marcos se tornam mais fáceis de identificar e mais passíveis de ser escolhidos por sua importância quando possuem uma forma clara, isto é, se contrastam com seu plano de fundo e se existe alguma proeminência em termos de sua localização espacial (LYNCH, 2006, p. 88)

Portanto segundo as contribuições de Lynch, pôde-se interpretar que os bancos da praça central são considerados “marcos” após observar tanto as narrativas quanto os mapas mentais.

Através do embasamento de Lima; Kozel (2009) foi possível compreender e interpretar informações representadas nos mapas mentais confeccionados no que se refere às aparências combinadas com as intencionalidades que ajudaram a perceber fenômenos, além de identificar valores, signos, símbolos, crenças e diferentes formas de linguagem.

Se pudesse resumir este trabalho em uma única palavra, seria: resignificação. Ele buscou desde o início apresentar algo novo para a ciência geográfica, primeiramente, porque reafirma-se como uma das pioneiras pesquisas na cidade de Pirassununga com abordagem da geografia humanista, segundo, porque se pauta em escrever uma parte da história pelo ponto de vista dos próprios habitantes.

Sem negar a história oficial, resgatamos lembranças e destacamos o que realmente foi e o que ainda é importante para as pessoas enfatizando os principais valores, percepções e atitudes narradas e representadas.

Conclui-se que conservar espaços públicos é algo maior que manter tradições, pois é também uma atitude revolucionária que almeja a valorização da qualidade de vida através da permanência dos traços culturais da geração presente, das que já se foram e também das que ainda virão.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprovou-se que a praça “Conselheiro Antônio Prado” situada na região central da cidade de Pirassununga possui grande importância histórica e cultural para os moradores. O fato de que as memórias frequentes e saudosas dos habitantes bem como alguns eventos municipais indicam que a praça adquiriu grande significado para a população local podendo ser considerada como um “lugar”.

Pelas entrevistas realizadas com moradores e através das representações confeccionadas pelos mais jovens foi possível resgatar memórias da cidade e compreender experiências urbanas e assim perceber que há o reconhecimento da importância da preservação dos patrimônios, os quais carregam parte da história da cidade como um todo, porém é possível identificar que ainda falta consciência por parte de muitos e que são necessários maiores incentivos e iniciativas para que os bens patrimoniais sejam devidamente valorizados e sugere-se a adoção de políticas públicas abrangentes de conservação e fomento ao turismo histórico e cultural.

Por fim é necessário salientar que a cultura local somente será devidamente enfatizada e valorizada através da união entre a sociedade e o poder público convergindo para atitudes que possibilitem explicar a importância atribuída aos espaços públicos.

Conclui-se que as memórias e as experiências devem ser levadas em conta para o planejamento urbano e a educação patrimonial visando a preservação dos patrimônios e a tomada de consciência da população, os quais apresentam-se como um grande desafio mas por seu valor histórico e cultural é possível notar que a praça central e seu entorno é um lugar aprazível capaz de despertar nos moradores a afetividade, o bem-estar e as alegrias resguardando em suas memórias as insubstituíveis experiências positivas.

V - REFERÊNCIAS

ABREU, R; CHAGAS, M. **Memória e patrimônio**: Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009

AMARAL, M. T. do; MELO FRANCO, A. A., **A Vida dos Grandes Brasileiros** - Rodrigues Alves. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974

BENEVOLO, L. **História da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. **Decreto-lei nº 25**, de 30 de novembro de 1937.

CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação liberdade, 2001.

CONDEPHAAT – **Conselho de defesa do Patrimônio histórico, arqueológico, artístico e turístico do Estado de São Paulo**. Busca de bens tombados em Pirassununga. Disponível em: <
<http://condephaat.sp.gov.br/?unonce=c74255af3a&uformid=176&s=uwpsfsearchtrg&taxo%5B0%5D%5Bname%5D=cidades&taxo%5B0%5D%5Bopt%5D=&taxo%5B0%5D%5Bterm%5D=pirassununga&taxo%5B1%5D%5Bname%5D=classificacao&taxo%5B1%5D%5Bopt%5D=&taxo%5B1%5D%5Bterm%5D=uwpqsftaxoall&taxo%5B2%5D%5Bname%5D=livrostombo&taxo%5B2%5D%5Bopt%5D=&taxo%5B2%5D%5Bterm%5D=uwpqsftaxoall&skeyword=>>. Acesso em: 05 jul. 2018

DIZERÓ, J. D. **Praça do interior paulista**: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP. Dissertação (mestrado em urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC, Campinas, 2006.

DUARTE, R.H. **À sombra dos ficus**: cidade e natureza em Belo Horizonte. Ambiente e Sociedade, Campinas, v. 10, n.2, p. 25-44, 2007.

FOGUEL, I. **Pirassununga 1904**: Os apontamentos. São Paulo: Clube de autores, 2018.

FOGUEL, I. **Praças e coretos**. Fotos, fatos e curiosidades. São Paulo: Clube de autores, 2018

FOGUEL, I. **Pirassununga 1939: A Monografia**. São Paulo: Clube de autores, 2018.

FONSECA, M. C. L. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural** in: ABREU, R; CHAGAS, M. (org): Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 56-76

FUNARI, P. P. A; PELEGRINI, S. de C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

FUNARI, P. P.; Carvalho, A.V. **Cultura material e Patrimônio Científico**. In: Granato, M.; RANGEL, M.F (Orgs.). Cultura material e patrimônio da Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro: MAST, 2009, pp3-13.

FUNARI, P.P.A. **Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 41, ½, 2001, 23-32. - Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas

GARCIA, R. Perfil Antonio Prado. **São Paulo nos trilhos** in: Revista Apartes, nº 24 – Março/Julho de 2017

GODOY, M. P. de. **Contribuição à história natural e geral de Pirassununga**, v.1, 1ªEdição, 1974.

GODOY, M. P. de. **Contribuição à história natural e geral de Pirassununga**, v.2, 1ªEdição, 1975.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003 [1.ed.1968].

HERMANN, J. **World Archaeology - The world's cultural heritage**. In Archaeological Heritage Management in the Modern World, H.F. Cleere (ed.). London: Unwin Hyman, 1989. p. 30-37

KOZEL, S. **Mapas mentais – Uma forma de linguagem: Perspectivas metodológicas** in: KOZEL, S. et al (org): Da percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista. São Paulo. Terceira Margem, 2007.

LANDIM, P. da C. **Desenho de paisagem urbana**. As cidades do interior paulista. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

LIMA, A. M. L; KOZEL, S. **Lugar e mapa mental: uma análise possível**. Londrina: Departamento de Geociências UEL, Geografia – v. 18, n. 1, Jan/Jun. 2009.

LUNA, F. V.; KLEIN, H. S. **Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850**. São Paulo: Edusp, 2005.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MARANDOLA JR, E; DE PAULA, L.T. **Imagem e ilegibilidade da forma urbana de Campinas**. Campinas: Revista Rua, nº.19, v. 2, 2013

MACEDO, S. S; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

NORA, P. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. São Paulo. Proj.História, v.10, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008

PERES, R. R. H. da S. **Minidicionário Enciclopédico Escolar Ruth Rocha**. São Paulo: Scipione, 1995

PINHO, M.M.; MELO, F.A.B. ; MOURAO, A.E.B. ; PARENTE FILHO, E.G.; PARENTE, K.M.S. **Controle do Trips Gynaikotrips ficorum (MARCHAL, 1908) em Ficus (Ficus benjamina Linneu, 1758 sob a ação da pimenta malagueta (Capsicum frutescens)**. In: XVI Encontro de Zoologia do Nordeste - EZN, 2007, Garanhuns. XVI Encontro de Zoologia do Nordeste, 2007.

PRATS, L. **El concepto de patrimonio cultural**. Universidade de Barcelona. Política y sociedade. Madri, 1998

RELPH, E. **A paisagem urbana moderna**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1987.

RELPH, E. **Place and placelessness**. Londres: Pion Limited, 1976.

RIBEIRO, W. C.; LOBATO, W.; LIBERATO, R.C. **Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental**. Sinapse ambiental, 2009, p.42-65.

RISSO, L.C. **Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural**. Ponta Grossa. Terra plural, v.8, n.2, pp. 309-319, jul/dez. 2014.

RISSO, L.C. **Estudo de percepção ambiental do parque ecológico de Ourinhos –SP**. Geografia, Rio Claro, v.36, n.2, p.297-310, 2011.

SALCEDO, Rocío Fernandez Baca. **Como moradores percebem a conservação dos centros históricos de Cusco (Peru) e Ouro Preto (Brasil)**. Bauru: Unesp, 1999

SANT'ANNA, M. **Patrimônio Material e Imaterial: dimensões de uma mesma ideia**. In: GOMES, Marco Aurélio; CORRÊA, Elyane. Org. Reconceituações contemporâneas do patrimônio. Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, M.; SOARES, M.A.; VIEIRA, G.T.; ZANUNCIO, J.C. **Ataque de Gynaikothrips ficorum (Phlaeothripidae) em plantas Ficus bejamina (Moraceae) de área urbana.** In: II Simpósio de Entomologia, 2010, Viçosa. II Simpósio de Entomologia, 2007.

SILVA, G. C.; LOPES, W. G. R.; LOPES, J. B. **Evolução, mudanças de uso e apropriação de espaços públicos em áreas centrais urbanas.** Revista Ambiente Construído. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 197-212, jul./set. 2011.

SOUZA, A. B. de. **Duque de Caxias: O homem por trás do monumento.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

TARTUCE, T. J. A. **Métodos de pesquisa.** Fortaleza: UNICE – Ensino Superior, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Images and mental maps.** Annals of the Association of American Geographers, Vol. 65, No. 2 (Jun., 1975), pp.205-213.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Cosmos & Hearth.** A cosmopolite's viewpoint. Minneapolis: University of Minnesota, 1996.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Londrina: Eduel, 2012.

Entrevistados

ALDRIGUETTI, Nelson. Depoimento [Fev. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

ALDRIGUETTI, Rubens. Depoimento [Fev. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

ALEXANDRE, José Carlos. Depoimento [Abr. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz

em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

ANDRADE, Eloíza Salete Souza de. Depoimento [Mar. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

AZEVEDO, Cláudio. Depoimento [Abr. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

BONFIM, Ana Maria Bastos. Depoimento [Fev. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

BORDIGNON, Itelvina Barboza. Depoimento [Fev. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

BRAGAGNOLLO, Roberto Donizeti. Depoimento [Mar. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na Secretaria Municipal de cultura e turismo, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

CALIL, Célia Martins Chamma. Depoimento [Mai. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

DECARLI, Irani Schimack. Depoimento [Fev. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio

Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

FLUETE, Maria Elisabete Baccarin. Depoimento [Fev. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

FOGUEL, Israel. Depoimento [Abr. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida no Teatro Municipal “Cacilda Becker”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

GALLO, Maria Alves Pinheiro. Depoimento [Abr. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

LEITÃO, Francisco Carlos. Depoimento [Fev. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

LEITÃO, Vilma Ferreira Prado. Depoimento [Fev. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

MARUCCI, José Antonio. Depoimento [Mar. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

PINTO, Abílio Junqueira. Depoimento [Mar. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo

das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

PINTO, Maria das Graças Dix de Junqueira. Depoimento [Mar. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

PRADO, João Ferreira. Depoimento [Abr. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

RAYMUNDO, Maria Noêmia Lessa. Depoimento [Abr. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

RAYMUNDO, Vitor Arcângelo. Depoimento [Abr. 2019]. Entrevistador: Gustavo Ferreira Prado. Rio Claro: UNESP – Rio Claro, 2019. Aplicativo gravador de voz em smartphone Motorola. Entrevista concedida na praça “Conselheiro Antônio Prado”, em Pirassununga, à pesquisa “A cidade e seus patrimônios: um estudo das experiências, memórias e representações da praça e do entorno em Pirassununga – SP”

